

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CAMILA DE SOUZA LANES MEDEIROS

**DISPUTA POR ESCOLAS EM ANGRA DOS REIS: quase-mercado
escolar em um município de médio-porte**

**RIO DE JANEIRO
2011**

Camila de Souza Lanes Medeiros

**DISPUTA POR ESCOLAS EM ANGRA DOS REIS: quase-mercado escolar em
um município de médio-porte**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientador: Marcio da Costa

**RIO DE JANEIRO
2011**



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

A Dissertação “**Disputa por Escolas em Angra dos Reis: quase mercado escolar em um município de médio porte**”

Mestranda: **Camila de Souza Lanes Medeiros**

Orientada pelo (a): **Prof. Dr. Marcio da Costa**

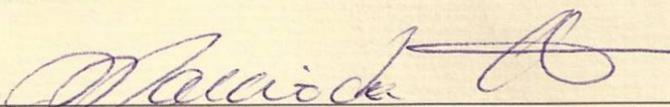
E aprovada por todos os membros da Banca Examinadora foi aceita pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e homologada pelo Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO

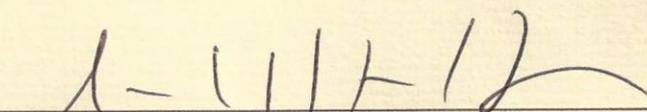
Rio de Janeiro, 23 de março de 2011

Banca Examinadora:

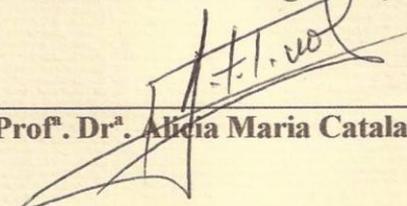
Presidente:



Prof. Dr. Marcio da Costa



Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares



Prof. Dr.ª Alicia Maria Catalano de Bonamino

Em dedicação aos meus pais que tudo fizeram por mim.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente a Deus, que me deu forças para lutar contra as incertezas da vida e alcançar este objetivo.

A meus pais e meus irmãos por dividirem comigo as alegrias e também as tristezas do caminho. Obrigada pelo incentivo diário, sem vocês eu nunca teria chegado até aqui.

A meu esposo por dividir comigo todas as frustrações que aconteceram nesses dois anos e por sempre me estimular a seguir adiante com meus planos.

A minha mãe de coração Maríticia pela amizade e amor inabaláveis.

Aos meus amigos Juliana, Rodrigo e Maria Claudia pelo carinho que me dedicaram nos dias mais difíceis, e pelas alegrias que me proporcionaram nos momentos de descontração.

Aos meus irmãos da vida, Paulo, Andréa e Adriana que acompanharam de perto essa luta, desde quando o Mestrado ainda era apenas um sonho distante. Obrigada pelo apoio e pelo respeito ao silêncio de meus estudos.

A minha companheira de lutas Maria José, que gentil e corajosamente fez a revisão de todas as transcrições das entrevistas realizadas. Obrigada pelo carinho e amizade.

A minha amiga Shirléia pelos conselhos e conversas que me fazem crescer como pessoa e profissional.

Ao Grupo de Pesquisa em Quase-mercado Escolar obrigada pelo auxílio e experiência transmitida durante esses dois anos de Mestrado.

A meu orientador Marcio pela paciência e ensinamentos transmitidos.

Ao meu tio Osvaldo pelo carinho de pai que sempre me transmitiu. Obrigada também pelas transcrições que amigavelmente fez para mim.

A minha prima Míriam pelo apoio incondicional e pelo carinho e amizade que sempre me dedicou. Meu sincero obrigada por estar sempre ao meu lado e por todo auxílio que deu a esta dissertação.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fornecimento de minha bolsa auxílio e a equipe da secretária do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) pelo profissionalismo e dedicação.

Tinha plena consciência de que também eram possíveis os movimentos do sentido oposto. Mas, qualquer que fosse a direção, a evidência da mudança deixava claro a que ponto cada pessoa era influenciada, em seu desenvolvimento, pela posição em que ingressava no fluxo do processo social.

Norbert Elias

RESUMO

O presente estudo, de cunho sociológico, tem como objetivo verificar como ocorre a distribuição de oportunidades escolares frente aos processos seletivos que se apresentam em uma situação de quase-mercado escolar oculto. A partir de entrevistas semi-estruturadas realizadas com trinta e sete famílias e a direção de nove escolas, localizadas na cidade de Angra dos Reis, foi possível identificar como se operam as escolhas por estabelecimentos de ensino por parte das famílias, bem como as táticas utilizadas para a efetivação destas escolhas, e as estratégias adotadas pelas escolas no sentido de preservação, ou não, do sistema hierárquico do qual fazem parte. Os dados levantados a partir dos trajetos escolares indicam uma tipologia das famílias na região e suas tendências à escolha. Aparentemente as escolhas familiares estão direcionadas ao *status* atribuído ao estabelecimento perante a comunidade, não tendo relação direta com o desempenho acadêmico dos estabelecimentos. Sobre as estratégias utilizadas, enquanto as famílias utilizam o capital social como recurso de acesso as escolas privilegiadas da região, as escolas privilegiadas buscam manter o *status* adquirido pelas mesmas, selecionando seu público através dos processos de matrícula. Verificou-se que, ao menos na área estudada, esse processo se encontra mediatizado pelas redes sociais, que tendem a lhe impulsionar e fortalecer. Marques (2009), ressalta que as redes sociais ao influenciarem os fluxos de bens materiais, idéias e poder são importantes canais pelos quais se podem obter benefícios. Os resultados obtidos indicam que as redes sociais tendem a orientar a ecologia do quase-mercado escolar na região, controlando o acesso aos estabelecimentos de ensino privilegiados localmente e instituindo o processo de segregação escolar como legítimo. Confirma-se a hipótese levantada, existe uma hierarquia das escolhas sociais e as melhores escolas tendem a distribuir suas matrículas a alunos conforme a posição hierárquica que estes ocupam. Em outras palavras, famílias com melhores condições econômicas estariam ocupando

as vagas das melhores escolas. As causas seriam dispositivos gerados no âmbito das famílias, e também dos sistemas escolares diante da ausência de mecanismos reguladores dessa demanda.

Palavras-chave: quase-mercado escolar; redes sociais; capital social; escolha escolar.

ABSTRACT

The present study, of a sociological imprint, aimed to investigate how is the distribution of school opportunities facing the selective processes that occur in a hidden quasi-market school. From semi-structured interviews with thirty-seven families and the principals of nine schools in the city of Angra dos Reis, it was possible to identify how the families weighed the choices for schools, as well as the tactics they use to effect their choices, and the strategies adopted by schools in order to preserve or not the hierarchy system which they belong. The data collected from the school paths indicate a typology of families in the region and trends to choose from. Apparently the family choices are directed to the status assigned to the establishment in the community, having no direct relationship with the academic performance of the establishments. About the strategies used, while families use social capital as a resource to access privileged schools in the region, schools seek to maintain the privileged status acquired by them by selecting their audience through the admissions process. It was found that, at least in the studied area, this process is mediated by social networks, which tend to promote and strengthen it. Marques (2009), emphasizes that social networks influence the flows of goods, ideas and power are important channels through which the people can obtain benefits. The results indicate that social networks tend to drive the ecology of the school quasi-market in the region, controlling access to privileged schools locally and setting up the segregation process as a legitimate outcome. This study confirmed the hypothesis that there is a hierarchy of social choices and that the best schools would be limiting its enrollment to students according to the hierarchical position they occupy. In other words, families with better economic conditions are occupying the posts of the best schools. The causes were devices created within the families, and school systems in the absence of regulatory mechanisms.

Keywords: quasi-market education, social networks, social capital; school choice.

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1 – IDEB das Escolas.....	52
Tabela 2 – IDEB dos Municípios por Rede Pública.....	53
Gráfico 1 – População de Angra dos Reis (1970-2010).....	57

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GESED - Grupo de Estudos e Pesquisas Educacionais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

RJ - Rio de Janeiro

SP - São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – REDES SOCIAIS	19
1.1 REDES SOCIAIS: A NOVA MORFOLOGIA SOCIAL DE NOSSAS SOCIEDADES	20
1.2 AS REDES COMO ESTRUTURAS DE ACESSO.....	23
1.3 O CAPITAL SOCIAL.....	27
CAPÍTULO II – QUASE-MERCADO ESCOLAR	34
2.1 QUASE-MERCADO: CONCEITUANDO O TEMA	34
2.1.2 Quase-mercado escolar	36
2.2 A ESCOLHA PELO ESTABELECIMENTO DE ENSINO: EXPERIÊNCIAS VERIFICADAS	39
2.3 QUASE-MERCADO ESCOLAR: SEU FUNCIONAMENTO E SUAS CONSEQUÊNCIAS	45
CAPÍTULO III - METODOLOGIA	49
3.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE	49
3.2 SELEÇÃO DA AMOSTRA.....	50
3.3 PESQUISA DE CAMPO	54
CAPÍTULO IV - O CONTEXTO ESTUDADO	56
4.1 A CIDADE E OS BAIRROS	56
4.2 AS ESCOLAS	58
4.3 O PERFIL DAS FAMÍLIAS.....	67
CAPÍTULO V – RESULTADOS	69
5.1 O QUASE-MERCADO ESCOLAR EM ANGRA DOS REIS	70
5.2.1 Tendência à escolha por tipo de família	78
5.3 ESTRATÉGIAS FAMILIARES	81
5.4 ESTRATÉGIAS ESCOLARES	84
CONCLUSÕES	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93
ANEXOS	97

INTRODUÇÃO

Ao entrar para o curso de Mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro na linha de pesquisa *Políticas e Instituições Educacionais* tive a oportunidade de conhecer os trabalhos do Grupo de Estudos e Pesquisas Educacionais (GESED), particularmente a pesquisa sobre Quase-mercado Escolar.

Apesar da leitura prévia de muitos trabalhos desenvolvidos por esta equipe, publicados em revistas e periódicos nacionais sobre educação, passei a perceber o quanto minha trajetória de vida se encaixava dentro da idéia central da pesquisa. Este grupo, já há alguns anos, tem por objetivo entender como se desenvolve o conceito de *quase-mercado* na cidade do Rio de Janeiro (RJ).

No decorrer dos estudos e das reuniões feitas pelo grupo, movida por um interesse também pessoal, sugeri ao professor Marcio da Costa, orientador do grupo, que fosse realizado um estudo de caráter exploratório na cidade de Angra dos Reis (RJ). Este seria o primeiro trabalho do grupo desenvolvido fora da capital do estado.

Partindo de informações prévias, que indicavam a possibilidade da existência de um quase-mercado escolar, analisei a situação em que se encontrava o sistema de ensino público na região e elaborei, com o auxílio da experiência já acumulada na equipe, as metas e metodologia a ser utilizada.

Com o aval da equipe, retornei a Angra dos Reis, minha cidade natal, para desenvolver a pesquisa de campo de minha dissertação.

As idéias principais eram verificar se as características apresentadas anteriormente poderiam ser caracterizadas como um quase-mercado, entender o que move as escolhas familiares pelo estabelecimento de ensino e verificar o possível papel ativo das escolas no processo da composição de seu quadro discente.

Espero, através deste trabalho, contribuir para a escassa pesquisa nacional sobre o assunto. Acreditando que, através do conhecimento de como funciona na prática o quase-mercado educacional no Brasil, poderão ser desenvolvidas políticas públicas direcionadas a reduzir desigualdades provocadas por este problema.

Sem dúvidas, é impossível que a educação seja a mesma em todas as escolas de nosso país, entretanto a possibilidade de acesso a uma educação de qualidade deve ser um direito real, não apenas letra morta de nossa Constituição Federal.

Um fenômeno que vem sendo discutido pelo meio acadêmico internacional e, ainda de forma tímida, no nível nacional é o da escolha do estabelecimento escolar, consagrado na literatura internacional como *School Choice*. Essa temática pode ser abordada como um genuíno objeto de estudo sociológico ou como peça de políticas de reforma institucional nos sistemas educacionais.

De forma muito simplificada, para os que a tratam da segunda forma, ao se associar “leis concorrenciais de mercado” à educação, a competição teria o efeito de melhorar a qualidade do ensino. Em outras palavras, o estímulo à competição regulada concretizado através de políticas de escolha traria benefícios à qualidade dos sistemas escolares.

Intimamente associada à discussão sobre escolha escolar, vem sendo desenvolvida a problemática sob a qual essa pesquisa se apóia: o quase-mercado. Este recurso analítico nos ajudará a compreender o fenômeno de disputa por escolas públicas que, em âmbito local, poderiam ser caracterizadas como “de elite” ou de “excelência”, destacando hierarquias quanto ao prestígio de que desfrutam.

Usaremos o termo quase-mercado oculto porque trataremos de escolas públicas, as quais, diferentemente da rede privada, não têm nos recursos financeiros, diretamente, seu meio principal de acesso. Atribuímos a caracterização de oculto ao termo porque no caso brasileiro não existem determinações legais sobre a institucionalização da escolha escolar enquanto política pública.

O conceito de quase-mercado nos ajudará a compreender que, mesmo na ausência de políticas públicas que a incentivem, a escolha existe, por parte de escolas e famílias. Estas colocam em ação mecanismos que no âmbito desse trabalho serão vistos como estratégias informais, que irão se ajustar à falta de regulação desse aspecto por parte do poder público.

Em outras palavras, escolas públicas, que muitas vezes não se encontram no topo da hierarquia escolar evidenciada pelos sistemas de avaliação, mas que sob a abrangência de seu campo de atuação seriam consideradas de prestígio, são disputadas pelas famílias. Em contrapartida, estas escolas, mesmo sendo públicas e funcionando através de um sistema democrático, desenvolveriam barreiras de acesso às mesmas.

Assim, o objetivo deste trabalho é verificar como ocorre a distribuição de oportunidades escolares frente aos processos seletivos que se apresentam em uma situação de quase-mercado escolar oculto.

Para isso, destacamos como se operam as escolhas por estabelecimentos de ensino por parte das famílias, bem como as táticas utilizadas para a efetivação destas escolhas, e as estratégias adotadas pelas escolas no sentido de preservação, ou não, do sistema hierárquico do qual fazem parte.

As estratégias familiares, informais, levam em conta diversos fatores que estão diretamente relacionados aos diferentes níveis de acesso a recursos competitivos. Assim, estarão envolvidos nessa escolha diferentes fatores como informação, custos, padrões acadêmicos, *status* socioeconômico, localização no espaço geográfico, hierarquias entre escolas, dentre outros.

Um fenômeno, mais sutil e muitas vezes negado, são as estratégias escolares desenvolvidas para a seleção dos alunos. Entretanto, estudos internacionais já sinalizam esta questão. Segundo Dale (1994), a racionalidade da decisão das escolas de selecionar alunos com base na classe social, aumenta o seu capital cultural (e social), colocando-as numa espiral de sucesso sempre crescente no mercado escolar.

No caso do Brasil, onde os chamados quase-mercados quase nunca são regulamentados, é possível supor que a escolha do estabelecimento escolar foi alterada potencialmente nos últimos anos, segundo Nogueira (1998) tanto em razão de políticas educacionais, quanto em virtude de modificações nas atitudes das famílias. Existiria uma tendência de que as famílias incrementem seus dispositivos de escolha escolar, diante de exposição pública de mais informações comparativas sobre as escolas.

Nosso ponto não é o ataque ou a defesa às vantagens e desvantagens da instauração de políticas de quase-mercado educacional. Espera-se aqui entender seu funcionamento através de um pequeno estudo local. Potencialmente, em condições sociais mais “provincianas”, é possível pensar o quase-mercado escolar oculto (não regulado) como ainda mais vulnerável a mecanismos reprodutores e promotores de desigualdade social.

A hipótese levantada é que existe uma hierarquia das escolhas sociais e que as melhores escolas estariam limitando suas matrículas a alunos conforme a posição hierárquica que ocupam. Ou seja, famílias com melhores condições econômicas estariam ocupando as vagas das melhores escolas. As causas seriam dispositivos gerados no âmbito das famílias, e também dos sistemas escolares diante da ausência de mecanismos reguladores dessa demanda. Acreditamos também que a posição privilegiada dessas escolas advém, ao menos em parte, da própria seleção dos alunos que compõem seu quadro discente.

Partindo da idéia de escolha escolar, em alguns países traduzida em políticas de incentivo, acreditamos ser possível entender a formação de quase-mercado escolar na rede de

ensino fundamental público na cidade de Angra dos Reis. O foco na escolha escolar (estabelecida por famílias e também pelos estabelecimentos de ensino) advém da suposição de que esta seria o principal componente do quase-mercado.

Destacamos que os pais há muito dispõem de critérios e procedimentos que promovem hierarquias na composição das redes de ensino no Brasil. Movidos pela busca de benefícios materiais ou simbólicos, colocam em ação estratégias com vistas ao aumento de seu *status* social, e seus recursos econômicos ou culturais. Por sua vez, as escolas, sabendo da importância desses *status* na sua composição, utilizam artifícios buscando manter, ou aumentar, sua posição na hierarquia da rede.

Talvez famílias e escolas, enquanto categorias analíticas¹ não sejam estritamente racionais, como uma leitura mais dura da frase anterior pode sugerir, mas é possível reduzir esquematicamente a escolha da escola e a escolha pela escola a processos racionais de busca de maximização de benefícios, ainda que não as necessariamente estratégias sejam nítidas, conforme o modelo de compatibilização entre meios e fins. O benefício buscado por famílias e escolas pode ser – e freqüentemente o é – apenas um ambiente mais tranqüilo e ordeiro.

Falar de escolas de prestígio não é algo comum quando nos referimos a escolas públicas de redes municipais e estaduais. Entretanto, como afirmam Costa e Koslinski (2009), “entre os amplos segmentos da população desprovida de meios de acesso a essas escolas de elites, podemos encontrar renhidas lutas pela oportunidade de aceder a uma oferta escolar considerada de qualidade superior às demais dentre o espectro das quais é plausível aspirar”.

Em cidades menores, do interior, talvez até mais acentuadamente. Categorias diferentes poderiam ser atribuídas a esses estabelecimentos fazendo com o que haja forte hierarquia entre eles. As desigualdades sociais, dentro destes, encontram um campo propenso para multiplicação.

Para apresentar o estudo, inicialmente, levantamos a discussão sobre o papel das redes sociais para obtenção de recursos. Considerando meu conhecimento prévio da região estudada verificamos a importância da utilização do capital social enquanto estratégia familiar para efetivação das escolhas, e ainda como as redes sociais, nesta situação especial, se tornaram importante meio de orientação e manutenção das hierarquias escolares.

Castells (1999), ainda que se dedique ao estudo das redes sociais na era da informação, apresenta fundamentos teóricos que nos auxiliaram a entender a utilização das redes sociais enquanto estratégia de mobilidade para as classes populares. Marques (2009) irá aprofundar

¹ Apenas indivíduos agem e escolhem.

este assunto através de um estudo desenvolvido em São Paulo que verificou como as redes sociais “importam” para a pobreza urbana ou são caminhos úteis a obtenção de recursos.

Outro autor que será referência à primeira parte deste trabalho será Granovetter (1973), com sua teoria sobre “a força dos laços fracos”, que demonstra a importância de contatos secundários na obtenção de recursos através de relações que não envolvem custos por parte daquele que necessita de auxílio.

Outro conceito que informa o capítulo I desta dissertação é o de capital social, intimamente ligado ao estudo das redes sociais, ele será aqui analisado com base em Bourdieu (1980), Coleman (1994), Portes (2000) e Marteleto & Silva (2004).

A análise destes autores sobre as redes sociais e as observações sobre utilização do capital social enquanto recurso serão cruciais para entender o quadro que se apresentará nos resultados deste trabalho. Ressaltamos que a utilização do conceito de redes sociais, ainda que aparentemente novo, remota a uma das mais antigas idéias da sociologia, a de solidariedade social. Assumindo que esse conceito de redes sociais parece atualizar com outros nomes esta idéia, aqui iremos considerar o novo termo².

O capítulo II apresenta outro aspecto central deste estudo, o quase-mercado escolar. Sua origem será abordada através de Le Grand (1991) em seu trabalho “*Quasi-markets and Social Policy*”, e os pontos centrais envolvendo a questão da escolha escolar estarão expressos por Berends & Zottola (2009), Holme (2002) e Nogueira (1998b), que refletem a partir da experiência dos Estados Unidos, Reino Unido e França.

Este bloco também apresentará resultados dos trabalhos desenvolvidos, no Brasil, por Costa e Koslinski (2009), levando em conta, ainda, as considerações de Ball, que se manifesta cauteloso sobre a aplicação de políticas de organização de sistemas escolares com estímulo à escolha escolar. As percepções de Yair (1996) sobre o que ele denomina de “ecologia do quase-mercado” e os resultados da pesquisa sobre a concorrência entre os estabelecimentos de ensino realizada por Van Zanten (2005) fecham o capítulo.

Tratados os assuntos que julgamos pertinentes à fundamentação teórica, esclarecemos os procedimentos a cerca da metodologia utilizada, que buscando alcançar o objetivo desta investigação, tem por foco, através de entrevistas realizadas com famílias e a direção das escolas que compõem a amostra, traçar diferentes perfis e trajetórias escolares, descrever os

² Parece ser uma tendência recorrente no campo de estudos sociológicos atribuir novos nomes aquilo que já foi anteriormente mencionado, como exemplo poderíamos citar o capital social que na verdade retoma um dos antigos fundamentos da sociologia Durkheimiana de que o pertencimento a grupos dá sentido e constrói a própria condição do ser humano.

processos de distribuição/ acesso a vagas e levantar as percepções sobre o público e os estabelecimentos.

Buscando levantar informações que auxiliem a apresentação dos resultados, dedicamos o capítulo IV a caracterizar o contexto estudado, a cidade e seus bairros, sua economia, dados da população e como ocorreu a distribuição dos moradores no contexto sócio-espacial da região. Destacamos ainda o perfil das escolas e famílias estudadas e suas principais características.

Os resultados, baseados nos capítulos anteriores evidenciarão a existência do quase-mercado escolar na região, mostrando que as redes sociais são o grande elemento diferenciador deste fenômeno. Se em algumas situações as redes impulsionam os indivíduos na obtenção de recursos, em Angra dos Reis elas, ainda que auxiliem um número reduzido de pessoas, parecem organizar e fundamentar a hierarquia escolar local, contribuindo para a exclusão dos já desfavorecidos.

CAPÍTULO I – REDES SOCIAIS

O uso do conceito de redes sociais, como nova morfologia de nossas sociedades (CASTELLS, 1999) nos permite compreender como têm se estabelecido muitas das relações entre os sujeitos. Caracterizadas como elos entre os indivíduos, essa estrutura forma um canal por onde circulam bens e serviços. Os estudos consultados verificam que elas têm se tornado, cada vez mais, importante meio de mobilidade para aqueles que não podem obter recursos via mercado.

No caso específico desta dissertação, verificamos que a estrutura de rede, ambigualmente, tende a provocar exclusão e discriminação dos não membros, contribuindo para os processos de segregação escolar e concedendo certa legalidade ao quase-mercado escolar na região.

Por esta razão, apresentamos inicialmente, reflexões sobre o conceito de redes sociais que julgamos facilitar a compreensão do fenômeno que esta dissertação se propõe a apresentar. Procuramos demonstrar que as redes podem ser tomadas como o mais importante fator de organização das sociedades, e que apesar de sua mobilização não garantir a eficácia na obtenção de benefícios, ela tende a facilitar o acesso a estes por parte de seus membros.

Considerando as redes sociais como padrões relacionais, é também indispensável invocar o conceito do capital social, que procura caracterizar um poderoso instrumento diferenciador dos que dele dispõem. Como bem possuído pelos sujeitos ou como recurso da estrutura, o volume deste tipo de capital determina fortemente as oportunidades que se encontram à disposição dos sujeitos em determinada rede.

Arriscaríamos dizer que os conceitos de redes sociais e capital social se complementam e sobrepõem. O capital social representa, na verdade, o elemento estruturador das redes sociais, ao passo que o volume deste recurso define a posição dos sujeitos no contexto, estabelecendo as hierarquias.

É interessante notar que desde os estudos clássicos de redes sociais até os mais recentes, concorda-se que não existe uma “Teoria das Redes Sociais” e que o conceito pode ser empregado com diversas teorias sociais, necessitando de dados empíricos complementares, além da identificação dos elos e relações entre os indivíduos. Assim a análise de redes pode ser aplicada no estudo de diversas situações e questões sociais (MARTELETO, 2001).

Segundo Marques (2006), este tipo de estudo parte das relações sociais como unidades básicas da sociedade, ao invés de atributos individuais. Os trabalhos neste campo, quase

sempre, dedicam-se a estudos de caso sobre padrões de relações que envolvem entidades, organizações, famílias, indivíduos, etc., como componentes das redes.

Para o autor, as redes podem ser consideradas de três formas distintas. Metafóricas, apresentando apenas uma função descritiva ou ensaística; como uma prescrição normativa para uma determinada situação; e como ferramenta analítica para o estudo de situações sociais específicas através do detalhamento das relações apresentadas (MARQUES, 2006). A terceira opção parece a mais apropriada a este trabalho.

1.1 REDES SOCIAIS: A NOVA MORFOLOGIA SOCIAL DE NOSSAS SOCIEDADES

Em sociedades marcadas pelo desenvolvimento acelerado das possibilidades de comunicação entre os indivíduos, nas quais a troca e o fluxo de informações, bens e serviços acontece de maneira cada vez mais intensa, ganham espaço cada vez mais relevante as redes sociais estabelecidas entre os sujeitos.

Castells (1999) ressalta que em meio às novas mudanças, segundo ele, confusas e incontroladas, as pessoas tendem a se agrupar em torno dos indivíduos com os quais se estabelece uma identidade primária, seja ela religiosa, étnica, nacional, regional, etc.. Nas palavras do autor:

Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca da identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social. (CASTELLS, 1999, p. 41)

Contudo, é importante atentar para como as redes irão se comunicar entre si. Com metas distintas e estratégias por vezes opostas, criam-se conflitos que, em sua maioria, tendem a reproduzir as desigualdades sociais, visto que os indivíduos se encontram hierarquizados de acordo com seu nível/posição de recursos (autoridade, prestígio e bens materiais).

Formando uma estrutura de intercâmbio entre os indivíduos, as redes sociais por sua natureza apresentam características denominadas por muitos de opostas, porém preferimos considerá-las complementares. Se por um lado elas conectam indivíduos facilitando suas ações, a mesma situação provoca o isolamento ou exclusão dos não membros ou dos integrantes de outras redes.

Castells (1999) levanta a hipótese de que todas as tendências a mudanças de nosso mundo podem ser inter-relacionadas, assim mesmo em situações onde as redes não estão expandidas por todo o território, seus sujeitos e atividades, elas tendem a interferir na vida de toda comunidade.

Ainda segundo o autor, as redes constituem a nova morfologia social³ de nossas sociedades, modificando de maneira cada vez mais efetiva a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, da cultura e ainda, reorganizando as relações de poder.

As conexões que ligam as redes (por exemplo, fluxos financeiros assumindo o controle de impérios da mídia que influenciam os processos políticos) representam instrumentos privilegiados de poder. Assim, os conectores são detentores do poder. Uma vez que as redes são múltiplas os códigos inter-operacionais e as conexões entre as redes tornam-se fontes fundamentais da formação, orientação e desorientação das sociedades. (CASTELLS, 1999, p. 566-567)

Nessa ótica, mesmo que as redes sejam estruturas abertas e capazes de se expandir (CASTELLS, 1999), a inserção de novos membros tende a favorecer aqueles que compartilhem os mesmos códigos dos sujeitos já inseridos. Dentro das redes, os sujeitos tendem a ocupar posições que demarcam distintas possibilidades de usufruir ou não dos benefícios disponíveis à estrutura.

A forma como os sujeitos mantêm a estrutura das redes revela também que eles não possuem necessariamente um código declarado de valores ou normas a ser cumprido. Eles agem de acordo com as experiências previamente adquiridas, de maneira geral, buscando a manutenção ou a elevação da posição que ocupam.

Assumindo cada vez mais uma posição de destaque para as possibilidades de ascensão entre as camadas populares, as redes sociais se tornam importante objeto de investigação das ciências sociais. Castells (1999) usa a denominação de “sociedade em rede”. Como seus trabalhos procuram demonstrar, a presença da rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de dominação e transformação de nossa sociedade.

No contexto brasileiro, Eduardo César Marques, dedicado ao estudo das redes sociais, tem levantado importantes observações sobre suas características, como elas podem influenciar resultados e estratégias, e também sua utilização por parte das camadas populares em busca da mobilidade social.

³ Ainda que essas conexões existam desde o princípio das sociedades, nos dias atuais elas se apresentam de maneira mais clara e abrangente, sendo difícil pensar em qualquer relação social sem incluir a idéia de rede social. Talvez por essa razão, Castells (1999) use a denominação de “nova” morfologia.

Segundo Marques (2006) as redes sociais estruturam os campos de diversas dimensões do social, influenciando o fluxo de bens materiais, idéias, informação e poder, possibilitando aos sujeitos que delas fazem parte, que certos resultados sejam mais prováveis, quando comparados aos alcançados por indivíduos fora das mesmas.

O autor também reafirma o já destacado por Castells (1999), a necessidade de se observar as diferentes posições de poder internas às redes. Essa relação hierárquica tenderá ainda a constringer escolhas, diferenciar o acesso a bens e instrumentos de poder, e determinar alianças possíveis.

Notamos desta forma que o pertencimento a uma rede, mesmo que aumente as possibilidades de sucesso, não garante a captura de determinado benefício. Deve-se atentar para o lugar ocupado pelo sujeito dentro da estrutura relacional, ou talvez ao conjunto e qualidade de seus vínculos, antes de entender o acesso, ou não, a determinado benefício que circula em seu interior.

Analisando o contexto das redes na elaboração das políticas públicas Marques (2006) traz consideração que pode ser direcionada a outras situações sociais. Para ele, essas estruturas formam um denso e complexo tecido relacional interno ao Estado, que por sua vez, emoldura a dinâmica política e influencia fortemente a formulação e a implementação das políticas públicas.

Cada situação social conta com um conjunto de atores dotados de instrumentos de poder que disputam os resultados do processo político em termos de distribuição de benefícios escassos, assim como de poder político, que em última análise explica a possibilidade diferenciada de captura daqueles benefícios. (MARQUES, 2006, p. 17)

É interessante notar que tais relações, ainda que em constante transformação, tendem a apresentar elevada permanência, como qualquer outra estrutura. Em seu trabalho, Marques (2006) destaca que, embora os vínculos estejam sempre em movimento, a parcela que se altera, ou é alterada, tende a ser pequena quando comparada ao conjunto e força dos vínculos pré-estabelecidos.

Para o autor, as redes parecem resultado de ligação entre uma ação orientada para determinados fins, o acaso e padrões de vínculos anteriores. Todavia, como os atores não possuem o controle da estrutura das redes e da posição dos demais sujeitos, eles conseguem influenciar muito pouco o tecido relacional em que se inserem, mesmo que ajam racionalmente para construir e desmontar vínculos. Parafraçando Marx, ele diz que os indivíduos fazem as redes, mas não as fazem como querem.

Contudo, como dito anteriormente, mesmo que apresentem essa característica hierárquica e ainda que as redes sociais contribuam para a exclusão de determinados indivíduos elas também têm sido apresentadas como importante mecanismo de mobilidade para as camadas populares da sociedade. A utilização das redes, em muitos casos, tende a facilitar a ação desses indivíduos, aumentando as oportunidades de efetivação de suas metas.

1.2 AS REDES COMO ESTRUTURAS DE ACESSO

Ainda que o individualismo seja muito forte na sociedade moderna, a mobilização das relações interpessoais como estratégia de “sobrevivência”, obtenção de benefícios, alcance de metas, permanece em constante evolução. Por isso, a necessidade de entender os padrões de relação de determinadas redes para o estudo de fenômenos sociais.

Marques (2009) discute o papel das redes para o acesso a bens obtidos “fora dos mercados”. A pesquisa de base para seu estudo desenvolveu-se em São Paulo e tinha como objetivo - via análise da sociabilidade de um grupo de 209 indivíduos, distribuídos em sete locais de concentração de pobreza⁴ - detectar as características das redes sociais destes, sua variabilidade e os efeitos sobre a pobreza urbana.

Segundo o autor, redes sociais são representações analíticas dos contextos e dos padrões de relações que cercam uma dada situação social. Os resultados de sua pesquisa, por sua vez, evidenciam a mobilização das redes pelos indivíduos para a obtenção de ajudas. Estas, que se encontram caracterizadas como trocas que demarcam as relações sociais, podendo ser materiais e imateriais.

As trocas estabelecidas pelos indivíduos poderão também envolver dimensões marcadamente simbólicas como reconhecimento e prestígio (MARQUES 2009) que estariam inseridos na lógica da reciprocidade social que se estabelece sobre a relação⁵.

⁴ Buscando um parâmetro de comparação, foram adicionadas às entrevistas inicialmente planejadas outras 30. Essas, todavia, realizadas com indivíduos considerados de classe média.

⁵ Mauss no início do século se utilizou da dádiva para compreender como se estabelecem as relações entre os indivíduos. Segundo ele, a dádiva seria o oposto da troca mercantil, ela representaria a essência da reciprocidade, denominada por ele de *mana* (SABOURIN, 2008). As relações humanas seriam assim representadas por um constante dar-receber-retribuir. Admitindo a idéia de que não existe dádiva sem expectativa de retribuição, ele ressalta que o ato de dar pode sim estar associado à generosidade, todavia, um altruísmo puro seria mera mistificação (LANNA, 2000).

Padrões relacionais são sempre redes de trocas, não apenas pelo que se pode fluir pelas relações, mas também pela reciprocidade envolvida e pelos graus de confiança e intimidade que as viabilizam e se perpetuam no tempo. (MARQUES 2009, p. 26-27)

Tratando das trocas mercantis, ele dirá que estas são mais intensamente impessoais, todavia em contextos de pobreza altamente informais a impessoalidade tende a ser menor. Neste caso, analisa Marques (2009, p. 26), as trocas da economia estão mais atravessadas pela economia das trocas.

O que é importante destacar sobre essas trocas são as possibilidades de acesso que elas proporcionam. Nas palavras de Marques (2009), essas trocas melhoram as condições de vida e solucionam problemas cotidianos de indivíduos com baixíssimo acesso a renda, que não dispõem de recursos econômicos para comprar bens e serviços via mercado.

No caso específico do estudo do autor, as ajudas envolvem trocas de diversas naturezas, e quanto mais custosas estas forem mais elas serão dependentes de vínculos de confiança que determinam a segurança na retribuição futura. Porém, como ele afirma, em determinadas situações, a confiança e a reciprocidade social não asseguram a impossibilidade de trocas mediadas por recursos financeiros.

Outra observação importante levantada por Marques (2009) é de que as redes de indivíduos pobres tendem a ser menores, mais locais e menos variadas em termos de sociabilidade, quando comparadas as redes dos indivíduos das classes médias. Nas palavras do autor:

Praticamente inexistem relações entre grupos sociais e de renda. Essa é uma das mais importantes características dessas redes para a reprodução da pobreza e da desigualdade social, que, entretanto, não se origina nas redes, mas representa apenas uma faceta relacional da estrutura. (MARQUES, 2009, p. 28)

Entretanto, apesar dessas características, os achados da pesquisa destacaram que as redes dos indivíduos pobres também variam muito, quando comparadas entre si. Se, por um lado, uma parcela dos entrevistados possui vínculos muito locais, outra parcela demonstrou grande heterogeneidade nas relações, produzida principalmente em ambientes organizacionais e institucionais.

Estas redes médias estabelecidas pela sociabilidade variada tendem a influenciar positivamente as camadas mais pobres da população, como o autor afirma, ajudando a combater o isolamento social produzido pela segregação. Citando como exemplo o emprego, destaca-se que as redes e o tipo de sociabilidade ajudaram a explicar o rendimento dos indivíduos, em conjunto com variáveis tradicionais (MARQUES, 2009).

Em todos esses casos, a existência de padrões relacionais baseados em contatos primários e mais propensos à homofilia e ao localismo aparece associada a piores condições. Inversamente, quem conta com padrões de relação menos primários e mais associados a ambientes organizacionais tende, com maior frequência, a ter trabalho, ter trabalho mais protegido e a ser menos precário socialmente. (MARQUES, 2009b, p. 497)

Miller McPherson, Lynn Smith-Lovin e James M. Cook (2001) dedicam um importante trabalho sobre a homofilia nas redes sociais que contribui para a discussão sobre as trocas baseadas na solidariedade social. Associando o termo a uma conexão de raças, os autores afirmam que este princípio estrutura as redes de todos os tipos, como casamento, local de trabalho ou estudo, associações e outros diversos meios de relação.

Para eles, esse sentimento de “pessoas como nós” trará fortes implicações para o mundo social das pessoas, suas atitudes, suas experiências, a informação que elas irão receber e as opiniões que serão formadas. Todavia, se por um lado a homofilia tende a ser importante fator de influência para trocas entre sujeitos similares, por outro ela pode limitar a rede de relações destes⁶.

Nas palavras dos autores:

Homophily is the principle that a contact between similar people occurs at a higher rate than among dissimilar people. The pervasive fact of homophily means that cultural, behavioral, genetic, or material information that flows through networks will tend to be localized. Homophily implies that distance in terms of social characteristics translates into networks distance, the number of relationships through which a piece of information must travel to connect two individuals. It also implies that any social entity that depends to a substantial degree on networks for its transmission will tend to be localized in social space and will obey certain fundamental dynamics as it interacts with other social entities in an ecology of social forms. (McPHERSON, SMITH-LOVIN e COOK 2001, p. 416)

Como verificado na pesquisa em São Paulo (SP), contatos menos primários e mais associados a ambientes organizacionais tendem a render maiores possibilidades aos sujeitos. Esse achado contribui ao estudo de Granovetter (1973), denominado de “*The strength of weak ties*”, sobre as informações de baixo custo que circulam pelas redes através de contatos pouco intensos, mas que se destacam pelo alto nível de mobilidade que deles decorrem.

Através do esquema de tríade, o autor constrói um interessante modelo a respeito das redes sociais. Caracterizando os vínculos sociais como laços, ele irá afirmar que a força de um

⁶ A homofilia de relações apresenta assim um caráter ambíguo. Como tratamos anteriormente, se por um lado as relações podem ser favorecidas pela formação dos pares, por outro lado, podem se estabelecer grupos que tendem a excluir pessoas com características diferentes, levando ao preconceito e à discriminação, como são os casos de grupos raciais, de gênero ou religiosos.

laço pode ser caracterizada como a quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade e serviços recíprocos que caracterizam o laço.

Sua idéia se baseia no seguinte esquema: dados três sujeitos A, B e C, e verificando a existência de laços fortes entre A/B e A/C, sugere-se a existências de laços (fracos ou mesmo aparentemente ausentes) entre B/C. Mesmo não conectados entre si, B e C estabelecem uma relação caracterizada como ponte.

Segundo o autor:

Since, in general, each person has a great many contacts, a bridge between A and B provides the only route along which information or influence can flow from any contact of A to any contact of B, and, consequently, from anyone connected indirectly to A to anyone connected indirectly to B. Thus, in the study of diffusion, we can expect bridges to assume an important role. (GRANOVETTER, 1973, p. 1364)

O destaque desse autor está em contradizer as correntes que não atribuem importância aos laços fracos. Em seu estudo, tais laços são vistos como indispensáveis para as oportunidades individuais, permitindo aos sujeitos alcançar novas redes. Por sua vez, laços fortes tendem a reproduzir a coesão local, implicando no risco de fragmentação, sob o ângulo da sociabilidade mais abrangente.

Quando os indivíduos interagem em uma mesma escala social parece não ocorrer grandes trocas entre eles, visto que ao dispor de recursos semelhantes causam uma sobreposição das relações as limitando. Todavia quando essas trocas, feitas via laços fracos, são estabelecidas, tende a ser disponibilizada, ao lado mais fraco do laço, uma gama maior de recursos e possibilidades, aumentando as oportunidades da mobilidade⁷.

[...] That analysis of processes in interpersonal networks provides the most fruitful micro-macro bridge. In one way or another, it is through these networks that small-scale interaction becomes translated into large-scale patterns, and these, in turn, feed back into small groups. (GRANOVETTER, 1973, p. 1360)

Autor de uma série de importantes estudos no campo sociológico da análise das redes, Mark Granovetter destaca que para as ciências sociais é de grande valia saber a informação que as pessoas têm de suas redes, como eles a utilizam e como o comprimento desta cadeia (*chain*

⁷ Marteleto (2001), analisando o papel da informação na mobilidade dos indivíduos apresenta achados semelhantes. Ao fazer uso destes espaços, caracterizados, em seu estudo, como aberturas estruturais, mais pessoas são atingidas, com menos contatos diretos e, portanto, com menos esforço. São, assim otimizadas as relações por intermédio de contatos estratégicos.

length) tende a impactar os sujeitos. Para ele, nenhuma parte da vida social poderia ser propriamente analisada sem considerar como estão enraizadas as relações entre os sujeitos.

Conectada aos aspectos da estrutura social, a experiência pessoal dos indivíduos está muito além de seu controle. Os sujeitos podem até agir racionalmente, mas suas ações tendem a ser constrangidas pela estrutura das redes, que por sua vez determina os recursos disponíveis a eles (GRANOVETTER, 1990).

Desta forma são cruciais as informações que o sujeito pode agregar para si. Entretanto, dado o alto nível de ignorância das redes, poucas pessoas poderiam identificar o caminho mais eficiente para “completar a cadeia” (GRANOVETTER, 2003). Nas palavras do autor:

People’s information about how many contacts one’s friends have is generally poor. Yet, it is likely that the choices respondents made were typically for individuals with a greater than average number of ties, because such individuals are considerably more likely than others to be chosen in networks relations. (GRANOVETTER, 2003, p. 774)

Granovetter (1990), apresenta importantes considerações para análise desta situação específica. Tentando superar as dicotomias entre a literatura econômica e a literatura sociológica, abandonando posições inteiramente do lado da demanda e do mercado, ele se dedica a entender como certas características dão acesso a diferentes posições/recompensas na estrutura social.

A esta temática o autor denomina *problem of matching processes*. Tal problema de ajuste estaria basicamente concentrado nas redes sociais, onde a localização dos sujeitos molda a vida e as recompensas disponíveis para cada posição. Para a compreensão deste mecanismo ele sugere, por isso, a integração das visões da oferta e da demanda.

Em suma, o que se torna importante destacar do trabalho dos autores apresentados é a importância cada vez maior da análise das redes sociais no campo da sociologia, particularmente suas conseqüências para a vida dos sujeitos. As redes sociais tendem a ter impacto preciso na mobilidade social dos sujeitos que compõem a estrutura ou que nela conseguem penetrar.

1.3 O CAPITAL SOCIAL

A utilização das redes sociais como estratégia por parte dos indivíduos invoca o conceito de capital social. Ainda que a percepção sobre os recursos obtidos pela via da participação em grupos remonte à origem da sociologia, este é um tema que nos últimos anos ganha cada vez mais destaque e novos contornos.

Bourdieu e Coleman são dois, autores fundantes, que dedicaram parte de seus estudos ao tema. Ambos buscam compreender o impacto que a sociabilidade pode provocar na vida dos sujeitos, ainda que por caminhos distintos.

Enquanto Bourdieu enfatiza os conflitos e as lutas concorrenciais entre indivíduos e grupos pelos diferentes espaços de poder, Coleman destaca os meios pelos quais os diferentes grupos sociais trabalham em conjunto e as relações de reciprocidade e de confiança estabelecidas entre seus membros. (BONAMINO; ALVES; FRANCO, 2010, p. 491)

Assim, em Bourdieu os efeitos sociais, mesmo que relativos ao grupo, são compreendidos ao nível dos agentes singulares. Por sua vez, em Coleman, o capital social não seria atributo de indivíduos, e sim um aspecto dependente do contexto e da estrutura social, em outras palavras, das relações entre sujeitos e grupos⁸.

Na concepção de Bourdieu a participação em grupos possibilita aos sujeitos se apropriar dos benefícios materiais e simbólicos que circulam no interior das redes. Nas palavras do autor:

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. (BOURDIEU, 1980)

Sobre o volume deste tipo de capital, ele destaca que dependerá da extensão da rede de relações que o sujeito possui, e claro, do volume de capitais que se encontra de posse de cada um daqueles a qual ele está ligado (BOURDIEU, 1980).

Contudo, a participação em grupos, apesar de não ser um dado natural, em muitos dos casos também não se apresenta como um ato intencional, fruto de cálculo racional plenamente consciente (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2006). Em outras palavras, os ganhos obtidos por essas conexões podem não estar como objetivo principal da união:

⁸ Diferente das outras formas de capital, o capital social diz respeito à estrutura das relações e não a indivíduos isolados ou elementos físicos da produção (COLEMAN, 1990).

Os lucros que o pertencimento a um grupo proporciona estão na base da solidariedade que os torna possível. O que não significa que eles sejam conscientemente perseguidos como tais. (BOURDIEU, 1980)

É importante ressaltar que o capital social, mesmo que delegado a todos seus membros, encontra-se sempre em proporção desigual, e aquele que o concentra em maior quantidade, mesmo tendo seu poder derivado de todo o grupo, tende a exercer seu poder sobre e, em determinados casos, contra o grupo (BOURDIEU, 1980).

Uma forma diferente de aquisição do capital social não se encontra nas estratégias mobilizadas pelos indivíduos para estabelecer relações, são situações em que se possui um sobrenome importante, por exemplo, que permite aos sujeitos tornar relações circunstanciais em ligações duráveis. Denominado capital social herdado, são casos em que, como afirma Bourdieu (1980), os sujeitos não têm de se relacionar com os demais, eles já são conhecidos, inclusive por um número muito maior de pessoas que julgam conhecer.

Para Coleman (1990), que busca compreender o capital social através de sua função, os aspectos da estrutura serão cruciais na qualidade das relações entre os sujeitos, que tendem a facilitar as trocas no interior dos grupos ou redes. Assim, obrigações, expectativas e a confiabilidade das estruturas marcam a disponibilidade ao alcance dos recursos.

Segundo o autor:

Social interdependence and systemic functioning arise from the fact that actors have interests in events that are fully or partially under the control of other actors. The result of the various kinds of exchanges and unilateral transfers of control that actors engage in to achieve their interests is the formation of the social relationships having some persistence over time. (COLEMAN, 1990, p. 300)

Ao se perceberem como atores individuais, não apenas como componentes da estrutura, os sujeitos estabeleceriam relações sociais. A essa estrutura social de recursos que se encontra de posse dos indivíduos e que caracterizam um determinado valor, denomina-se capital social.

Como foi mencionado anteriormente, o capital social não seria constituído por um sujeito isolado, mas sim numa variedade de entidades que devem apresentar duas características comuns: todos devem constituir certo aspecto da estrutura social, e devem facilitar determinadas ações dos indivíduos que compõem a estrutura (COLEMAN, 1990).

By identifying this function of certain aspects of social structure, the concept of social capital aids in both accounting for different outcomes at the level of individual actors and making the micro-to-macro transition without elaborating the social-structure details through which this occurs. (COLEMAN, 1990, p. 305)

Como outras formas de capital, Coleman (1990) destaca que aquilo que é expressado através do capital social têm por objetivo facilitar a realização de certas metas, que por sua vez, não seriam atingidas, ou seriam a grande custo, caso ele não estivesse presente.

Considerando a utilização educacional do capital social, Coleman (1990) faz referência ao importante trabalho desenvolvido por Loury (1977; 1987 apud COLEMAN, 1990) e que levanta importante percepção, útil a este trabalho:

In Loury's usage social capital is the set of resources that inhere in family relations and in community social organization and that are useful for the cognitive or social development of a child or young person. These resources differ for different persons and can constitute an important advantage for children and adolescents in the development of their human capital. (COLEMAN, 1990, p. 300)

As considerações levantadas sobre o capital social nos permitem entender como se desenvolvem muitas das relações encontradas na sociedade, como elas se estabelecem e o que as incentiva. Sua importância para esta dissertação está em como o capital social tem se transformado em fonte de oportunidades para mobilidade das camadas menos favorecidas da população - que por sua vez não dispõem de capital econômico ou cultural - bem como os aspectos negativos de sua utilização.

Para Portes (2000) o capital social seria um recurso individual para assinalar uma característica de comunidades e mesmo de nações, representando, como o autor denomina, uma designação estenográfica das conseqüências positivas da sociabilidade.

Ele considera que as redes sociais não são um dado natural, elas tendem a se estabelecer por meio de estratégias de investimento orientadas para a institucionalização das relações do grupo, por meio das quais se estabelece um elo que permite a troca de diversos benefícios.

Segundo este autor a importância do capital social deriva de duas fontes: a de que ele atua sobre as características positivas da sociabilidade, por sua vez mantendo afastadas as características "menos atrativas"; e por envolver essas conseqüências positivas em uma noção mais ampla de capital, mostrando que formas não monetárias podem ser importantes fontes de poder e influência.

Ao tratar das fontes das quais o capital social tem origem ele destaca que podem existir diferentes motivações por parte dos protagonistas, que variam, esquematicamente, entre altruístas e instrumentais.

As motivações altruístas⁹ representam a capacidade do ser humano se colocar no lugar do outro e, a partir desse sentimento, se colocar à disposição para ajudar. Uma variação desta motivação seria a solidariedade confinada, na qual a disposição dos autores não é universal, mas se encontra limitada ao âmbito de sua comunidade ou a determinado grupo com o qual os mesmos se identificam.

Analisando a motivação por seu lado instrumental, Portes (2000) diz se tratar de uma abordagem mais próxima da visão da economia moderna, através da qual o capital social seria marcado por um sentimento de obrigação para com terceiros, pautado em normas de reciprocidade social.

De acordo com o autor, nesta motivação os doadores concedem acesso privilegiado a recursos na expectativa de virem a ser ressarcidos no futuro. Contudo, essa troca possui particularidades que a distinguem de uma troca puramente econômica, as “moedas” dos pagamentos podem diferir daquelas oferecidas inicialmente, e não é especificada uma data para o “pagamento”.

Por essa motivação os indivíduos se associam a grupos na expectativa de realização de interesses, pensando nos outros não por adesão a valores e normas, mas como fontes possíveis de troca em um “mercado” comum. Desta forma, a motivação instrumental parece estar associada a um ato racional, fruto de cálculo prévio do custo-benefício da relação.

Percebe-se também a existência de motivações baseadas em integração social e na capacidade de se sofrer sanções por parte de determinado grupo, estas se assemelham a motivação instrumental, todavia se caracterizam por razão diversa:

Como nas trocas assentes na reciprocidade, a motivação dos doadores de ofertas socialmente mediadas é instrumental, mas neste caso a expectativa de ressarcimento não assenta no conhecimento do beneficiário, mas na inserção de ambos os atores numa estrutura social comum [...] a recompensa do doador pode não provir diretamente dos beneficiários, mas da coletividade no seu conjunto, na forma de estatuto, de honra ou de aprovação [...] a própria coletividade atua de forma a garantir que todas as dívidas contraídas serão pagas. (PORTES, 2000, p. 139)

Consideramos o grande destaque da obra deste autor a idéia do capital social negativo, ou como ele suaviza, as conseqüências menos desejáveis desse processo. Segundo ele, é uma característica das correntes sociológicas a tendência de retirar da sociabilidade apenas coisas boas. Como ele salienta, as coisas más estão mais freqüentemente associadas ao comportamento do *homo economicus* (PORTES, 2000). Nas palavras do autor:

⁹ Determinados autores não aceitam a idéia de altruísmo nas relações sociais, visto que os indivíduos possuem sempre algum grau interesse em suas ações, como defendido por Mauss anteriormente.

A nível individual, os processos a que o conceito se refere revelam-se facas de dois gumes. Os laços podem produzir um maior controle sobre os comportamentos desviantes e fornecer acesso privilegiado a recursos; podem também restringir liberdades individuais e vedar a terceiros o acesso aos mesmos recursos através de preferências particularistas. (PORTES, 2000, p. 152)

Características negativas semelhantes também foram encontradas em estudos nacionais sobre o papel da informação como elemento de desenvolvimento econômico e social de comunidades e grupos:

Se é verdade que as redes sociais dificultam o surgimento da figura do carona (*free rider*, aquele indivíduo que se beneficia sem contribuir), dificultando o oportunismo, podem também, excluir novos participantes, impor normas que prejudiquem grupos específicos dentro de uma comunidade, ou atitudes em relação a outros grupos, como para impedir que outras comunidades tenham acesso a determinados serviços públicos. (MARTELETO; SILVA, 2004. p.46)

O capital social tem sido caracterizado por diversos autores como um recurso útil à mobilidade dos sujeitos em rede, entretanto, suas aplicações devem ser atentamente analisadas. Além das características negativas levantadas por Portes (2000), destacamos a imprevisibilidade dos resultados.

Mesmo que seu uso não o deprecie, ao contrário, tenda a lhe ampliar, seus benefícios não podem ser antecipadamente previstos. Como destaca Marteleto e Silva (2004), conceitos como “confiança”, “comunidade” e até mesmo “rede” são difíceis de serem operacionalizados e mais, de serem quantificados e qualificados.

Ainda, as posições hierárquicas tendem a se refletir em hierarquia de oportunidades. Mostrando que, se por um lado as redes são importantes vias de acesso a benefícios, sua estrutura, valores e expectativas se tornam também importantes meios de controle social e discriminação.

Esse duplo caráter atribuído às redes e ao capital social mobilizado pelos indivíduos demonstra a necessidade de uma investigação mais precisa sobre o vigor da aplicação desses conceitos. Como pesquisa social, essa dissertação se propõe a analisar os mesmos no campo educacional da cidade de Angra dos Reis, esperando contribuir aos trabalhos da área.

Assim, a análise das redes se torna útil como instrumento pelo qual a sociologia pode entender os fluxos que ocorrem em seu meio e as construções sociais e simbólicas que se desenvolvem em seu interior.

Destacamos, em concordância com os autores já apresentados, que embora as posições na rede não sejam fixas, elas apresentam uma hierarquia mascarada, determinando, como afirma Marteleto (2001), um efeito sobre sua forma, seu conteúdo e sua função. Essas posições

de poder tendem, assim, a definir a variedade qualitativa e quantitativa dos elos estabelecidos entre os membros.

As pessoas com maior quantidade de contatos diretos são, certamente, elos importantes em qualquer rede social. Mas a rede é antes de tudo um ambiente de comunicação e troca, que se dá em vários níveis. A informação circula na rede, atingindo os atores também de forma indireta. Isso significa que não só a quantidade de elos diretos define a posição dos integrantes da rede. (MARTELETO, 2001, p. 75)

Desta maneira, percebemos que o trabalho do pesquisador ganha sentido quando consegue perceber que as diversas redes são, na verdade, apenas recorte de um emaranhado de relações que se influenciam mutuamente, provocando resultados positivos ou negativos, conforme o contexto¹⁰.

¹⁰ A própria idéia de rede prevê a exclusão de um determinado grupo, porque se a rede existe para beneficiar determinados sujeitos é evidente que outros estarão em situação de desvantagem.

CAPÍTULO II – QUASE-MERCADO ESCOLAR

Entender como os processos de disputa entre escolas e entre alunos resulta no fenômeno do quase-mercado exige, anteriormente, que este seja devidamente conceituado. Por isso este capítulo se propõe a analisar como se dá seu funcionamento, ou como denomina Yair (1996) sua ecologia, bem como seus resultados prováveis.

Para facilitar a análise do quase-mercado escolar é interessante que sejam analisadas as escolhas familiares, em que elas se baseiam e como elas se desenvolvem. Fundamentadas na posição ocupada pela família na hierarquia sócio-cultural local, as escolhas em diferentes meios parecem seguir critérios diversos, que em geral derivam das redes sociais das quais se dispõem.

Famílias e escolas, apesar de desigualmente equipadas para a competição nos mercados, buscam estratégias que as permitam burlar os determinismos sociais e emergir para novas posições ou, nos casos de clara vantagem posicional, preservar a situação alcançada. A competição neste meio passa a ser impulsionada então por escolas que buscam manter ou elevar seu prestígio, assim como pelas famílias, que através de táticas estabelecidas buscam um caminho para efetivar suas escolhas.

Também será importante analisar em que ponto a falta de rigidez na fiscalização dos processos de matrícula e no controle da demanda tende a provocar resultados pouco recomendáveis nos sistemas educacionais. Causando processos discriminatórios e preconceituosos.

Para tanto, será abordado inicialmente o conceito de quase-mercado, sua origem e a idéia em que ele se sustenta. Posteriormente serão apresentados estudos de alguns países que se dedicam a compreender as escolhas das famílias pelos estabelecimentos de ensino, como são elaboradas e efetivadas. E por último, dedicamos uma seção ao quase-mercado escolar, seu funcionamento e suas conseqüências.

2.1 QUASE-MERCADO: CONCEITUANDO O TEMA

O conceito de quase-mercado emerge em um conjunto de reformas que objetivam promover eficiência e equidade nos sistemas públicos através da implementação de características do mercado tradicional, com destaque para a competição. Tais reformas foram

impulsionadas destacadamente pelo governo de Margaret Thatcher na Inglaterra, particularmente a partir dos anos finais da década de 80¹¹.

All these reforms had a fundamental similarity: the introduction of what might be termed 'quasi-markets' into the delivery of welfare services. In each case, the intention is for the state to stop being both the funder and the provider of services. Instead it is to become primarily a funder, purchasing services from a variety of private, voluntary and public providers, all operating in competition with one another. (Le GRAND, 1991, p. 1257)

No contexto de aplicação destas políticas Le Grand (1991) traz uma simples, porém clara, explicação para o termo. Eles serão “mercados” visto que substituem o Estado Monopolista por fornecedores competitivos independentes, e são “quase” porque diferem dos mercados convencionais em diversos aspectos.

Do lado da oferta, em contraste com os mercados comuns, estas organizações não agem necessariamente para maximizar seus lucros e nem são exclusivos da propriedade privada. Por sua vez, no lado da demanda, a capacidade de aceder ao bem negociado não é expressa em valores monetários.

Essas reformas surgiram como alternativa para superar os problemas com o sistema anterior, apoiadas por críticos de amplo espectro político. Acusava-se a burocracia do Estado de bem-estar (*Welfare State*) do desperdício de recursos, de proteger o interesse dos administradores em detrimento dos usuários, bem como de não promover eficiência e equidade.

Particularmente no campo educacional foi aprovada em 1988 a Lei da Reforma Educativa, incorporando quatro elementos do quase-mercado: a livre inscrição em qualquer estabelecimento de ensino, financiamento por aluno, auto-gestão escolar e criação de um centro de controle das autoridades locais.

All these changes together can be viewed as the introduction of a form of education voucher funded by central government, with the setting up of essentially 'independent' schools and with the allocation of state funds to schools being determined by the pattern of parental choices instead of through a bureaucratic planning process. (Le GRAND, 1991, p. 1258)

O quase-mercado se apresentou, assim, como uma via de acesso e promoção do desenvolvimento dos interesses públicos. Todavia, Le Grand (1991), atenta para circunstâncias negativas que podem gerar externalidades indesejadas, dentre as quais, destacamos: a

¹¹ Os opositores acusaram estas reformas de encobrirem interesses próprios de produtores e consumidores individuais que operavam no mercado competitivo. Entretanto, como destaca Le Grand (1991), estas reformas foram, na verdade, resultado de decisões conscientes de políticos, burocratas e profissionais, aparentemente, voltados a promover o interesse público.

informação imperfeita por parte dos usuários; a desconsideração de relação entre qualidade e quantidade de insumos e resultados; abandono daqueles que não possuem opções de escolha e problemas de seletividade do público (mantendo as desigualdades e injustiça social).

Contudo, mesmo com uma lista potencial de problemas que podem vir a ser gerados, o autor considera importante não assumir posições dicotômicas a priori. Existe muito a ser descoberto ainda sobre os quase-mercados, e como ele também afirma, é necessário reconhecer que o antigo modelo de Estado Providência foi longe de ser perfeito.

2.1.2 Quase-mercado escolar

Conforme o exposto, com diferenças importantes no que diz respeito aos mercados tradicionais, a discussão que emerge do conceito de quase-mercado escolar, na literatura internacional e nacional, busca compreender o fenômeno recíproco de disputa entre alunos e escolas pelo prestígio e reputação que ambos podem oferecer.

No âmbito escolar, pautando-se na idéia de concorrência, políticas públicas têm se desenvolvido¹². Através da livre escolha dos pais pelo estabelecimento de ensino dos seus filhos, espera-se promover melhorias no sistema como um todo. Em outras palavras, a imposição de mecanismos competitivos, ou também de *accountability*¹³, teria por efeito a promoção de qualidade, inovação e autonomia.

Considerando as diversas opções de escolha, os pais, por meio de diferentes motivações tenderiam a escolher o estabelecimento que melhor se encaixa em seus objetivos. Por outro lado, as escolas, buscando captar alunos que proporcionem um aumento ou manutenção de seu *status* frente ao campo educacional, tendem a captar os alunos pelo valor de suas credenciais educacionais/sociais.

Costa e Koslinski (2009), que de longa data buscam compreender este processo no Brasil, verificaram que:

¹² Para Souza e Oliveira (2003), tais políticas apesar de se alicerçarem na lógica do mercado, não se enquadram no modelo típico da sociedade capitalista, de privatização e competição entre agentes econômicos livres e autônomos. Segundo eles, esse *continuum* de formas organizacionais permanecem no campo intermediário, entre o mercado puro à gestão e financiamento estatal da educação. Barroso e Viseu (2003) destacam também a importância de se superarem visões dicotômicas entre estado e mercado e que esse são processos amplos e diversificados, sendo simples a explicação de que esta seria uma solução que visa combater as “falhas” do Estado com reforço ao mercado, e as “falhas” do mercado com reforço ao Estado.

¹³ Não existe uma tradução ideal ao termo, porém sua idéia está diretamente relacionada com responsabilização.

O lado da oferta, não mais blindado pelas barreiras de proteções típicas dos sistemas estatais do *Welfare State*, teria de se ajustar, buscando captar estudantes, pela qualidade e o tipo da mercadoria – educação, credenciais – que teria a oferecer [...] a oferta tenderia a elevar sua qualidade pelo efeito agregado da competição por clientes. (COSTA; KOSLINSKI, 2009, p. 2)

Opinião semelhante é verificada por Barroso e Viseu (2003) ao analisarem a formação de um mercado educativo em Portugal, segundo esses autores a principal consequência deste fato seria o que eles denominaram de uma passagem da regulação pela oferta, para a regulação pela procura. Ambos concordam também que a livre escolha pelo estabelecimento de ensino é um dos instrumentos mais poderosos para a criação do mercado educativo.

Como já verificado pelo grupo de pesquisa que sustenta este estudo, mesmo que no âmbito de nosso sistema educacional a promoção de políticas públicas nessa via seja praticamente inexistente¹⁴, podemos identificar a existência destes quase-mercados educacionais, por sua vez, ocultados em meio às redes¹⁵.

Diferentemente do que se pensa ao tratar do tema, no Brasil estes mercados não se estabelecem apenas dentre as privilegiadas escolas privadas de renome nacional ou das escolas públicas caracterizadas como de elite. Analisaremos o efeito concorrencial que se estabelece em escolas públicas que não são consideradas de prestígio, ou o são apenas no estreito limite do público a qual elas de destinam.

Em concordância com os, já estudados, efeitos e causas desses quase-mercados, desenvolvidos pelo grupo, ressaltamos a idéia de que o cerne do quase-mercado educacional em nossos sistemas públicos de ensino está pautado na dupla escolha de alunos e escolas, mesmo que não incentivadas.

Como lembra Nogueira (2005), a complexidade das redes escolares contemporâneas estabelece um novo panorama das mudanças escolares. Se no passado o número de opções era mais reduzido e sua composição era mais homogênea, hoje cada vez mais os pais se vêem na quase obrigação de escolher o estabelecimento de ensino dos filhos, variando esses em múltiplos aspectos.

Sobre a escolha escolar, Costa e Koslinski (2009) ressaltam que, mesmo que não estimulada a escolha, as famílias dispõem de sinais de classificação hierárquica entre as

¹⁴ Alguns municípios, como Belo Horizonte, dispõem de regras, como em outras regiões do mundo, de distritalização das matrículas escolares.

¹⁵ “De fato, mesmo na inexistência de políticas oficiais que estimulem a escolha escolar, que adotem um sistema de consequências (recompensas, intervenções, controles) para os estabelecimentos associados a tais escolhas, é bastante plausível pensarmos em mercados educacionais.” (COSTA; KOSLINSKI, 2009, p. 10)

escolas, utilizando-se desses para a escolha do estabelecimento. Entretanto, tais sinais não são tão perceptíveis quanto nos mercados regulamentados.

Em países, como nos Estados Unidos e na Inglaterra, onde existe um já estabelecido sistema de avaliação das escolas – mesmo que muitas vezes acusados de serem apenas instrumentos para a formação de *rankings* escolares – é comum a divulgação dos resultados obtidos, os quais oferecem às famílias uma poderosa informação a respeito das diferenças entre estabelecimentos.

Sem dúvida os resultados obtidos, via sistema de avaliação, têm um papel importante de informação para as famílias sobre a qualidade e eficiência dos sistemas de ensino. Entretanto, o que se vê nos países com mais frágil tradição escolar, é que o sistema de avaliação vai pouco além de retratar hierarquias escolares, exercendo pouco efeito sobre a escolha dos pais para educação de seus filhos.

Particularmente no Brasil, têm se intensificado as iniciativas de governos em criar programas de informação, mas no limite desse estudo gostaria de destacar o sucesso destas campanhas apenas como projeções para um futuro ainda distante.

O que se torna importante ressaltar é que independente desses resultados, desde muito, os pais encontram outros mecanismos para diferenciar as escolas, caracterizando-as como de qualidade ou de prestígio. Desta forma, tudo indica que sempre houve escolha por parte dos pais, orientada ou não por sistemas de avaliação, impulsionada ou não por políticas públicas.

Associados à existência de forte hierarquia escolar entre estabelecimentos de nossas redes públicas, destacam-se aqui os dispositivos competitivos dos quais as famílias e escolas dispõem para alcançarem seus objetivos. Lembrando que, quando comparadas às famílias, as escolas apresentam mecanismos mais sutis de seleção, porém seu papel também é ativo neste processo¹⁶.

Por seu turno, as escolas ou, mais adequadamente, as burocracias escolares e de nível intermediário da administração educacional não são, ao contrário do que as prescrições mais ortodoxas de quase-mercado educacional preconizam, apenas reagentes a demanda. Elas participam ativamente do processo, modelando a oferta e limitando as possibilidades de escolha. (COSTA; KOSLINSKI, 2009, p. 11)

¹⁶ Analisando de uma maneira geral, dada a oferta limitada de escolas públicas com alto prestígio/reputação no caso brasileiro, é possível verificar uma disputa muito maior por parte das famílias do que entre escolas (COSTA; KOSLINSKI, 2009). Em Portugal, Barroso e Viseu (2003) destacam que raramente foram encontrados casos de disputa por bons alunos entre escolas, o que se percebe é uma seleção no sentido de evitar os alunos caracterizados como “problemáticos”.

Esperamos poder lançar mão de dados que expressem a existência deste quase-mercado em unidades “comuns” de nosso sistema público de ensino, mostrando que a ausência de estímulo não necessariamente garante a igualdade. Pelo contrário, não existindo políticas que a regule, a competição acaba por ter um efeito ainda mais devastador na promoção de desigualdades escolares.

2.2 A ESCOLHA PELO ESTABELECIMENTO DE ENSINO: EXPERIÊNCIAS VERIFICADAS

A escolha por estabelecimentos de ensino, concretizada em diversos países como política pública sob o nome de *school choice policies*, seria justificada na idéia de que ao promover autonomia, inovação e *accountability* seria permitido às escolas de escolha operarem mais efetivamente no desenvolvimento dos estudantes frente à tradicional escola pública.

Como sabemos, no Brasil não existem políticas públicas voltadas para a escolha escolar semelhantes às desenvolvidas em países como nos Estados Unidos e Inglaterra. Nem tão pouco é intenção desta dissertação levantar qualquer bandeira para a instalação delas em nosso país. Entretanto, muitos dos resultados de pesquisas desenvolvidas sob este assunto poderão auxiliar na compreensão do fenômeno de escolha por escola, mesmo em países onde não existem formalizações burocráticas nessa via.

Berends & Zottola (2009), por exemplo, analisaram a Teoria da Escolha Racional¹⁷ enquanto perspectiva social de escolha. Sustentada por mecanismos de mercado, onde a

¹⁷ A Teoria da Ação Racional tem sua gênese na psicologia social, que busca identificar os fatores determinantes do comportamento consciente e intencional. Têm por objetivo definir as relações entre crenças, atitudes, normas subjetivas, intenções e comportamentos. Partindo da idéia de que os agentes sociais estariam interessados na maximização da riqueza, os sujeitos, analisando o que têm a perder e a ganhar com a manifestação de suas atitudes, elaborariam uma ordenação das alternativas possíveis e dentro destas escolheriam as que possuem maiores possibilidades de retorno. Ferejhon e Pasquino (2000) consideram a racionalidade como duplamente irônica. Para eles, os sujeitos não se comportam exatamente como a Teoria da Escolha Racional imagina. Entretanto, mesmo em ações consideradas irracionais os sujeitos reconhecem a força normativa da racionalidade. A partir desse reconhecimento as ações serão direcionadas com vistas a se aproximar da racionalidade tida como *ideal*. Existirá, assim, uma racionalidade mínima denominada de racionalidade instrumental que será universalmente distribuída. Um ponto fraco dessa teoria esta em assumir que as pessoas possuem informações perfeitas para elaborar suas escolhas. Contrariamente, em determinados grupos sociais, onde as informações são limitadas, percebemos que os resultados das possibilidades não podem ser previstos de maneira precisa. As informações tendem a maximizar a escolha, entretanto, elas são desigualmente distribuídas em nossa sociedade. O próprio padrão das escolhas depende, em alguma medida, de sistemas de preferência, que são culturais e dificilmente redutíveis a uma racionalidade universal.

competição tende a promover a inovação e melhores resultados, esta teoria parte do princípio de que as escolhas são feitas com base na alternativa que tende a maximizar a utilidade das preferências.

Contudo, na escolha escolar, verificou-se que os pais tendem a operar de maneira distinta, muitas vezes não escolhendo as escolas classificadas como melhores. Por falta de informação, pelas pressões do mercado, ou por critérios de conveniência, eles tendem a eleger as escolas segundo uma lógica própria, que muitas vezes se forma no envolvimento com as redes sociais.

Conforme também constatou Holme (2002), ao analisar a escolha dos pais em determinada região dos Estados Unidos, as redes sociais têm um papel de destaque como fonte de informação aos pais¹⁸, contudo:

These social networks, however, did not provide information about a school's curricula or instructional quality, as they have been said to do in a great deal of school choice research. I found that they instead passed around the opinions of other parents about the quality of particular schools, that is, whether the school was considered generally good or bad by a number of high-*status* parents [...] the reputations of "good" schools were not simply passed through the social networks of high-*status* parents, but were actually constructed through such networks. (HOLME, 2002, p.3)

Por outro lado, conforme demonstraram Berends e Zotolla (2009), ainda que as redes sociais distorçam a qualidade dos estabelecimentos através de idéias preconceituosas, o capital social que provém destas têm se mostrado de se extrema importância no desenvolvimento dos sujeitos. Esses autores irão afirmar, com base em Coleman (1988), que:

Through associations with others, people can gain information that may be pertinent to certain goals, such as keeping up-to-date in one's Professional area, learning about sales at a local retailer, or gaining information about the school choice options in a particular area. (BERENDS & ZOTTOLA, 2009, p. 43)

Com isso percebo que as duas perspectivas apresentadas, da Teoria da Escolha Racional e do capital social apresentam duas faces que, mesmo que aparentemente distintas, podem ser tomadas como complementares, conforme visto anteriormente. Dependendo das expectativas e normas do grupo, as relações sociais poderão promover ou limitar as expectativas escolares¹⁹.

¹⁸ The ways these parents' beliefs about school quality were formed through their social networks (*and*) their beliefs were supported by their *status* ideologies. These networks and ideologies were mutually reinforcing. (HOLME, 2002, p. 8)

¹⁹ Como também destacou Portes (2000) através da idéia de capital social negativo.

Contribuindo com informações sobre a capacidade dos pais em eleger uma boa escola para seus filhos Nogueira (1998b), ao analisar pesquisas desenvolvidas em diferentes países, traz importantes constatações que ajudam a compreender o contexto desta dissertação.

Sobre as pesquisas apresentadas, e em concordância com as pesquisas americanas, três importantes constatações devem ser destacadas. A primeira é que as famílias estariam em um momento em que se estabelece nova relação com o sistema de ensino, vendo-se cada vez mais pressionadas a fazer parte do projeto educativo da escola, inclusive selecionando os estabelecimentos desejados.

Em seguida, verifica-se que as famílias dos diferentes meios são também desigualmente equipadas de condições para que se efetue a escolha por um bom estabelecimento escolar. A última, porém não menos importante, advém do fato de que os critérios utilizados pela escolha variam consideravelmente quando se passa de um meio social para outro, ou até mesmo entre diferentes famílias de uma mesma condição social.

Como um dos exemplos, a autora cita a pesquisa realizada em Londres entre os anos de 1991 e 1994 pelos pesquisadores Stephen Ball, Sharon Gewirtz e Richard Bowe (1994 apud NOGUEIRA 1998b). Com foco nas políticas educacionais chamadas neoliberais implantadas nesse país, apresentadas pelos governos como um avanço em direção as liberdades individuais, os autores destacam as reais capacidades das famílias ao exercício da escolha.

Deve se atentar que diferentemente da lógica preconizada pelos criadores do tema, esses pesquisadores, à luz da teoria de Bourdieu, consideram que as relações estabelecidas pela escolha estariam dentro de um campo de lutas. Lutas estas que seriam baseadas na estrutura e volume dos capitais apresentados.

Tal opção teórica responde ao propósito de colocar a conduta dos atores no quadro de suas relações sociais, superando a visão “ingênua” de uma escolha concebida como ação meramente individual. Nesse sentido, a escolha é pensada como uma dimensão da luta de classes simbólica (e invisível) pela apropriação dos bens culturais. (NOGUEIRA, 1998b, p. 43)

Segundo o referido estudo, após analisar uma amostra de 137 famílias, estabeleceram-se três categorias, nas quais a escolha efetuada pela família varia de acordo como grau de conhecimento (bagagem de capitais) e possibilidade de investimento por parte das mesmas. Em outras palavras, para esses autores, a escolha tende a estar relacionada à condição da classe social de pertencimento.

Na primeira categoria *Privileged/skilled choosers*, representada pelo pensamento da camada social mais favorecida, a escolha é um momento de alta importância e as famílias

valorizam o ato de escolher. Estas apresentam capacidade de discriminar os diferentes tipos de estabelecimento, e contam ainda com a utilização do alto capital social que possuem.

Mesmo que internamente essa categoria apresente uma sutil subdivisão, entre aqueles que priorizam o *status* acadêmico e os que prezam pelo clima do estabelecimento e sua capacidade em desenvolver potencialidades, para ambos a composição social da clientela do estabelecimento é um fator decisivo na escolha.

Na categoria intermediária, os *Semi-Skilled choosers* manifestam um forte desejo pela escolha, todavia não possuem um bom conhecimento sobre o funcionamento dos sistemas de ensino para efetivar suas escolhas. São também desprovidos de recursos culturais e relações sociais que lhes confirmam vantagens competitivas.

Atentas às opiniões alheias, as quais julgam ser mais competentes na questão da escolha, estas famílias possuem informações e comentários precisos sobre as escolas, mesmo que as compilem com menor desenvoltura. A esse quadro os autores associam a “boa vontade cultural”, tal como concebeu Bourdieu²⁰.

É interessante notar que a escolha desse grupo está longe de ser completamente ineficaz. Considerando as informações sobre composição social do público ao qual a escola se destina, suas informações são inclusive mais explícitas, quando comparadas aos *Privileged/skilled choosers*.

Por último os *Disconnected Choosers* possuem limitada experiência do mundo escolar e estabelecem suas escolhas através de uma lógica prática imposta pelas condições de vida resultantes das necessidades econômicas e sociais apresentadas. Nessa categoria as informações obtidas são em sua maioria colhidas a nível local, em meio às redes sociais mais limitadas de que se dispõe.

Sendo as escolhas mais dependentes desse meio local, em sua quase totalidade os pais elegem as escolas do próprio bairro, dificilmente indo em busca de outros lugares. O que se percebe nesta categoria é um determinado fatalismo, as escolas seriam todas iguais e caberia aos alunos a capacidade de se destacar. Os resultados acadêmicos obtidos via performance não constituem critério de escolha para esse grupo.

Tem-se como conclusão do estudo a premissa de que o campo social não é neutro como se pensa, e que a escolha estará sempre associada à posição que a família ocupa na hierarquia

²⁰ Um dos testemunhos de reconhecimento da legitimidade reside na propensão dos mais desprovidos em dissimular sua ignorância ou indiferença e em prestar homenagem à legitimidade cultural ao escolher no patrimônio deles o que parece ser mais ajustado à definição legítima. (BOURDIEU, 2008, p. 298)

sócio-cultural local. Assim, segundo esses autores, a nova conjuntura de políticas transfere para a ação da família a responsabilidade do sucesso escolar²¹.

Deve se ressaltar que o trabalho desenvolvido por esses pesquisadores ocorrem em um momento inicial da instauração dessas políticas. A política continuada de estímulo às informações sobre as escolas, notificada em estudos posteriores, revela que a escolha por aqueles que inicialmente não eram considerados capazes se modificou potencialmente.

Todavia, utiliza-se aqui esta pesquisa como exemplo por acreditar que talvez o caso brasileiro esteja bem próximo da realidade apresentada no início do estudo, onde também as políticas de informação estavam em fase de implantação.

Outro estudo que gostaríamos de abordar, também citado por Nogueira (1998b) é o desenvolvido na França por Langouet & Leger (1991 apud NOGUEIRA 1998b)²². Em concordância com Ball, Gewirtz e Bowe (1994 apud NOGUEIRA 1998b), eles destacam também a importância do efeito de classe sobre a escolha escolar, alertando para as desiguais possibilidades de efetivação das escolhas e da formação de estratégias.

Segundo os autores da pesquisa, enquanto as camadas mais favorecidas apresentam características estratégicas para a efetivação dos seus objetivos, as camadas populares parecem apresentar atitudes que mais se assemelham a reações imediatas frente a situações imprevistas.

Nogueira (1998b) aborda três das estratégias apresentadas no estudo desenvolvido na França, e que aqui serão de grande relevância para a compreensão do fenômeno em destaque neste estudo. São elas:

- Estratégias de evitamento: práticas familiares que buscam evitar estabelecimentos em bairros populares e/ou com alunos de nível socioeconômico mais baixo.
- Estratégias preventivas: condutas de antecipação que tendem a evitar possíveis problemas futuros.
- Estratégias de distinção: própria das elites sociais que buscam estabelecimentos altamente seletivos e prestigiosos.

Percebemos, após estas análises, grandes aproximações entre os trabalhos resenhados por Berend & Zotolla (2009) e as análises de Nogueira (1998b). Em ambos a hierarquização do

²¹ Nas palavras de Nogueira (1998), opera no mercado escolar um tipo particular de arbitrário cultural que pressupõe a posse de recursos culturais capazes de decodificar os elementos em jogo nesse mercado.

²² Nogueira (1998b) destaca que estes autores recusam a noção de individualismo metodológico, voltando para a idéia de estratégia desenvolvida por Bourdieu, segundo a qual estas são respostas prováveis dos indivíduos de acordo com as predisposições adquiridas no meio social de origem.

campo social é altamente influenciadora para os trajetos escolares, as informações variam de acordo com os grupos e apresentam diferentes valores, e as redes de relação desempenham um papel fundamental na realização das escolhas.

Dentro da lógica de mercado, o incentivo à escolha por parte das famílias teria por objetivo estimular a competição e conseqüentemente promover a melhoria do sistema como um todo. Entretanto, somado aos argumentos apresentados anteriormente, Ball (1995) atenta para o perigo da escolha se voltar contra as famílias via processos de seleção do público por parte das escolas.

De fato quanto mais seletiva for uma escola mais desejável ela se tornará. Todavia, Ball (1995) ressalta que no campo escolar a qualidade daquilo que “compramos”, depende da qualidade daqueles que nos acompanham na compra. Por isso, no mercado escolar se torna crucial saber quem são os clientes, já que estes terão impacto direto em sua reputação e qualidade.

O mecanismo do mercado leva o empresário público a atrair o consumidor eficaz e o cliente que represente a possibilidade de um acréscimo menos custoso de valor, afastando-se de uma preocupação com o serviço e indo na direção de um compromisso com a sobrevivência. (BALL, 1995, p. 206)

Para este autor, os mercados não são fenômenos neutros nem naturais, eles são sociais e politicamente construídos, estando dessa forma a serviço de interesses e preocupações de certas frações de classe. Ainda, ele destaca que a escolha envolve custos, porém para determinadas pessoas esses custos seriam proibitivos. Em outras palavras, o mercado só existiria para alguns.

Segundo Ball (1995) é também importante compreender as questões relativas ao poder dentro das estruturas. Em meios de competição, os detentores de poder são sempre aqueles que estão de posse de bens escassos no mercado. Não se trata apenas da qualidade destes, mas daquilo que eles possuem em relação aos outros.

Para ele, os teóricos do mercado tendem a idealizar a neutralidade do mercado e a enaltecer suas possíveis conseqüências positivas, pecando ao sugerir a predisposição global à escolha ou tratando suas diferenças como insignificantes. A escolha escolar dentro de concepções de mercado não teria outra função que fornecer às classes médias uma forma de reafirmar suas vantagens reprodutivas na educação²³.

²³ Não estou argumentando que essas conseqüências não sejam desejadas pelos defensores do mercado, mas elas tão pouco deveriam ser vistas como inteiramente inesperadas, dados os valores e processos mercantis. (BALL, 1995, p. 197)

O mercado fornece um mecanismo para reinvenção e legitimação da hierarquia e da diferenciação através da ideologia da diversidade, da competição e da escolha. (BALL, 1995, p. 223)

2.3 QUASE-MERCADO ESCOLAR: SEU FUNCIONAMENTO E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

Mesmo que os defensores de políticas públicas associadas a processos de mercado insistam nos benefícios que a escolha pode trazer ao sistema como um todo, é necessário atentar para as características que se encontram por trás deste fenômeno quando ele se encontra “oculto”. Em situações, como no Brasil, onde, como dito anteriormente, não existem sinalizações burocráticas nessa via, aumentam as possibilidades de hierarquização entre os estabelecimentos e de discriminação por parte da oferta.

A competição acontece graças à existência de um bem que é escasso ou desigualmente distribuído, neste caso escolas de qualidade. Como verificado em trabalhos anteriores, essa competição ocorre em uma via de mão dupla entre estabelecimentos e famílias, que através de processos informais buscam alcançar seus objetivos, que tendem a variar, conforme será apresentado na entrevistas.

O funcionamento do quase-mercado prediz a existência de concorrência entre os estabelecimentos de ensino, por isso como em toda situação de competição é necessário saber como se distribuem os concorrentes no campo, posições que só terão sentido quando comparadas umas as outras.

Seguindo este raciocínio Yair (1996) sugere o conceito de *Ecologia do Mercado*, acreditando também que as posições dos estabelecimentos em um quase-mercado são demarcadas umas em relação as outras. Sua idéia sugere um sistema integrado em que um tipo de escola fundamenta a existência de outras.

De uma forma resumida, se existem escolas de alto prestígio e de difícil acesso, devem existir escolas em uma posição menos vantajosa que recebem os alunos com baixo poder de escolha. Assim, as escolas competem entre si, mas de certa maneira colaboram na divisão dos estudantes.

Para ele, os mercados estão tipicamente organizados como uma rede de posições fechadas, com seus próprios traços de estrutura. Conseqüentemente, essa estrutura tende a direcionar e delimitar as escolhas e oportunidades educacionais.

Se para os idealizadores da proposta de quase-mercado a escolha seria caracterizada pelo resultado do teor de metas individuais, somado a força de motivação e a capacidade de realizá-la, destaca-se em seu trabalho que se negligencia o fato de determinadas escolhas tenderem a limitar outras (YAIR, 1996).

Segundo o autor, a escolha escolar, baseia-se em dois fatores, na organização das vagas disponíveis e na ecologia do quase-mercado. Sendo a organização das vagas definida pela posição do quase-mercado. Como resultado, mesmo que os indivíduos tenham a racionalidade e liberdade de escolha eles serão constrangidos pelas grandes estruturas coletivas.

Quem são as escolas, a posição ocupada por elas nas hierarquias escolares, e sua posição no quase-mercado são questões que só terão sentido se analisadas em conjunto. Inclusive, a interdependência das escolas seria capaz de provocar efeitos diretos em suas atividades, bem como no relacionamento e estratégias familiares.

Van Zanten (2005) destaca que a concorrência deve ser vista não como condicionada, mas sim como fenômeno universal que envolveria toda atividade que se desenvolve em um meio institucional. Na situação do quase-mercado no Brasil, não regularizado, converge para isso uma diversidade acadêmica e social entre alunos, somada à ausência de sistemas ou normas de distribuição dos alunos.

Para ela, as relações entre as escolas poderiam ser caracterizadas de três tipos: de Estado, de mercado e de comunidade. As primeiras marcadas por relações burocráticas com origem em normas de funcionamento dos sistemas, as segundas estabelecidas via mecanismos competitivos, e por último as relações comunitárias quase sempre estabelecidas por um sentimento de colaboração recíproca.

Considerando as relações de mercado, o trabalho de Van Zanten (2005), em consonância com a literatura discutida, afirma que a concorrência entre escolas se desenvolve em razão do impulso de políticas de autonomia dos estabelecimentos e da livre eleição da escola pelos pais. Entretanto ela ressalta que colabora também para isso o desenvolvimento parcialmente autônomo de estratégias educacionais mais ambiciosas por parte dos pais.

Nos cinco países estudados em sua pesquisa, se verificou que os estabelecimentos, ao contrário do que se espera, não competem pura e simplesmente pela melhora de sua qualidade, mas sim para manter sua organização interna e as condições de trabalho de seus profissionais, bem como para manter sua posição na hierarquia do quase-mercado local. Observa-se também que a concorrência entre as escolas se organiza basicamente em torno de seus alunos, sua quantidade e sua qualidade, o que não significa que estas não disputem para obter recursos.

A qualidade do alunado foi apresentada como o fator dominante da reputação e capacidade de atração de um estabelecimento escolar do ponto de vista dos pais. A falta de informação acessível sobre os estabelecimentos escolares, seu ensino, e qualidade de professores faz com que o perfil econômico e sócio-cultural dos alunos seja o meio mais racional para se verificar o funcionamento de uma escola.

Dada a importância do número e das características do alunado para o bom funcionamento interno e para a posição externa dos estabelecimentos, não é surpreendente constatar que muitas escolas se mobilizem para conservar ou atrair novos alunos, sobretudo aqueles que possuem características acadêmicas ou sociais mais desejadas, mediante estratégias diversas de matrículas. (Van ZANTEN, 2005, p. 575)

Sobre as estratégias escolares postas em ação por parte dos estabelecimentos em situação de concorrência, a pesquisa demonstra que de forma geral elas se estabelecem, de maneira esquemática, divididas em dois tipos, voltadas para o exterior e voltadas para o interior:

No primeiro caso, as estratégias buscam principalmente modificar as condições do entorno local que influenciam o funcionamento dos estabelecimentos escolares, ou seja, modificar as características dos usuários, que são geralmente parte do entorno social, e sua relação com os outros estabelecimentos escolares que formam o entorno institucional. No segundo caso, as estratégias tentam principalmente modificar as condições internas que influenciam o funcionamento dos estabelecimentos, isto é, a organização das classes e dos grupos, da aprendizagem e da disciplina. (Van ZANTEN, 2005, p. 574-575)

É importante atentar que, semelhante à importância de se analisar como as escolas estão estruturadas em um quase-mercado, é crucial entender como se configuram as relações entre escolas e famílias. Assim como as escolas possuem suas estratégias, as famílias também tendem a elaborar planos de ação com vistas a alcançar seus objetivos.

Articular efeitos de composição e processos escolares tem o mérito de permitir conceber a escola como um jogo de atores e de destacar a natureza complexa da relação entre escolas e famílias. O recrutamento social da população escolar não é alheio ao fato de as famílias constituírem atores das escolas, em relação às quais desenvolvem estratégias e em consequência das quais as próprias escolas também podem reagir. (DIOGO, 2008, p. 4)

Essas estratégias quando confrontadas tendem ainda a fortalecer situações de segregação social e hierarquia escolares. Conforme demonstrou Van Zanten (2005), semelhante às escolas que são desigualmente equipadas para competir em situações de quase-mercado, as famílias também apresentam diferentes recursos para concorrer por suas escolhas.

Como verificou Diogo (2008) ao analisar a situação da Ilha de São Miguel, no Arquipélago dos Açores, os interesses e as estratégias particulares, de famílias e escolas, parecem agir no sentido de se desenvolverem, e potenciarem, contextos de escolarização atravessados por desigualdades escolares.

A utilização do capital social disponível através das redes é um claro exemplo das conseqüências dessas estratégias. Se por um lado, as relações proporcionam grandes fontes de mobilidade entre os sujeitos, por outro, elas tendem a reproduzir a hierarquia e as desigualdades escolares, mesmo que “aparentemente” em menor escala, como pretendemos demonstrar.

CAPÍTULO III - METODOLOGIA

Como metodologia para este trabalho foi utilizado o recurso de entrevistas semi-estruturadas, acreditando que, nessa situação específica, havia limitações práticas para realização de coleta de dados em grande escala²⁴. A adoção de recursos de uma investigação qualitativa, desta forma, poderia proporcionar o retorno desejado. As entrevistas foram realizadas com pais e direções de escolas dos locais que compunham a amostra.

Ressaltamos inicialmente que a utilização do termo amostra, na ocasião, refere-se ao grupo escolhido para tal estudo de caso, não se tratando de uma amostra estatística representativa, como usualmente lhe é aplicado.

As bases dos roteiros utilizados são as mesmas desenvolvidas durante o ano de 2009 na cidade do Rio de Janeiro, pelo grupo de pesquisa do qual este trabalho se origina. Destaco o conhecimento prévio, obtido graças à experiência adquirida por este grupo. Ainda que algumas alterações tenham sido feitas, em geral elas foram simples reformulações nas perguntas, seguindo os objetivos dos roteiros.

Como pré-teste foram realizadas duas entrevistas, que possibilitaram a adequação do roteiro de perguntas que estava proposto. Dada a riqueza das informações, essas entrevistas foram agrupadas ao corpo da pesquisa.

A escolha do tema partiu de um questionamento pessoal sobre como poderia explicar sociologicamente o processo de disputa por escolas na cidade de Angra dos Reis, como e de que forma se sustentam e justificam as estratégias familiares e as formas de seleção postas em ação por parte das escolas.

3.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Objetivando compreender a distribuição de oportunidades escolares segundo processos seletivos na região, que em outras palavras proporcionam o fenômeno do quase-mercado escolar, as categorias de análise dos roteiros de entrevista (Anexo A e B) buscam captar como se dá o acesso a estabelecimentos de prestígio encontrados na área delimitada.

²⁴ Basicamente, a falta de recursos para aplicação de um *survey* em município que não estava contemplado originalmente na proposta da pesquisa.

Com foco nas escolhas familiares, se torna importante saber como se operam as estratégias postas em ação no momento de matrícula dos filhos, e por outro como se comportam as escolas no que diz respeito à seleção de seu público. Essas evidências nos permitiram detectar como se constroem as disputas entre escolas e alunos, e como isso desencadeia um processo de hierarquização das vagas escolares segundo tipos de escola e público.

O roteiro de entrevista com as famílias foi composto por cinco blocos que abrangem as seguintes categorias: composição familiar, avaliação das escolas dos filhos, percepções sobre o acesso às escolas, percepções sobre diferenças entre estudantes e percursos escolares.

Características familiares, como escolarização dos pais, número de filhos e atividade profissional, balizam a escolha feita pelos pais para o estabelecimento de ensino, nos permitindo criar uma tipologia de escolha segundo determinada família.

Importantes também são as informações e percepções que as famílias possuem sobre as escolas da região em geral, como operam as matrículas, quem são seus públicos, e as diferenças que elas destacam sobre a qualidade do ensino nos diferentes estabelecimentos. Assim como os trajetos escolares.

O roteiro de entrevista com as diretoras, seguindo o mesmo padrão, compõe-se dos seguintes blocos: levantamento histórico de sua formação, perfil da comunidade e acesso, gestão, seleção e permanência.

Destaca-se neste roteiro a percepção que os moradores têm sobre a escola e a forma como as direções tentam traçar o perfil de seus alunos, bem como as estratégias de gestão escolar e as informações acerca de como se operam as distribuições das vagas disponíveis no estabelecimento.

As escolhas familiares, bem como os trajetos escolares apresentados, somados as percepções de seleção do público por parte das escolas, oferecem rica imagem de como se dá o funcionamento da ecologia do quase-mercado escolar, o que responde diretamente à meta da pesquisa.

3.2 SELEÇÃO DA AMOSTRA

Mesmo compreendendo que o alcance deste possível quase mercado poderia ocupar a totalidade do município, por razões operacionais, decidimos delimitar a área que seria utilizada.

Por isso, após análise dos interesses da pesquisa, estabelecemos a área do bairro do Bracuhy até o bairro do Parque Perequê ao sul do município para servirem de base para a pesquisa de campo.

É importante ressaltar que se tornou necessário incluir uma escola que não está localizada dentro desse limite. Por se situar no primeiro bairro de Paraty na divisa com Angra dos Reis, tendo como bairro mais próximo a ela o Parque Perequê, essa escola acaba por servir diretamente à população de Angra dos Reis, compondo indiretamente seu quadro de escolas.

Assim, ao total essa área conta com o montante de 10 escolas, as quais irei denominar de Prestígio 1 e 2, Popular 1, 2, 3, 4, 5 e 6, e Populares Isoladas 1 e 2²⁵. Essa denominação foi utilizada com base nas características apresentadas pelas mesmas, como será visto nos resultados, e tem como objetivo não revelar facilmente a identidade dos estabelecimentos.

O motivo pelo qual se escolheu esta área foi o fato de ela conter as duas escolas que apresentam o melhor desempenho nos exames de avaliação nacional no Município e por serem escolas altamente valorizadas pela população local. Essas escolas são aqui denominadas Escolas Prestígio 1 e 2.

Como critério de escolha para as escolhas entrevistadas resolvemos optar por selecionar as escolas que participaram da Prova Brasil e sobre as quais, conseqüentemente, dispunhamos de um critério de comparação no que tange aos resultados escolares.

Foram realizadas entrevistas com a quase totalidade das escolas que se situam na região, ficando de fora do grupo quatro escolas, sendo três delas localizadas em área rural e uma dentro de uma vila projetada pela prefeitura para desabrigados.

Como o quase-mercado implica na competição por escolas e entre escolas, a exclusão destes estabelecimentos não traz prejuízos a pesquisa, visto que eles se destinam a grupos muito específicos de famílias.

Infelizmente, por dificuldade de contato, não foi realizada apenas a entrevista com a direção da Escola Prestígio 1. Ficando as informações a respeito desta escola apenas apresentadas sob a visão das famílias entrevistadas.

O conhecimento pessoal da área me permitiu visualizar com grande facilidade o prestígio que essas escolas dispõem quando comparadas às demais. Tanto quanto as estratégias mobilizadas pelas famílias, frente à obscuridade dos processos de matrícula, para fazer com que seus filhos fossem admitidos nas mesmas.

²⁵ As Escolas Prestígio 1 e 2 se situam respectivamente nas Vilas Residenciais de Praia Brava e Mambucaba, assim como as Escolas Populares 1, 2 e 3 estão localizadas no bairro do Perequê, a Escola Popular Isolada 1 no bairro da Vila Histórica de Mambucaba, as Escolas Populares 4 e 5 no bairro do Frade, a Escola Popular Isolada 2 no Grataú e por último a Escola Popular 6 no Bracuhy.

Mesmo que segundo a idéia expressa nesta pesquisa, exames de avaliação nacional no Brasil ainda não representam uma referência para os pais, foi necessário atentar para os desempenhos dessas escolas no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), conforme demonstrado a baixo (Tabela 1 e 2). O que demonstra uma variação de resultados entre os diferentes tipos de estabelecimentos encontrados²⁶.

Tabela 1 – IDEB das Escolas

Escolas	Anos	IDEB 2005	IDEB 2007	IDEB 2009
Prestígio 1	Anos iniciais	-	5,5	5,6
	Anos finais	5,2	4,4	4,1
Prestígio 2	Anos iniciais	4,9	5,1	5,4
	Anos finais	5,0	4,1	4,5
Popular 1	Anos iniciais	4,6	5,4	4,5
	Anos finais	-	-	-
Popular 2	Anos iniciais	1,6	2,4	3,6
	Anos finais	3,2	3,3	3,3
Popular 3	Anos iniciais	-	3,8	3,8
	Anos finais	2,6	1,8	2,2
Popular 4	Anos iniciais	2,7	4,8	1,9
	Anos finais	2,9	3,5	3,0
Popular 5	Anos iniciais	3,3	2,5	4,8
	Anos finais	3,1	1,6	1,9
Popular 6	Anos iniciais	3,0	4,2	3,7
	Anos finais	-	3,4	3,1
Popular Isolada 1	Anos iniciais	-	4,3	-
	Anos finais	-	-	-
Popular Isolada 2	Anos iniciais	-	4,7	4,2
	Anos finais	-	-	-

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira / Ministério da Educação (MEC).

²⁶ Segue em anexo também os resultados destes estabelecimentos na Prova Brasil, que discriminam com riqueza ainda maior detalhes as diferenças entre as escolas estudadas.

Tabela 2 – IDEB dos Municípios por Rede Pública

Município	Anos	IDEB 2005	IDEB 2007	IDEB 2009
Angra dos Reis	Anos iniciais	3,6	4,4	4,3
	Anos finais	3,2	3,0	3,0
Paraty	Anos iniciais	4,1	4,3	4,8
	Anos finais	4,0	3,3	3,9

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira / Ministério da Educação (MEC).

A utilização destes dados nos permitirá compreender se possíveis balizamentos fornecidos por tal sistema de informações às escolhas escolares reflete a qualidade do ensino ministrado nos estabelecimentos, ou talvez, até que ponto esta decisão segue critérios distintos daquela referência.

Para melhor explorar a área da pesquisa e seus trajetos escolares dividimos a mesma em duas regiões, uma ao sul da Central Nuclear, contando, dentre os principais agrupamentos populacionais, com os bairros do Parque Perequê e Vila Histórica de Mambucaba e outra ao norte, composta principalmente dos bairros do Frade e Bracuhy.

No que tange as famílias entrevistadas, procuramos uma área com potencial de boa diversidade de escolhas, dado que dispunha de oferta escolar variada e estratificada, além de razoável diversidade socioeconômica – nos limites de áreas populares. Buscando maximizar as diferenças existentes entre a população local nos esforçamos para entrevistar famílias sem laços entre si, recusando qualquer modelo de “bola de neve”.

Como auxílio para modelar nossa amostra, procuramos as associações de moradores dos bairros, alguns líderes religiosos, assistentes sociais e pessoas que residiam na região a longo tempo, explicando o objetivo da pesquisa, pedimos orientação sobre as famílias que deveríamos entrevistar e onde poderíamos encontrá-las.

Considerando que em observação prévia dos bairros que compõem a amostra verificamos a existência de determinados sub-grupos, buscamos captar essas diferenças. Em geral a população está agrupada pelo local e tipo de emprego (formal ou informal) e pela participação, ou não, em cultos religiosos. Assim, as redes sociais dos moradores locais estão divididas basicamente entre aqueles que são funcionários da Central Nuclear, bem como de suas empreiteiras, aqueles que trabalham em outras empresas locais ou autônomos, todos estes particularmente católicos, evangélicos ou não religiosos.

A princípio foram propostas 30 entrevistas, porém, procurando captar o maior número possível de diferentes redes sociais e perfis socioeconômicos, dada a diversidade de famílias

encontradas, foram realizadas mais 5 entrevistas, às quais também foram acrescentadas as duas entrevistas realizadas como pré-teste.

No total, foram realizadas 37 entrevistas com famílias, representando a seguinte distribuição: Parque Perequê (17), Vila Histórica de Mambucaba (03), Praia Brava (02), Frade (07) e Bracuhy (08). Destacamos que essa divisão, seguindo a distribuição dos bairros, não apresenta nenhuma proporcionalidade em relação ao número de habitantes, e sim aos diferentes subgrupos, ou redes, encontrados.

3.3 PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo foi realizada no mês de janeiro de 2010, período em que já tinham se encerrado as pré-matrículas nas redes estadual e municipal. E que muitos pais esperavam pelas respostas das escolas sobre a disponibilidade das vagas.

Com a opção de procurar os representantes das associações de moradores, ou pessoas públicas dos bairros, como líderes religiosos e moradores antigos da região, confessamos a grande dificuldade para agrupar a maior variedade possível de perfis familiares.

Foram diversas idas aos bairros, muitas vezes não encontramos as famílias, elas não se encaixavam na metodologia de trabalho que nos propusemos realizar, eram familiares ou amigos próximos de pessoas que já tinham sido entrevistadas, dentre outros problemas. Entretanto, no final da realização das entrevistas, acreditamos ter recolhido o maior número de informações distintas possíveis.

A princípio não fazia parte dos planos desta dissertação realizar entrevistas com a direção das escolas, mas no decorrer das primeiras entrevistas percebemos o quanto enriqueceria o texto se houvesse um cruzamento de informações entre as entrevistas das famílias e das escolas.

Em uma época de difícil acesso às direções das escolas, considerando o período de férias, quando muitas escolas aproveitam para realizar reformas e reparos, quando as diretoras fecham os processos de matrícula, distribuem-se as listas dos materiais escolares, dentre outras tarefas, foi árdua a negociação das entrevistas.

Contudo, o resultado parece satisfatório. Com o foco nas estratégias e procedimentos postos em ação por estes dois universos (familiar e escolar), tornou-se mais viável compreender

os processos e verificar a ocorrência do fenômeno que esta dissertação se propõe a estudar, o quase-mercado escolar.

CAPÍTULO IV - O CONTEXTO ESTUDADO

Consideramos importante expor o contexto que está sendo estudado, antes de passar aos resultados deste trabalho. Por isso apresentamos as principais características da cidade de Angra dos Reis e de como seus moradores, segundo perfil socioeconômico, estão distribuídos no contexto sócio-espacial.

Apresentamos também as escolas que compõem a amostra, as séries que elas englobam, a procedência de seu público e suas informações relevantes. Para tanto, em determinados casos, recorreremos aos relatos da direção das escolas sobre a percepção de seus alunos e do próprio estabelecimento frente aos moradores da região, assim como as opiniões do público acerca dos estabelecimentos.

Por último, faremos breve explanação sobre as famílias entrevistadas, suas atividades profissionais, nível de escolaridade, familiaridade com o ensino e vínculo conjugal. Esperamos através destas informações contribuir para o esclarecimento dos dados apresentados no próximo capítulo.

4.1 A CIDADE E OS BAIRROS

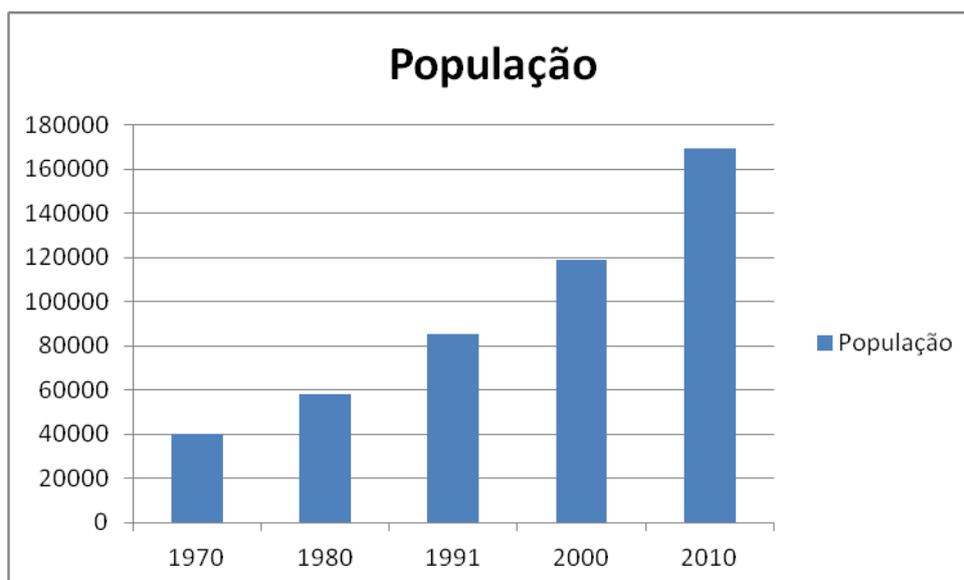
Localizado no litoral sul fluminense, atualmente, o município de Angra dos Reis possui uma população de 169.270 mil habitantes de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) em uma área territorial de 825,09 km², dividida em quatro distritos. Seus bairros em geral, dado o desenho de sua geografia tendem a se afastar do centro da cidade, como em direção de “norte ao sul”, formando uma espécie de linha ao redor da costa.

Suas atividades econômicas giram em torno da pesca e atividades portuárias (Terminal Marítimo da Baía da Ilha Grande - Petrobras), da geração de energia nas Usinas Nucleares Angra I e Angra II, da indústria Naval (Estaleiro Keppel Fels), do comércio e serviços, bem como do turismo.

Ao contrário do que regularmente é divulgado na mídia, que mostra a cidade como um recanto de milionários, cercada de condomínios luxuosos e propriedades particulares, os moradores locais enfrentam diariamente problemas como a falta de infra-estrutura e saneamento básico, e a baixa qualidade dos serviços de saúde e educação.

Seus bairros, desenvolvidos sem planejamento dos órgãos públicos, têm sido constantemente afetados por deslizamentos e enchentes, problemas que se agravam cada vez mais com o passar dos anos e com o aumento desenfreado de sua população, como verificado abaixo.

Gráfico 1 – População de Angra dos Reis (1970-2010)



Fonte: IBGE – Cidades@ (IBGE, 2010)

O sul do município de Angra dos Reis é uma região que se desenvolveu particularmente a partir da construção nas décadas de 70 e 80 da Central Nuclear Almirante Álvaro Alberto, composta pelas duas usinas geradoras de energia situadas na Praia de Itaorna.

A necessidade de mão-de-obra para a construção e manutenção dessas usinas provocou a migração de um grande número de famílias para a região, fato este que é de grande importância quando analisamos a maneira como os bairros se organizaram socialmente no espaço geográfico, especialmente a partir deste período.

Como sabemos, a mão-de-obra em uma situação como esta usualmente se divide conforme a especialização e posição ocupacional dos trabalhadores. Assim, foram atraídos desde engenheiros até pessoas com baixa ou nenhuma escolaridade, os últimos que na região ficaram conhecidos como “peões”, em sua maioria, migrantes das regiões norte e nordeste do Brasil.

Para os trabalhadores “especializados”, também migrantes na ocasião, foram construídas vilas residenciais para suas famílias, as quais, de maneira explícita para qualquer morador da região, também são estratificadas conforme a posição ocupada pelo funcionário, e a empresa para a qual ele trabalha (administradora / empreiteiras)²⁷.

As duas vilas principais construídas com essa finalidade formam hoje os dois bairros que apresentam as duas escolas em torno das quais se organiza essa pesquisa. Sendo assim, temos os bairros de Praia Brava e Vila Residencial de Mambucaba, localizados respectivamente nos municípios de Angra dos Reis e Paraty.

Diferente da estrutura apresentada pelos bairros comuns, essas vilas apresentam características de condomínios particulares, com segurança 24hs, guaritas que controlam a entrada e saída de carros, bancos, hospital, cinema, clubes, além de estarem situadas de frente a praia, possuírem abundante arborização e excelente jardinagem, bem como empresa particular que cuida da limpeza das ruas.

Mesmo que o acesso a estas vilas, e aos serviços que elas dispõem, seja de uso geral dos moradores da região, ressaltamos que a residência é exclusiva dos funcionários com ocupação mais qualificada no contexto local de funcionários das Centrais Nucleares.

Por sua vez, os “peões”, sem a vantagem de receberem uma residência, foram se concentrando nos demais bairros periféricos à Central Nuclear. Lugares onde não havia nenhuma estrutura para suportar o grande crescimento populacional da época.

Desta forma, percebemos a existência de dois tipos de bairros nesta região, os construídos com a finalidade de abrigarem os funcionários do “alto escalão” da Eletronuclear, companhia que administra as Centrais Nucleares, e aqueles compostos por funcionários comuns da empresa e pessoas que desenvolvem outras atividades profissionais.

Toda essa estruturação do espaço geográfico vem a se tornar um referencial e também um problema que se colocava frente a uma região onde a capacidade das escolas era muito limitada e onde a educação pública, como em todo país, apresentara (e continua apresentando) grandes problemas estruturais e baixa qualidade.

4.2 AS ESCOLAS

²⁷ Ao analisar a região percebemos vilas situadas de frente a praia e outras construídas em meio aos bairros já existentes, como o caso do Parque Perequê. Inclusive, dentro destas vilas podemos verificar diferenças na estrutura e tamanho das casas.

No campo educacional o município contava, em 2009, com uma rede de 89 escolas de ensino fundamental, sendo 58 municipais, 11 estaduais e 20 privadas, que totalizam 28.938 matrículas. Destas, 67,61% estão situadas na rede municipal, 23,54% na estadual e 8,83% na rede privada (BRASIL, 2009). Esses dados nos permitem perceber que a grande oferta no ensino fundamental encontra-se em estabelecimentos públicos, com destaque para rede municipal.

Outra característica é que as escolas estaduais na cidade de Angra dos Reis, principalmente as que se relacionam a este estudo, apresentam turmas de segundo segmento do ensino fundamental. Desta maneira percebo que estado e município funcionam, de certa forma, em regime de complementaridade. Por esta razão, tornou-se impossível dissociar essas redes, estando elas aqui analisadas conjunto²⁸.

Como problema de pesquisa, analisaremos a situação de quase-mercado educacional, que se organiza e se sustenta em torno de dois estabelecimentos de ensino em específico, denominados aqui de Escola Prestígio 1 e Escola Prestígio 2.

Para tanto, inicialmente, passamos a apresentação dos estabelecimentos de ensino da região, suas principais características e particularidades, obtidas através das informações colhidas nas entrevistas com a direção destas escolas e com as famílias da região.

Como visto anteriormente, para melhor análise dos percursos escolares, a região da pesquisa foi dividida em duas partes, assim, na primeira região encontramos quatro escolas, a Escolas Populares 1, 2, e 3 e a Escola Popular Isolada 1. Em geral escolas que foram se tornando cada vez mais marginalizadas frente ao desenvolvimento das duas escolas pólos, citadas anteriormente.

Caracterizam-se, conforme verificado, por absorver a demanda de alunos não admitidos nas Escolas Prestígio 1 e 2, em geral provém de famílias desfavorecidas sócio-economicamente e que apresentam maior distorção idade-série, sendo caracterizados por boa parte da comunidade local como “indisciplinados e sem futuro”.

A Escola Popular 1 é a escola mais antiga de todas desta região, servindo à comunidade com as séries iniciais e a educação de jovens e adultos. Seu perfil sempre foi o de receber alunos de baixa renda do bairro Parque Perequê. Recebe também os alunos provenientes das creches locais, que possuem matrícula automática no estabelecimento.

²⁸ Ainda que as entrevistas realizadas com as diretoras apontem que o Estado tem se retirado aos poucos das atribuições que lhes eram delegadas sobre o ensino fundamental na região, as escolas analisadas ainda apresentam fortemente a característica de colaboração entre as redes.

A princípio essa era uma escola pequena, com pouquíssimas salas e nenhuma área de lazer para as crianças. Aproximadamente 08 anos atrás, a escola passou por uma grande reforma e hoje conta com uma estrutura bem mais adequada ao público a que se destina.

Esse período de reforma foi muito marcante na história da escola, que funcionava em três turnos e ainda tinha 12 turmas espalhadas em um anexo improvisado em salas do comércio local, na defesa civil e em uma igreja próxima. Este fato foi indicado pelas famílias também como um motivo pelo qual não gostariam que seus filhos estudassem neste estabelecimento.

Porque além de eu achar que lá (Escola Prestígio 2) seria melhor para ela ir até o ensino médio, e na época o colégio (Escola Popular 1) estava em construção porque tinha três turnos, as crianças entravam de 7h às 10h, de 10h às duas, de duas às cinco e o colégio... E nem estudava ali. Era uma casa, uma loja, atravessava a rua, era uma confusão! Assim que eu preferi colocar lá. Estava muito complicado ali no colégio. (Família 6)

O que mais chama a atenção é que essa escola curiosamente foi apontada pelo IDEB 2007 como a melhor escola de séries iniciais de toda a rede de ensino municipal de Angra dos Reis. Ainda que na avaliação de 2009 ela tenha uma queda em seu desempenho continua a ostentar uma boa colocação entre as escolas da rede.

Esse fato nos leva a perguntar como ela poderia apresentar uma nota tão alta, quando as características dos alunos não são favoráveis. Infelizmente, foge ao escopo desta dissertação esclarecer essa questão. Contudo, é importante alertar que esse fato também é percebido por alguns pais na escolha pelo estabelecimento de ensino de seus filhos, como mesmo relatou a direção da escola e foi verificado nas entrevistas com as famílias.

As pessoas bem informadas, elas conhecem e reconhecem a escola como uma escola boa, as pessoas menos informadas, elas comparam assim... Acho que o prédio que é o prédio mais antigo e comparam com as escolas das Vilas da Usina (Escolas Prestígio 1 e 2), que são escolas que tem mais espaço físico, que fisicamente elas são mais apresentáveis, então aí acho que dá um pouco de *status* e as pessoas que pensam em *status* fazem essa comparação. As pessoas que já encaram o ensino como fundamental prestigiam a nossa escola. (Direção Escola Popular 1)

A Escola Popular 2 por sua vez tem uma história bem mais recente, porém com grandes semelhanças. Diretamente, por ser uma escola de segundo segmento do ensino fundamental, ela recebe os alunos provenientes das Escolas Popular 1 e Popular Isolada 1. Todavia, percebemos que esta se caracteriza na verdade por absorver a demanda de alunos que não conseguiram ingressar no segundo segmento nas Escolas Prestígio 1 e 2.

Essa escola, por esta razão, acaba reproduzindo os mesmos estigmas da Escola Popular 1, também sendo caracterizada pela comunidade local como uma escola de alunos sem perspectivas, classificados como os “baderneiros”.

Essa Escola [Popular 2] aí, o que eu vejo lá não me agrada, não tô acostumada com esse tipo de vida. Sabe? Assim de bagunça, assim de, e... Há, de baderna mesmo, de baderneirozinhos! (Família15)

Outro problema envolvendo a mesma, é que ela é vista pelos pais como um perigo para os alunos pequenos que acabam de sair do 5º ano, visto que apresenta um grande número de alunos repetentes e com grande distorção idade-série. Para os pais, essa mistura apresenta grandes riscos para seus filhos.

É interessante notar que essa percepção também é uma preocupação da direção da escola, que inclusive citou como exemplo uma conversa que teve com a mãe de um aluno que gostaria que o filho trocasse de turma, nas palavras dela:

Eu disse pra ela, seu filho esta com 11 anos no 6º ano, você acha que ele pode estar numa turma de meninos de 15? Você tem que explicar aos pais com clareza. Esse menino chegou na 6º série com 15 anos por “n” motivos... Você acha que um menino de 11 anos pensa igual um menino de 15? (Direção da Escola Popular 2)

Como essas escolas carregam essa imagem, com a Escola Popular 3, situada no mesmo bairro, não é diferente. Os pais a consideram destinada aos alunos repetentes e criticam a escola pela falta de professores. A própria direção da escola confirmou a informação e reconheceu também que por este motivo os alunos tendem a evadir para outras escolas, porém destacou que esse problema está sendo resolvido com a Secretaria Estadual de Educação.

Essa preocupação que a Secretaria está tendo agora vai influenciar também, porque os alunos às vezes ligam pra cá, o que acontecia? As vezes os alunos ficavam sem aula até maio, abril, junho, de muitas disciplinas, então isso desestimulava. Tanto os alunos, quanto os pais, que achavam assim ‘ah, então não tem professor’... (Direção da Escola Popular 3)

É uma escola de ensino fundamental e de ensino médio. Em geral, no ensino fundamental ela recebe os alunos que optam por não estudarem nas Escolas Populares 1 e 2. Todavia, no ensino médio, considerando que os bairros da cidade apresentam uma grande

distância entre si, em geral essa escola tende a atender, mesmo com o atual sistema de matrícula do Estado²⁹, os alunos provenientes do próprio bairro, ou seja, da Escola Popular 2.

Situada no bairro vizinho, a Vila Histórica de Mambucaba, a Escola Popular Isolada 1, que abrange o primeiro segmento do ensino fundamental, tem como característica absorver os moradores locais e aqueles alunos que a demanda da Escola Popular 1 não é capaz de absorver. Conseqüentemente seus alunos também provêm de famílias de baixa renda, termo muitas vezes apontado pelos pais de maneira preconceituosa, como foi relatado:

A comunidade de uma certa forma discrimina a nossa escola [...] eles falam assim, aquelas criancinhas lá do Perequê... Eles discriminam. É interessante porque a comunidade não é tão distante, não é tão distinta, não tem tanta diferença, mas eles acham que são aqueles pobrezinhos, aqueles marginais, não sei o que... Eu acredito que a comunidade não se envolva tanto com a escola, não pela escola, mas pelos alunos, porque eles discriminam os nossos alunos. (Direção da Escola Popular Isolada 1)

Interessante é que, contrariamente, os pais que tem seus filhos nessa escola apontam a direção como muito empenhada em mais do que ensinar, mas também em educar seus filhos. Classificando como positivo o fato da escola ser pequena, para os pais este seria um ambiente mais calmo e tranqüilo para seus filhos.

Do outro lado, compondo a região 2, apresentam-se 4 escolas, as Escolas Populares 4, 5, e 6 e a Escola Popular Isolada 2. Apresentam em geral as mesmas características da região 1, porém destinadas a absorver a demanda de alunos que não conseguem ingressar na Escola Prestígio 1.

É importante destacar a existência de uma outra escola popular nesta região, apontada por muitos pais quando se referiam ao primeiro segmento do ensino fundamental. Esta escola não foi incluída na amostra, contudo, dado que ela foi regularmente citada, torna-se importante fazer referência a mesma, esta será chamada de Escola Popular 4B.. Justifico sua não inclusão pelo fato de que ela se tornou escola propriamente dita muito recentemente, anteriormente essa escola foi na verdade um anexo da Escola Popular 4.

A Escola Popular 4 é a maior escola da rede municipal na região, apresentando uma reputação contraditória quando analisada pelos pais. Para os que têm seus filhos na Escola Prestígio 1, ela é vista como “um lugar para alunos indisciplinados e sem limite”. Porém, quando vista sob o ponto de vista dos pais que tem seus filhos em outras escolas é tida como uma boa escola, onde a direção seria, desde muito tempo, atuante e presente na vida dos alunos.

²⁹ Pelo atual sistema de matrícula do estado, via *internet*, são escolhidos três estabelecimentos, dentre os quais serão verificadas as disponibilidades de vagas e a possibilidade de matrículas.

A escola é muito boa. É do município a melhor! (Família 15)

Crianças de lá são terríveis, briga na porta do colégio. Quando abre o portão é aquele empurra-empurra pra entrar, aquela correria entendeu? É daí pra baixo, bem eu tinha que levar e buscar minha filha todo dia, todo dia. (Família 34)

Sobre o perfil de seu quadro discente a entrevista com a direção levantou importante informação:

O que percebemos nas crianças é uma falta de perspectiva. Talvez por conta, até mesmo, pelo perfil da comunidade. A comunidade se sustenta, basicamente, sem escolaridade. A maioria não tem aquela escolaridade e consegue seu sustento. Isso acaba sendo passado pras crianças. Então, quando você faz uma pergunta assim: o que você deseja, daqui a um tempo, quando você estiver no ensino médio? –“Ah, não desejo nada, não. Só quero terminar o ensino médio”. (Direção da Escola Popular 4)

Alguns pais relataram que nesta escola durante algum tempo foi comum a falta de professores. Este fato também foi colocado por outros pais quando se referiam a outras escolas municipais durante os últimos anos. Porém a situação de troca excessiva de contratos teria sido resolvida com o último concurso para o magistério realizado pela Prefeitura em 2008.

Tipo assim, no... Foi no quarto ano que a B. fez nessa escola, foi o terceiro e quarto ano que ela fez lá. O quarto ano, ela trocou de professor cinco vezes durante o ano. Quando ela se acostumava com um professor trocava pra outro. Ai, quando tava se acostumando com aquele dali trocava pra outro, ai trocou cinco vezes de professor em um ano, entendeu? Só isso daí, até pra criança começar se adaptar com o professor, ai troca. Aí quando você começar a se adaptar com aquele, aí troca de novo. Ai tem que começar do zero com as crianças. Sei lá, eu acho isso um horror, entendeu. Eu dei graças à Deus de no ano seguinte ela ter conseguido lá na Escola Prestígio 1. (Família 34)

Essa escola engloba atualmente o segundo segmento do ensino fundamental, e atende prioritariamente os alunos provenientes da Escola Popular Isolada 2, da creche municipal local e da escola que hoje representa seu antigo anexo (Escola Popular 4B). Todos que possuem matrícula automática no estabelecimento.

A Escola Popular 5, muito antiga na região, recebeu muitas críticas dos pais entrevistados. Para eles faltam muitos professores, a direção seria displicente com alunos que não gostam de estudar e principalmente o ensino seria muito fraco.

Não sei como eles conseguem fazer as provas ali. Eu não sei como eles conseguem passar de ano sem ter matéria, sem ter professor [...] Eu sei que minha filha ficou sem professor de três matérias. E, no entanto, passou nas três matérias. (Família 41)

Esta é uma escola de ensino fundamental e médio. Seus alunos no primeiro segmento não possuem uma procedência certa e no ensino médio, na mesma situação da Escola Popular 3, pela proximidade com a residência tende a ter seu público composto principalmente pelos alunos que derivam da localidade, conseqüentemente provenientes das Escolas Populares 4 e 6.

A Escola Popular Isolada 2, assim como a Escola Popular Isolada 1, é uma escola pequena. Há, porém, um elemento complicador: ela se situa à beira da Rodovia Rio-Santos, na área de uma antiga fazenda da região que remonta ao tempo da escravidão, não havendo nenhuma residência nos arredores da escola.

Por esse fato, mais do que a escola ser pequena e sem estrutura, seus alunos sofrem o preconceito e a discriminação de serem apontados como os alunos da “roça”. Para os pais, a escola se situa em lugar de difícil acesso e de perigo para os filhos, visto que o único acesso é através da Rodovia e esta não apresenta passarela para os alunos.

Eu já presenciei isso, quando o ônibus vem em época de aula, assim, já começa a falar: “ah, lá.” Discriminando mesmo as crianças. “já vem os bois, os bodes”. Entendeu? Discriminando mesmo as crianças por estar estudando ali... Os cavalos... É assim. (Família 22)

Na hora de vir, as pessoas não querem, há uma rejeição muito grande porque... “meu filho é pequeno, eu moro do lado da escola tal” [...] Ai não tem vaga para ele? O pai fica irado. Eles vêm para cá, mas eles vêm com raiva, vem aborrecido, vem culpando o governo porque eles querem vaga lá. Imagina você com filho pequenininho pegar ônibus, você já viu como é o ônibus no dia-a-dia? (Direção da Escola Popular Isolada 2)

A direção da escola reconhece que por conta dessas características ocorre uma rejeição por parte das famílias em matricular seus filhos. Segundo esta, dada a baixa procura as salas ficam vazias, quando poderiam ser abertas novas turmas. Entretanto, a direção destaca que alguns pais valorizam essas peculiaridades.

Então eles rejeitam e com razão e a gente compreende. Então, o que acontece? Sobra criança sem estudar. Fica um monte de criança fora da escola e aqui a gente fica com sala vazia. Igual a esse ano que passou. Nós tínhamos uma sala vazia que ficava à toa sendo que podia. Tinha aluno para formar, mas alguns pais resistem por conta disso. Mas ela é bem vista depois que o aluno vem para cá porque tem tudo para ser bem vista. Porque é pequena, você pode dar uma maior atenção, você conhece todo mundo é assim uma relação assim bem intensa que dá pra você ter um contato com o aluno. (Direção da Escola Popular Isolada 2)

Assim como a Escola Popular Isolada 1, ela também apresenta apenas as séries iniciais do ensino fundamental. Seus alunos provêm das creches locais, e atualmente da demanda que a Escola Popular 4B não é capaz de absorver.

A Escola Popular 6 é apontada pela grande maioria dos pais como uma escola de alunos complicados. Mais que indisciplinados e repetentes, seus alunos são tidos como violentos, estando os pais muito preocupados com a questão do uso de entorpecentes nos arredores da escola.

Até os professores também ficam com medo [...] É brigas, rapaz fumando, passando droga na porta da escola. E eles também mandam muito assim, o zelador da escola. Eles manda muito rapaz novo, entendeu? Eles ficam assim os guardas, eles ficam de brincadeira com as meninas. (Família 24)

Próximo a esta escola foi construída uma vila, por parte da prefeitura, para abrigar as famílias que perderam suas casas com as chuvas que abalaram a cidade no ano 2000. Segundo os pais entrevistados, essas famílias seriam as responsáveis pela mudança de perfil do alunado da escola. Essa recém comunidade comumente aparece no jornal da cidade, geralmente relacionada a casos de assassinatos e tráfico de drogas.

Trata-se de uma escola de ensino fundamental que recebe os alunos provenientes da creche comunitária do Bracuhy. Conforme relatou a direção da escola, caracteriza-se por apresentar um perfil diverso de alunos, que variam desde famílias humildes até aqueles que apresentam uma melhor condição econômica, ainda que lhes falte capital cultural.

Em contrapartida às escolas apresentadas, as Escolas Prestígio 1 e 2 são apontados pelos moradores da cidade como os melhores colégios da região. Dispõem de um ensino tido como de qualidade, possuem educação infantil e todos os anos da escolaridade básica, indo além das escolas da cidade.

Segundo os pais, são colégios que as pessoas conhecem pelo bom ensino, por nunca faltarem professores e por serem mais rigorosos com seus alunos, considerados como mais disciplinados. Ainda que alguns pais tenham relatado certo declínio na qualidade dessas escolas, elas continuam sendo apresentadas como escolas de qualidade superior.

O ensino de lá (Escola Prestígio 1) é muito bom. O ensino de lá é muito bom tendeu? Várias pessoas aqui estudam lá, passam no vestibular muito rápido entendeu? É um ensino muito puxado, muito bom. Estuda muito. A criança rala muito. Primeiro ano que minha filha foi pra lá, você não via ela na rua brincando com as crianças, que ela não tinha tempo. Era o dia inteiro estudando, fazendo o dever de casa que era muito, entendeu? Coisa que ela nunca teve antes, entendeu? Eu acho que esse é o diferencial pra mim, entendeu? Realmente lá você estuda, a criança não vai, a criança não vai pra escola: “ah, to indo pra escola bagunçar”. Lá você estuda! (Família 34)

Na que elas estão hoje, eu sou bem satisfeita com a escola (Escola Prestígio 1) que elas tão hoje, sabe? Porque elas são bem atenciosas, com professores atenciosos e a diretora sempre tá a disposição da gente quando a gente precisa conversar. A coordenadora também. Ela deixa você falar, ela te entende, sabe? Ela não olha pra

você e fala assim: “ah, mais uma mãe louca aqui reclamando.” Não. Ela olha pra você, vê que você é uma mãe preocupada, que se você tá ali é porque você quer o melhor pro seu filho. Então eu não tenho do que reclamar. (Família 41)

Ultimamente tem caído muito. Tem caído muito, muito, muito. Tanto no ritmo de educação, ritmo de direção. Tá perdendo muitas coisas, mas da região ainda são as melhores escolas, não tem comparação. (Família 25)

A Escola Prestígio 2, no extremo sul da região 1 tende a ser mais procurado pelos alunos do Parque Perequê, já a Escola Prestígio 1, por estar situada no meio das duas regiões acaba por ser disputada por ambas regiões.

Por estarem dentro de vilas residenciais e servirem principalmente aos filhos de funcionários da Eletronuclear, essas escolas, desde o princípio, contam com privilégios jamais encontrados em outras escolas da região.

Além de apresentarem uma excelente estrutura física, e usufruírem dos benefícios fornecidos pelas vilas citadas, elas contam com apoio estrutural e financeiro dado pela administradora da Central Nuclear, que dentre outros benefícios garante a composição completa de professores, ônibus privado que transporta os até sua residência, e laboratórios de informática e ciências.

Nos primeiros anos esse “convênio” entre empresa e escolas era estabelecido por meio de repasse direto as escolas, e os professores eram contratados através das empreiteiras que prestavam serviço à Central Nuclear.

Nos anos finais da década de 90 essa relação passou a trazer problemas administrativos à empresa. Eram constantes processos envolvendo professores demitidos que reivindicavam seus direitos enquanto funcionários das empreiteiras, conforme relatou um dos pais, que na época acompanhava ativamente o processo que se iniciava.

Foi um período de grande preocupação sobre o futuro dessas escolas. Caso a administradora da Central Nuclear deixasse de fornecer o auxílio financeiro, as escolas teriam de demitir um grande número de professores³⁰. Foram realizados protestos por parte dos estudantes, que fecharam os acessos ao bairro de Praia Brava, buscando chamar atenção das autoridades locais.

A solução para esse impasse foi a criação, oficialmente, de uma fundação intitulada “Associação de Pais e Amigos das Escolas Estaduais” que dentre outras funções, receberia a verba disponibilizada pela Eletronuclear e a repassaria às escolas.

³⁰ No ano de 2009, como informou a direção da Escola Prestígio 2, 70% dos professores foram contratados pela associação e 30% são professores concursados do Estado. O que demonstra que essa situação se mantém.

Os pais e a comunidade local também foram convidados a participar através de uma simbólica contribuição ao órgão em forma de mensalidade. Ainda que essa doação não seja um pré-requisito para matrícula nestes estabelecimentos, alguns pais relataram estar contribuindo na esperança de um dia conseguirem uma vaga para seus filhos.

O que importa destacar é que desde o início essas escolas contam com suporte e auxílio de uma instituição de grande poder financeiro. E que através deste convênio são realizadas ações que proporcionam a essas escolas certa diferenciação quando comparadas as demais. Inclusive, tais escolas foram sempre cobradas em seus resultados, sendo proibidos quaisquer atos prejudiciais aos alunos, como greves, por exemplo.

Frente aos problemas que se colocam às escolas públicas, como falta de professores, violência, precária estrutura, dentre outros, essas escolas sempre se mantiveram apartadas destas situações, e essas características foram captadas pela população local. Destacamos que essas vantagens permanecem até os dias de hoje, mantendo a “fama” histórica adquirida por elas.

4.3 O PERFIL DAS FAMÍLIAS

Quando optamos pela metodologia utilizada para a seleção da amostra, conforme enunciado anteriormente, não tínhamos em mente a grande disparidade social, econômica e cultural que seria encontrada. Mesmo que não fizesse parte deste estudo levantar minuciosamente informações socioeconômicas das famílias, ao lidar com elas, que em sua grande maioria foram entrevistadas em suas próprias residências, foi impossível não atentar para as grandes disparidades entre as mesmas.

A começar pela escolaridade dos pais, diferenças marcantes surgiram. Foram entrevistadas famílias com membros que possuíam ensino superior, inclusive pós-graduação, outras com nível técnico de instrução e também famílias que finalizaram o ensino médio, todavia, não se especializaram em alguma profissão propriamente dita.

Foram entrevistadas também, e em grande número, famílias que não concluíram a escolaridade básica, ou até mesmo onde um dos membros era analfabeto. É importante destacar a relação difícil que tivemos com algumas dessas famílias, que se mostravam muito acanhadas frente à situação de serem entrevistadas e da conversa ter de ser gravada.

Salientamos que, mais do que as dificuldades com a realização destas entrevistas, a escolaridade dos pais também nos revelou o grau de familiaridade que essas famílias apresentavam no que diz respeito à educação. Os pais com nível escolar mais alto, como era de se esperar, tenderam a ter melhor conhecimento sobre a vida escolar dos filhos, porém alguns pais menos instruídos foram muito claros em suas respostas.

Esses pais, seja por observação, por informações colhidas em meio das redes sociais das quais faziam parte, ou até mesmo por interesse e esforço próprio, possuíam informações detalhadas sobre os problemas e as escolas da região. E mesmo os que não possuíam meios para efetivar a escolha pelo estabelecimento de ensino dos filhos, sabiam exatamente eleger qual a melhor da região, como será demonstrado no capítulo seguinte, destinado à apresentação sistemática de evidências.

Sobre a estrutura das famílias também encontramos grande variedade de respostas, foram entrevistadas famílias compostas por pai e mãe, famílias monoparentais, famílias com dissolução do laço conjugal, algumas que não mantinham nenhuma relação entre si, seja pela distância ou por problemas pessoais, e outras onde os pais participavam ativamente da vida escolar da criança, escolhendo e desenvolvendo em conjunto estratégias para a matrícula dos filhos.

Tratando da atividade profissional dessas famílias, foram entrevistados, funcionários da Eletronuclear ou de algumas das empreiteiras das Centrais Nucleares, funcionários públicos como agentes de saúde, professoras e técnicos administrativos, e comerciantes. Contudo, em geral, nos chamou atenção o grande número de trabalhadores autônomos, como pedreiros, eletricitas, manicures e domésticas. Foram também realizadas entrevistas em que os membros da família estavam desempregados no momento.

Em quase totalidade as entrevistas foram realizadas com as mães, mas em algumas os pais também contribuíram com suas informações, tornando as entrevistas mais ricas em conteúdo. Analisando as redes sociais das quais essas famílias dispõem, elas também tendem a variar, mas em geral se estabelecem através de vizinhos, dos locais de trabalho e principalmente das instituições religiosas dos quais eles participam.

O que se pode concluir sobre essas entrevistas é que elas podem ser consideradas como um recorte da situação atual da sociedade local, de grandes disparidades e hierarquias.

CAPÍTULO V – RESULTADOS

Os dados levantados a partir dos trajetos escolares, obtidos com as entrevistas realizadas, permitem verificar a existência de um quase-mercado escolar na cidade de Angra dos Reis. A competição entre escolas e famílias, bem como as estratégias operadas por ambos, conformando a ecologia desta estrutura, delimitam o fenômeno.

Graças às informações obtidas, permitiu-se criar uma tipologia das famílias na região e suas tendências à escolha. Classificamos os achados em quatro diferentes modelos de famílias, chamadas aqui de, os favorecidos, os influentes, as pessoas “comuns” informadas e as pessoas “comuns” desinformadas.

Esses grupos, conforme suas possibilidades, possuem diferentes opiniões acerca dos estabelecimentos de ensino locais, os quais, dadas as suas características, foram denominadas, no âmbito desta pesquisa, como Escolas Prestígio, Escolas Populares e Escolas Populares Isoladas.

Em geral as famílias tendem a, ou gostariam de desenvolver estratégias para alcançar as escolas de prestígio da região, reconhecidas localmente. Unanimemente, essas estratégias envolvem o contato com indivíduos favorecidos e influentes através das redes sociais locais que, por sua vez, impulsionam e sustentam o quase-mercado escolar na área estudada.

Como reação a essas estratégias, os estabelecimentos de prestígio, com vistas à manutenção de sua posição na hierarquia local, utilizam o comportamento de selecionar seus alunos através de um processo rigoroso de matrícula, o qual beneficia diretamente às famílias favorecidas e influentes da região.

Conclui-se que a competição desigual por escolas e entre escolas, somadas às estratégias verificadas tanto no âmbito familiar quanto escolar, explicam a ocorrência do fenômeno de mercado na rede em questão.

Contudo, diferentemente dos resultados apresentados, até o momento, pelo grupo de pesquisa do qual este estudo deriva³¹, a falta de regulação na distribuição de oportunidades escolares abriu caminho para que as escolas de prestígio da região fossem manipuladas prioritariamente em favor de um determinado grupo local. Resultando-se desse particularismo outro fenômeno, o patrimonialismo.

³¹ As escolhas escolares parecem ir em busca de determinados perfis sócio-culturais ou econômicos, contudo, de forma geral, não voltadas a um determinado grupo ou rede social consolidado localmente.

5.1 O QUASE-MERCADO ESCOLAR EM ANGRA DOS REIS

A situação das escolas que compõem a amostra desta pesquisa evidencia a existência do quase-mercado escolar na área estudada da cidade de Angra dos Reis, particularmente estabelecido a partir da disputa por dois estabelecimentos de ensino, as Escolas Prestígio 1 e 2.

Reforçando a hipótese levantada inicialmente, mesmo que com algumas diferenciações, a concorrência pelos estabelecimentos de ensino na região ratifica este fenômeno e dá margem para que se fortaleçam os mecanismos de segregação escolar.

Esses estabelecimentos de ensino são apontados, pela unanimidade das famílias entrevistadas, como os estabelecimentos de prestígio na região. Seu valor é reconhecido historicamente pela comunidade local.

Como tratado no capítulo anterior, essas escolas dispõem de benefícios por estarem dentro de Vilas quase particulares, e apresentam ensino de qualidade superior aos indicadores locais, fortalecidos pelo auxílio dado pela Eletronuclear.

Todas essas percepções são apresentadas pelas famílias entrevistadas da região, influenciando suas escolhas por esses estabelecimentos de ensino, como afirma uma das mães entrevistadas:

Desde sempre a Escola Prestígio 1 era uma escola que era mantida pela Eletronuclear, e com isso, né, tinha uma estrutura totalmente diferente, tinha uma estrutura física na escola né? E numa época que as escolas estaduais eram muito precárias, vamos dizer assim, o ensino, muita greve e tal, lá não acontecia. Então, eles é... Tinha já aquela visão de que lá era melhor, e era melhor mesmo por conta disso. Que lá não tinha greve, lá não faltava professor, lá tudo era mais fácil [...] então muitos procuram por causa disso ali já tem aquele nome antigo... (Família 30)

Ressaltamos que, diferentemente do que esperávamos ao iniciar esta pesquisa, a utilização do termo “oculto”, atribuído ao conceito que desenvolvo, torna-se desnecessária frente aos atores envolvidos, ainda que perante as autoridades públicas essa qualificação talvez possa ser adotada.

A existência deste quase-mercado escolar é de conhecimento da totalidade das pessoas entrevistadas, que inclusive, em muitos casos, se relacionam com essa situação admitindo sua legitimidade ou revelando certo fatalismo...

Fiz a pré-matrícula, mas tem que ter a ajuda de uma pessoa que trabalha lá dentro, porque senão você não consegue vaga lá. Lá só consegue se tiver um peixe, né? Fazer o quê? (Família 30)

Aqui é muita criança e as vagas são poucas. Eu até entendo que na Escola Prestígio 2 tem que dar preferência pro pessoal da vila, né? E sobram umas vagas pra gente aqui... (Família 17)

Ao aceitarem os mecanismos de seleção como partes naturais do processo, essas famílias acabam por fortalecer o poder destas instituições. Para as famílias da região são elas que devem procurar estratégias para alcançar estes estabelecimentos, não surgindo questionamentos quanto a que as escolas devessem tornar iguais seus processos de matrícula.

Mesmo que algumas pessoas reconheçam que a forma como operam estes estabelecimentos seja altamente seletiva, eles se manifestam como incapazes de qualquer manifestação nesse assunto. Como uma das famílias me revelou após o término das entrevistas, eles sabem que isso é injusto, mas eles não podiam fazer nada e que brigar só traria mais problemas.

Com base nas entrevistas realizadas foi possível entender como se opera este controle. Como desdobramento da busca dos pais pelos estabelecimentos de ensino de prestígio, o quase-mercado escolar, nesta situação específica, se desenvolve e sustenta através das redes sociais estabelecidas nesta região, atravessadas por um forte elemento “externo”: a Eletronuclear.

Buscando compreender como se operam estas redes, iremos estabelecer uma divisão entre elas, chamando-as de “central” e “periféricas”. Compreendemos que a visualização das redes seja um processo altamente complexo, visto que estas se cruzam em diversos pontos, porém acreditamos que esta configuração, elaborada de maneira simples, será de fácil compreensão.

A rede central será aqui formada pela associação entre a empresa administradora das Centrais Nucleares e as Escolas Prestígio 1 e 2. Em outras palavras, seus funcionários e os respectivos estabelecimentos de ensino. Esta associação entre empresa e escola historicamente colocou os funcionários do escalão mais qualificado das Centrais Nucleares em situação de vantagem escolar, quando comparados as famílias comuns³².

Com acesso favorecido a estes estabelecimentos, os filhos dos funcionários da empresa não precisavam recorrer aos mesmos processos matrícula das demais pessoas, “comuns”, a vaga anteriormente já lhes era reservada, com base na posição que ocupavam. Como se pode verificar através dos seguintes depoimentos:

³² O acesso a estas escolas parece limitado a funcionários da Eletronuclear e de suas importantes empreiteiras. Funcionários comuns das Centrais Nucleares, os “peões”, não se incluem nesse grupo. Como demonstrado por Marques (2006), estar inserido nas redes não garante que os benefícios serão obtidos, é necessário atentar para a posição que se ocupa dentro da estrutura.

O pessoal que mora aqui eles dão preferência, né? Porque os de fora... Mas foi fácil. Cheguei ali e tinha vaga. Ninguém falou que tinha que esperar não. Logo ele já fez os documentos, pediu as coisas e pronto. (Família 46)

Eu só fui lá, conversei com o pessoal que fica na secretaria, ai deixei os documentos e fiquei esperando. E foi mais fácil também porque eles dão preferência, porque na época o pai dele tava trabalhando na usina, e eles dão preferência primeiro pra quem, o pessoal trabalha na usina, aí depois que eles, se surgir alguma outra vaga, que eles vão colocando o pessoal de fora. Eu levei os documentos do pai do M., que trabalhava lá, o número dele de crachá e tudo, ai preenchi a ficha, e fiquei esperando começar. (Família 10)

Não foram encontradas formalizações burocráticas que regulem as normas dessa associação, entretanto não é difícil atribuir à Eletronuclear um papel ativo neste processo. Nossas observações acusam o uso de um bem público em favor de um determinado grupo, diretamente, indicando a existência dessa forma de patrimonialismo na região.

Através das entrevistas realizadas pudemos perceber que parece existir um acordo “informal” entre empresa e escolas sustentando essas ações. Segundo a direção da Escola Prestígio 2, esse benefício dado aos funcionários da Eletronuclear surge como uma “retribuição” oferecida à empresa, que para eles seria um sentimento de responsabilização e não imposição de pessoas de fora. Todavia, chamam atenção as palavras expressas pela diretora da escola:

No final do ano a gente abre para as pré- matrículas, então os pais vêm, fazem uma fichinha e depois a gente vai ver a quantidade de vagas por turma, e depois a gente segue alguns critérios estabelecidos no diário oficial como quem mora mais perto, quem é mais novo, se tem alguma deficiência e é lógico que a gente procura dar prioridade para quem é da Eletronuclear. Isso a gente também faz, sempre guarda uma vaguinha pra quem é da Eletro. Porque em função desse apoio a gente também é exigido nesse sentido, a gente é cobrado, tem muita cobrança. (Direção da Escola Prestígio 2)

Confirmamos, com base nestas palavras, a existência de uma diferenciação entre os filhos de funcionários da Eletronuclear e os filhos das pessoas da comunidade em geral, estando os últimos na condição de concorrer simplesmente às vagas que sobram após a seleção estabelecida pela escola.

É uma burocracia só, primeiro o filho de fulano, filho de cicrano, pra depois os outros. Primeiro são sempre os filhos de quem trabalha na Eletronuclear. (Família 16)

Apesar do número dos alunos filhos de funcionários da empresa do estabelecimento anteriormente citado ter decaído – conforme mostrou o censo desenvolvido pela escola no ano

de 2009, no qual, dos aproximados 1.450 alunos, esse grupo era de apenas 20%³³ – é importante alertar para os mecanismos de segregação que são criados.

Por sua vez, como em um universo paralelo encontramos as redes periféricas, compostas pelas famílias comuns que não dispõem de privilégios na hora de matricular seus filhos nos estabelecimentos de ensino locais.

Estando desvantajosamente equipadas a concorrer às vagas nas escolas privilegiadas da região, essas famílias desenvolvem estratégias que buscam efetivar suas escolhas, frente à competição que se estabelece no quase-mercado. Em geral, as estratégias postas em ação por parte das famílias giram em torno da utilização do capital social que elas dispõem frente às redes sociais das quais fazem parte.

Porque também tem que ter q.i. né? Quem indicou? Então, no caso, as coisas aqui funcionam assim. Na base do conhecimento. Conhece uma pessoa, que conhece outra pessoa, que vai direto entendeu? Assim até conseguir assim, do jeito correto, é muito difícil. Já tentei e não consegui. Então, acho que só por um milagre mesmo, mas como para Deus tudo é possível, vou tentar de novo! (Família 15)

Como visto pelos autores que fundamentam essa dissertação, as redes sociais são importantes meios para se obter bens fora dos mercados convencionais. Essas redes tendem a organizar a distribuição destes benefícios, conforme a posição ocupada por seus membros.

Por isso é crucial entender que além do controle dos benefícios que circulam em seu meio, essas redes também tendem a fortalecer a hierarquia entre os estabelecimentos, seja pelo acesso limitado a determinados sujeitos ou pela informação que se forma em seu interior e que acaba por legitimar determinadas opiniões e valores.

Como demonstrou Holme (2002), as famílias possuem poucas informações precisas sobre as escolas. Como observadores imperfeitos atentam na grande maioria dos casos para os aspectos puramente visíveis, com destaque para o perfil dos alunos que compõem os estabelecimentos.

Você passa ali em frente (Escola Popular 1) e vê aquelas criança tudo com roupa rasgada, sem sapato. O que você pensa? Você acha que eu vou querer minha filha estudando ali? (Família 6)

Neste caso, as redes sociais acabaram criando idéias sobre determinados estabelecimentos que passam a vigorar como verdades compartilhadas. Um bom exemplo que sugere não ser esta uma regra seria exatamente a Escola Popular 1 que, apesar dos problemas

³³ Segundo a diretora do Colégio Estadual Almirante Álvaro Alberto esta baixa no número de alunos filhos de funcionários da Eletronuclear pode estar decorrendo do benefício dado a estas famílias para pagamento de mensalidades na rede privada.

passados, vem se afirmando como uma escola de qualidade. Essa situação foi percebida inclusive por uma das mães entrevistadas, nas palavras dela:

Eu acho que hoje a Escola Popular 1 é um bom colégio, só que mesmo assim os pais ainda têm aquela ilusão das escolas das vilas, né? De que é melhor, de que o ensino é melhor, essa coisa toda. Então, assim, eu acho que socialmente falando as escolas das vilas são melhores. Agora, o ensino eu acho que é quase a mesma coisa. Não muda muita coisa não. (Família 12)

Concluindo a coleção de evidências deste fenômeno, destacamos os achados de Yair (1996). Como ele verificou, todo este processo pode ser compreendido através de um conceito denominado “Ecologia do quase-mercado”. As entrevistas realizadas com as famílias e a direção dos estabelecimentos me permitiram verificar como ele é operado nesta região.

Uma das famílias que tivemos contato revelou que ao se mudar para Angra dos Reis procurou a Escola Prestígio 2 e foi informada pela direção que não havia vaga disponível na escola. Curiosamente, ainda não tinha se iniciado o processo de matrícula, como a mãe ficou sabendo posteriormente.

Simplesmente elas falaram que não tinha mais, que não tinha mais vaga... Que daí eu ainda expliquei que eu tinha mudado para cá... Ai falaram que não tinha vaga que eu tinha que procurar para cá, que lá não tinha... (Família 5)

Como em uma situação de ecologia de mercado, a seleção feita por determinado estabelecimento é sustentada pela existência de outro que tende a receber os alunos repelidos, aqui este processo se completa:

Algumas escolas faziam de propósito, mandavam os problemáticos para cá e falava para os pais “leva pra a Escola Popular 3, lá dá jeito”. Então, a gente decidiu que é problemático, então tá. Então, vamos descobrir qual o problema e vamos trabalhar com eles. [...] Os pais chegam aqui falando isso, que foram orientados, obrigados a trazer para cá.
E geralmente eles são de onde? Daqui do bairro mesmo?
Do bairro não, geralmente são de fora, né... (Direção da Escola Popular 3)

Este exemplo nos revela uma tendência encontrada em todos os estabelecimentos da região. As Escolas Prestígio 1 e 2 tendem a dispensar determinados alunos, que por sua vez são acolhidos pelas Escolas Populares e Escolas Populares Isoladas.

Com os elementos acima apresentados, a competição entre as famílias pelas escolas, a seleção feita pelas mesmas, e a ecologia desta estrutura, indicamos a ocorrência de um quase-

mercado escolar na cidade de Angra dos Reis, ao menos na área estudada, mediatizado pelas redes sociais, que tendem a impulsionar e fortalecer este fenômeno.

Estando a rede central de posse do controle sobre as escolas de prestígio da região, não resta outra alternativa às famílias comuns, que almejam colocar os filhos nestes estabelecimentos, que recorrer ao único recurso disponível, a utilização do capital social, obtido por meio das redes sociais.

5.2 AS ESCOLHAS FAMILIARES

Entender como operam as escolhas familiares exige entender quais os tipos de estabelecimentos que se apresentam, e claro, quais as disponibilidades que se encontram ao seu alcance, tendo em vista que em uma situação de mercado as pessoas estão desigualmente equipadas para competir.

Inicialmente, com bases nas entrevistas realizadas estabelecemos três características gerais dos estabelecimentos da região: as Escolas Prestígio, as Escolas Populares, e as Escolas Populares Isoladas.

Os estabelecimentos de prestígio são, em geral poucos acessíveis visto a sua rigorosa seleção. Desfrutam de reconhecimento frente aos moradores locais e são caracterizados como de excelência no ensino e rigorosa disciplina.

Já trabalhei na Escola Popular 4 e eu não queria minha filha no meio das coisas que acontecem ali. É muito misturado, aluno grande com pequeno. É... Os maiores abusam muito dos pequenos, batem nos pequenos e tal, e ela é muito bobinha. Então lá na Escola Prestígio 1, eu vejo que tem essa separação, tem uma... Um cuidado maior, as próprias crianças são mais disciplinadas... também as professoras exigem e educam mesmo. (Família 30)

A Escola Prestígio 2 é boa, os colégios estadual daqui são muito bons, esse é igual a Escola Prestígio 1. São os melhores colégios. Por isso que todo mundo quer ir pra lá. (Família 16)

Os estabelecimentos populares, em caminho oposto, dificilmente apresentam barreiras de acesso, somente quando realmente não existem vagas disponíveis. São escolas que muito freqüentemente não são consideradas de valor pela comunidade local, tendo seu público quase sempre composto por filhos de famílias social e economicamente desfavorecidas.

Os estabelecimentos populares isolados apresentam um número de alunos muito pequeno dado o limite da sua estrutura física. Situam-se em regiões isoladas e não se encontram na posição de concorrentes diretos das outras escolas. São classificadas como de fácil matrícula e, inclusive, admitiram não preencher todas as vagas disponíveis, dada a baixa procura.

Entretanto, quando os pais escolhem estes estabelecimentos a opção é exatamente pela busca desse perfil. Ainda que se caracterizem como populares, foi necessário estabelecer uma categoria especial a eles, visto a diferenciação que apresentam quando comparadas às demais escolas.

Frente à variedade destes estabelecimentos, apresentam-se famílias igualmente variadas. Diferenças nos aspectos social, econômico e cultural irão possibilitar o aparecimento de distintas formas de se relacionar com o ensino dos filhos, e conseqüentemente de diferentes escolhas por estabelecimentos.

Iremos agrupar essas famílias em quatro grupos: os favorecidos, os influentes, as pessoas “comuns” informadas e as pessoas “comuns” desinformadas.

Como favorecidos chamamos aquelas famílias que, pelo fato de um dos membros ser funcionário da Eletronuclear, possuem acesso direto às escolas de prestígio da região, não precisando concorrer a estas vagas. São famílias que têm em suas falas o que podemos caracterizar como valorização e reconhecimento da importância de um ensino de qualidade. É presumível que nutram, como usual em sistemas de hierarquias demarcadas, um senso de superioridade naturalizado diante das demais famílias e alunos.

Eu observo que é uma boa escola pelo seguinte: porque a gente mora aqui dentro da, como é que fala, aqui dentro da vila. Então, a gente já tem essa vantagem de morar aqui dentro da vila e outra coisa a usina nuclear ajuda o colégio. Então, a gente ainda tem uns bons professores. Por esse motivo, nós temos ainda bons professores aqui dentro. A gente tem professores particulares dentro da Escola Prestígio 1. Nós temos professores que são do Estado e que são da associação, da associação dos pais e amigos. Então, se torna um colégio bom, selecionado. Do Estado é o mais selecionado, é um colégio ótimo. (Família 9)

Os influentes são os líderes locais e políticos, os comerciantes e os próprios funcionários dos estabelecimentos de ensino. Pessoas que mesmo não estando relacionadas às Centrais Nucleares desfrutam de reconhecimento local e não precisam disputar as vagas disponíveis, seu acesso é facilitado. Possuem assim, com base na sua influência relativa, facilidade de acesso as Escolas Prestígio 1 e 2. Compartilham junto aos favorecidos o controle e a distribuição dos bens, que nesse caso é a educação.

Como afirma uma das mães entrevistadas, cuja família do marido é dona de um estabelecimento de comércio muito conhecido na região, a matrícula foi feita facilmente pelo pai. Ela reconhece ainda que esse é um processo de seleção:

Ele conversou com a diretora. Ela disponibilizou a vaga na hora. Foi até no final do ano, se eu não me engano. Época de pré-matrícula normal e depois ela foi matriculada normalmente junto com as outras crianças. Mas é muito difícil, tem uma lista enorme, se eu fosse por métodos normais, meios normais eu não teria conseguido não, ou até poderia ter conseguido, mas a prioridade é dos funcionários da Eletronuclear, pros moradores da vila pra depois os populares, né? Então, muito difícil. É muita gente na fila [...] porque, assim, infelizmente eles selecionam os alunos, o que também tá muito errado, mas eles selecionam os alunos, entendeu? (Família 12)

As pessoas “comuns” informadas compõem as famílias que não desfrutam de nenhum benefício ou facilidade no acesso a essas escolas, entretanto, valorizam o ato de escolher. Mesmo que as estratégias estabelecidas por essas famílias usualmente não alcancem seus objetivos, elas sabem eleger as boas escolas da região, bem como apontar em que ponto falham as Escolares Populares.

Todas escolas, que eu conheço aqui do bairro, esse pessoal coloca mesmo por falta de opção, mas essas escolas aqui do bairro, sinceramente... Muita falta de professor, principalmente a falta de professor. [...] então pra mim lá (Escola Prestígio 2) o que diferencia é isso que eu te falei, a não falta de professor, pra mim é o principal. E também né... Como uma coordenação muito boa eles trabalham junto com os pais, junto com os alunos. Tem alguns alunos também que fazem aqueles projetos... Tipo coordenador de sala... Sei que estão sempre assim, alunos e pais trabalhando todo mundo junto. Eu acho isso muito bom. Pra você ver a minha filha ela saiu de lá e o primeiro vestibular que ela fez ela tá numa federal. Eu acho muito bom isso... Quer dizer que na escola ela aprendeu muita coisa... Porque é muito difícil você sair de uma escola pública e passar numa federal, é muito difícil. (Família 8)

Por último, as pessoas “comuns” desinformadas, sem vantagens frente às outras e com baixo nível cultural e de capital social. Essas famílias possuem uma precária relação com o ensino. As escolhas familiares pelo estabelecimento de ensino nesse grupo são arbitrárias e quando tendem a eleger as escolas de renome da região não passam de um reflexo de escolhas de pessoas que eles julgam mais aptas a escolher.

É importante destacar que nas escolhas feitas por pessoas “comuns”, informadas e desinformadas, em determinadas casos se tende a considerar o *status* que o estabelecimento parece desfrutar, somando-se ou não o conhecimento e valorização da educação.

No caso específico das escolas de prestígio da região, a escolha por elas em determinadas famílias está relacionada a seu público, ao fato de estarem dentro de vilas, de

possuírem ônibus para o transporte dos alunos, e dos demais benefícios que eles dispõem, já citados anteriormente.

Essa percepção apareceu em uma das entrevistas onde uma mãe diz que a recusa dos moradores do Parque Perequê pela Escola Popular 1 representa, na opinião dela um preconceito com base no público que compõe a escola.

Deus me perdoe não quero julgar ninguém, mas eu acho que é por ser uma escola que acolhe crianças carentes, crianças com poucas condições, então assim tem um certo sabe, uma coisa de *status*. Ah eu quero que meu filho estude aonde tá os da vila, os de melhor situação... Do *status*, eu acho, eu acho, que bem ou mal o povo do Perequê... Algumas pessoas dão muito valor à Vila, mas o povo da Vila já cria uma certa barreira entre a gente, então assim, o povo daqui valoriza muito o povo de lá, mas o povo de lá não valoriza nada aqui³⁴.(Família 11)

Outra característica que aparece frequentemente na escolha das pessoas “comuns”, informadas e desinformadas, é o desejo que seus filhos entrem para esses estabelecimentos, visto que eles possuem todos os anos da escolaridade básica. Esse é um fator muito positivo para as famílias entrevistadas.

Pra mim, aqui no lugar a localidade é a melhor, e porque não precisa ficar mudando de escola, entendeu. Começa no pré e terminou e pronto, não tem que você estar mudando e mudando, porque aí fica difícil, que as vezes quando termina você não consegue vaga noutra lugar, aí vai pra longe, aí não dá, é preferível ficar ali. (Família 8)

5.2.1 Tendência à escolha por tipo de família

As entrevistas realizadas permitiram analisar a ocorrência de uma tendência à escolha por parte dos diferentes tipos de famílias encontradas. Essas escolhas estão baseadas nas possibilidades que lhes são acessíveis.

Os favorecidos, tendo em vista a posição que ocupam na estrutura social e o valor que dedicam à educação dos filhos, seguem o caminho óbvio e os matriculam nos estabelecimentos de ensino privilegiados da região. Sem barreiras que os impeçam de ter acesso a estas escolas, as famílias optam por estes estabelecimentos, os quais elas conhecem e sabem seu valor.

³⁴ Impossível não remontar a Scotson e Elias, com seu “Os Estabelecidos e os Outsiders”.

Pra que a gente vai sair daqui? Temos uma escola de qualidade aqui do lado de casa, sem contar que muitos dos professores daqui são os mesmos que dão aula nas escolas particulares... Então não tem necessidade. (Família 9)

Os influentes, em mesmo caminho, elegem essas escolas para matricular seus filhos. Com o acesso facilitado pela posição social que ocupam nas comunidades também não encontram nenhum problema para matricular seus filhos nestes estabelecimentos.

Por outro lado, as pessoas “comuns”, informadas e desinformadas, tendem a apresentar critérios distintos para a escolha dos estabelecimentos de ensino, visto que nem sempre elas conseguem sucesso na efetivação de suas escolhas.

As pessoas “comuns” informadas, dado o valor que atribuem à escola na educação dos filhos, tendem a escolher as escolas de renome da região, entretanto, nem sempre as estratégias postas em ação por essas famílias se concretiza em sucesso.

Nesses casos, as segundas opções de escolha tendem a variar conforme a região onde essas famílias residem. Na região 1, ainda que exista um preconceito com a Escola Popular 1, ela aparece como a preferência dos pais, à frente a Escola Popular 3, onde para os pais faltam muitos professores, o que prejudicaria o ensino de seus filhos.

Assim famílias que não possuem recursos suficientes para alcançar as Escolas Prestígio 1 e 2 seguem então o caminho “natural” das escolas da região. Optam pela Escola Popular 1, em seguida são indicadas a Escola Popular 2 e por último, na falta de alternativa, Escola Popular 3, estes os estabelecimentos populares do bairro.

Alguns pais, de acordo com seus anseios, escolhem matricular seus filhos na Escola Popular Isolada 1. São famílias que preferem que seus filhos estejam em ambientes pequenos, onde podem ser supervisionados atentamente e onde eles julgam ser um lugar mais calmo para aprender.

Ah eu acho... É que nem eu te falei, ensino muito bom, eles aprenderam bastante, parece assim que os professores a diretora... Eles passam assim uma tranquilidade para as crianças você entendeu? Ah o jeito... Eu acho que é o jeito mesmo, eles não têm aquela agitação, aquela coisa assim sabe... Eu não sei, nem te explicar... É uma pena só funcionar até na quarta série porque se não eles iam estudar lá bastante tempo... (Família 5)

Na região 2, ainda que alguns pais tenham escolhido a Escola Popular 6, a tendência maior está voltada a Escola Popular 4, que para os pais seria a melhor opção na região frente à indisponibilidade da Escola Prestígio 1. Apareceu como marcante a recusa dos pais deste grupo no que se refere à Escola Popular 5.

Ali (Escola Popular 5) eu nem nunca tentei, porque mais falta professor do que tem. Eu sei que tem o filho da minha patroa inclusive, ele estuda na parte da manhã, não teve um dia que ele chegasse no horário normal de terminar a aula. Nunca! Ele pegava as sete e onze horas tava em casa, quando dava no máximo dez, dez e meia. Ah, não é, eu acho que tava em agosto ainda não tinha tido uma aula não lembro qual era a matéria porque não tinha professor até então, entendeu? Não teve essa matéria porque não tinha professor entendeu? Lá eu não colocaria meu filho. (Família 34)

Semelhante à região 1, alguns pais tendem a escolher a Escola Popular Isolada 2. Apesar da alta discriminação que esta escola sofre, dada suas características peculiares, ela aparece valorizada para os pais que lá matriculam seus filhos.

Então, é o que eu falei, por ser num lugar que é uma fazenda, né? Eles acham que é diferente das outras escolas. É porque tem pouca sala, só são três salas, e é assim... Eu acho que é muito preconceito. Acho que eles acham que é diferente o ensino, mas não é. O ensino é o mesmo, até melhor. Não é o estudo é melhor, mas o jeito deles expressarem, dá mais atenção porque são pouco o número de pessoas, eu acho, porque são três salas só, tem como, mesmo que seja tarde ou de manhã, tem como eles dão mais atenção do que se fosse uma escola maior. (Família 22)

Por último, as famílias de pessoas “comuns” desinformadas parecem seguir critérios altamente arbitrários na eleição da escola para seus filhos, e quando optam pelos estabelecimentos de ensino privilegiados da cidade esta escolha sugere apenas um reflexo de opinião alheias. Nesse grupo é constante o uso da expressão “todo mundo fala que lá é uma boa escola”.

As escolhas nesse grupo são feitas entre as Escolas Populares em geral, seguindo quase sempre o critério de proximidade com a residência. Pela falta de familiaridade com a educação dos filhos não possuem critérios rigorosos de escolha.

Tendo em vista que essas famílias possuem redes sociais mais limitadas, dificilmente elas têm acesso aos estabelecimentos de prestígio da região. A opinião da seguinte mãe expressa o pensamento do grupo em geral:

Por mim eles estudavam na vila, na Escola Prestígio 2. Mas o problema é que lá, é a coisa mais difícil, é a coisa mais rara do mundo você achar uma vaga. É igual você ganhar na loteria, arrumar uma vaga ali dentro, entendeu? Muito difícil mesmo. Mas pra ser sincera nunca procurei lá não, porque já me falaram que tinha que dormir lá três dias pra conseguir, mas isso aí eu não faço não, porque se tem colégio aqui, pra quê que eu vou ficar três dias dormindo na fila pra conseguir uma vaga? (Família 13)

Dentro deste grupo algumas famílias relataram não terem ambições de um dia verem seus filhos estudarem nas escolas de prestígio na região. Eles alegaram a impossibilidade de arcar com as despesas e também, no caso das famílias mais humildes, o medo de como seria a ida de seus filhos para essas escolas.

Aqui (Escola Popular 1) também você chega no dia de material, e é pouco material para comprar. O ano passado mesmo comprava material quem quisesse, porque eles deram o material. Entendeu? A criança... Quer dizer, pra gente, agora no caso meu marido faz bico, tudo bem que eu não pago aluguel, essas coisa, pra gente é bom isso. É um dinheiro que eu economizo. Pode comprar um sapato, pode comprar uma brusa de colégio. Na Escola Prestígio 2 não. Você vai lá, a lista de lá é desse tamanho assim... De material. Entendeu? (Família 13)

Não sei lá (Escola Prestígio 2) tudo é diferente... O lugar, as matérias são diferentes, os professores, não sei tudo é diferente... Por isso eu prefiro que eles fique aqui (Escola Popular 2) onde todo mundo é igual. (Família 2)

Eu acho muito difícil. Muito diferente pra ele. Meu filho não tem a cabeça no lugar. Ele gosta muito de ir na turma dos outros. Ver as outras pessoas. Então eu acho muito difícil se ele for pra lá (Escola Prestígio 1). (Família 44)

Como balanço, apontamos que as entrevistas realizadas não indicam que as escolhas familiares estejam associadas diretamente a qualidade do ensino dos estabelecimentos, como poderia se julgar inicialmente. Ainda que as Escolas Prestígio 1 e 2 tenham apresentados os melhores resultados acadêmicos da região no IDEB, a escolha escolar esta fortemente associada as vantagens sociais que se pode obter através delas.

Os pais, principalmente aqueles que não apresentam um contato íntimo com questões educacionais, tendem a reproduzir a visão daqueles que julgam superiores e mais propensos a escolher. Desta forma, acreditamos que a escolha por estabelecimento de ensino para a grande maioria das famílias entrevistadas independe do desempenho acadêmico dos estabelecimentos.

Um exemplo, citado anteriormente, é o da Escola Popular 1 que apresenta um bom desempenho e que, apesar disso, não é prestigiada pela comunidade graças ao perfil de seus alunos, reforçando a idéia de que para determinados grupos a escolha varia conforme a composição do público e o *status* que o estabelecimento apresenta na hierarquia local.

Outro caso é da Escola Popular Isolada 2, que apesar de apresentar os melhores resultados para as séries iniciais na região 2, tende a ser desvalorizada pela população, bem como a Escola Popular 6, que devido a suas características, é menos procurada, na visão dos pais que a Escola Popular 4, ainda que seu resultado médio seja superior.

Percebemos assim, que mesmo em famílias onde os pais reconheçam a qualidade do ensino do estabelecimento sua escolha tende a abranger outros critérios que muitas vezes não condizem com questões de aprendizagem em si.

5.3 ESTRATÉGIAS FAMILIARES

Naturalmente não foram encontradas exatamente estratégias por parte dos favorecidos. Esses realizam a matrícula em qualquer momento e sem nenhum problema. À semelhança, para os influentes, a matrícula é resultado de uma simples conversa com a direção, que em geral tende a facilitar a liberação de vagas para essas famílias.

Com sentimento de indignação, uma das mães falou sobre o assunto, para ela é uma falta de respeito com as pessoas “comuns” a forma como esses grupos são tratados:

Porque uma é... O pai tem comércio, foi lá conversou, ganhou, conseguiu a vaga. A outra, mãe trabalha no hospital, foi lá, conversou, conseguiu vaga. Aí é porque a mãe é professora, né? Aí consegue. Então é muito assim, se você chegar lá e falar como uma pessoa simples que precisa de uma vaga, pode ir pra secretaria e ir pra fila de espera. Se você é comerciante, se você tem alguma coisa ou trabalha em comércio, ou trabalha que você tenha um cargo, você vai lá rapidinho você consegue. [...] assim, é *status* né? Um pouco de *status*. Você trabalha em comércio, você tem a profissão a tal naquele comércio, você rapidinho consegue, até pra outra pessoa. Eu sei de pessoas no hospital que conseguem vaga pra outras que não conseguem. Pessoas que trabalham... Que é comerciante, consegue numa rapidez, numa facilidade. (Família 25)

Como demonstra esta fala, além dos privilégios de matrícula nos estabelecimentos de ensino, os favorecidos e os influentes possuem também o controle e acesso a estas escolas, indicando alunos ao preenchimento das vagas.

Minha mãe conhecia uma professora de lá, então contou com essa pro... Com essa amiga dela que pediu pra coordenadora dar a vaga pra ela. Já tava tudo certo... Que minha mãe tinha esse conhecimento lá, ela fez pré-matrícula pra não dizer que não tinha feito, e já ela entrou mesmo. (Família 30)

Por outro lado, sem recursos para efetivar suas escolhas as pessoas “comuns” tendem a desenvolver estratégias para concretizar seus objetivos. Como ressaltai, o funcionamento deste quase-mercado não se encontra oculto para os atores envolvidos nessa situação particular, nem tão pouco são desconhecidos os caminhos que levam ao acesso destas escolas.

Como nos demonstra uma das mães:

Só ir lá (Escola Prestígio 1) e dar o nome é muito difícil. Tem muita gente querendo entrar pra escola e são poucas vagas né? Ai se você conhece alguém lá e que conhece alguém é mais fácil. (Família 41)

Desta forma, o desenvolvimento das estratégias familiares vai em direção de contatar as pessoas que tem envolvimento próximo com essas escolas (que façam parte da rede central ou tenham acessibilidade à mesma), na expectativa de que seus nomes sejam indicados para direção da escola.

Fui fazer matrícula e não tinha vaga. Aí, tivemos que recorrer a pessoas da usina pra conseguir pra ele (filho). Eram chefões na usina e só ligavam pra lá e a vaga já estava lá, aí mandava a gente ir fazer matrícula. (Família 3)

A utilização das redes sociais nesse sentido busca tornar possíveis as oportunidades de matrícula por parte das famílias comuns, que, via normas gerais do processo, teriam possibilidades muito limitadas.

Geralmente, são estabelecidos contatos através de pessoas que trabalham diretamente na Eletronuclear, ou pessoas que graças a algum destaque podem auxiliar a matrícula nestes estabelecimentos privilegiados.

Meu marido tem colega lá na Praia Brava, e eu pedi pra ele ver o nome dela e tudo. Ai ele falou que ta lá já na mão da diretora. (Família 26)

É interessante também notar como essas ajudas são geradas e suas motivações. Alguns autores atentam que ajuda é fornecida com base na espera de retribuição futura por parte daqueles que a promovem. Contudo, no caso dessa pesquisa, não foi verificada nenhuma retribuição formal concretizada pelas famílias que recebem auxílio.

Em caminho oposto, algumas famílias entrevistadas disseram que, a pedido de quem as recomendou a escola, eles não deveriam revelar seu nome. Enfatizamos que em todos esses casos os entrevistados revelaram que as pessoas que os ajudaram trabalham dentro dos estabelecimento de ensino de prestígio.

Consegui a... Na base do peixe. Nem pode falar isso, mas tinha já um conhecido lá que tentou muito. Essa pessoa lá tentou bastante e conseguiu essa vaga pra mim. Ela me ajudou, mas ela correu muito atrás mesmo para conseguir, porque não é fácil conseguir vaga lá não. Todo ano tem a pré matrícula, mas é complicado conseguir vaga lá. (Família 34)

O trabalho de Granovetter (1973) e a formulação desenvolvida por ele como *the strength of weak ties* nos ajuda também a entender muitas estratégias desenvolvidas pelas famílias entrevistadas.

As pessoas “comuns”, mesmo que informadas, não dispõem de facilidades na hora de matricular seus filhos nem tem possibilidade de recorrer a pessoas próximas, que se encontram em situação semelhante. Desta forma, muitas destas famílias tendem a concretizar seus objetivos através de contatos com os quais não estabelecem um vínculo forte.

De maneira talvez vulgar, poderíamos dizer que as ajudas decorrem dos “amigos dos amigos”. São conexões indiretas com pessoas favorecidas ou influentes que permitem acesso ao benefício, neste caso a matrícula em estabelecimentos de prestígio.

Tem uma vizinha aqui de frente que diz que ela é muito amiga da diretora da Escola Prestígio 2, ela ia até ver para mim se conseguia pra ela (filha) estudar lá. (Família 5)

Meu cunhado que conseguiu pra mim, porque eu não tinha tempo de correr atrás né? Aí ele tinha uns colegas, aí ele conseguiu pra mim. Ele disse: não, eu vou conversar. Pode deixar que eu vou dar um jeitinho pra você. Agora não sei se ele tinha colegas, amigos do trabalho que conhecia gente lá dentro... (Família 21)

Ainda que não tenha sido o objetivo desta dissertação verificar como se estabelecem essas redes sociais e como os contatos são estabelecidos, algumas constatações não passaram despercebidas.

Pelas informações obtidas, as pessoas que promovem estas ajudas parecem ser movidas por sentimentos de homofilia, quando as trocas se estabelecem entre sujeitos que possuem alguma característica comum, e por uma espécie de solidariedade daqueles de quem provém a ajuda.

Não descartamos que essas ajudas possam ser motivadas por um caráter simbólico de atribuição de prestígio por parte de quem ajuda, ou simples medo de sofrer sanções por parte do grupo, quando estão inseridos em uma rede comum. Entretanto, foge ao nosso escopo analisar minuciosamente essas motivações.

5.4 ESTRATÉGIAS ESCOLARES

Como em toda situação de competição, estes estabelecimentos de ensino operam no sentido de manter ou elevar o *status* que ocupam na hierarquia local. Assim, frente às ações desenvolvidas pelas famílias, as escolas também dispõem de estratégias para alcançar seus objetivos.

Com base no cruzamento dos dados entre famílias e estabelecimentos pudemos concluir como se operam estas estratégias no limite da região estudada. Nas Escolas Populares e Populares Isoladas os processos de matrícula são claros, não existindo estratégias em si. As famílias têm fácil acesso a essas escolas, que em geral sempre apresentam vagas disponíveis.

Quando é, sai lá da creche, já vem pra Escola Popular 1 não tem problema não. (Família 17)

A escola anterior mandou os nomes deles, encaminharam pra Escola Popular 2. Eu não tive que fazer nada (Família 1)

Alunos que saem do oitavo ano da Escola Popular 2, das escolas municipais fazem aquela escolha pela internet, muito vem pra cá direto porque pedem os pais. Mas agora procura mesmo a gente tem é muito para o noturno, são aquelas pessoas de mais idade que trabalha o dia inteiro, então o noturno é sempre lotado. O fundamental a gente nunca teve problemas de vagas, mas sempre foi muito lotado também. (Direção da Escola Popular 3)

Final de ano o município abre pra pré-matrícula em todas as escolas públicas. Nós não fazemos pré-matrícula porque não existe procura de pré-matrícula pra nossa escola, não existe. Esse ano passado nós fizemos 3 pré-matrículas. Tem escola que faz muita pré-matrícula, a gente não consegue fazer porque a procura é muito baixa. (Direção da Escola Popular Isolada 1)

Eu fui lá (Escola Popular Isolada 2) e lá sempre tem vaga, entendeu? Lá sempre tem vaga pras crianças. (Família 20)

Quando terminava lá (Escola Popular 4B) tinha vaga garantida aqui (Escola Popular 4), mas pelo que vejo as pessoas não tem problema pra conseguir não. Normal! (Família 34)

Foram poucas as situações onde tivemos problemas de vaga no fundamental, mas mesmo assim sempre encontramos uma saída, mesmo que não seja a mais ideal pois trabalhar com turmas grandes é muito difícil. (Direção da Escola Popular 5)

Ele quando matriculei tinha sete anos, né? Foi a mesma documentação de sempre: certidão de nascimento, documentação dos pais, né? Foi Fácil. (Sobre a Escola Popular 6) (Família 23)

Nas Escolas Prestígio 1 e 2, os rigorosos processos de matrícula para as pessoas “comuns” parecem ir no sentido da escolha da direção por aqueles indivíduos que não irão trazer complicações disciplinares futuras. Contrariamente ao que pode se imaginar essas escolas privilegiadas não tendem a repelir os estudantes que não alcançam bons resultados. Nesse caso as estratégias são de selecionar previamente o público.

Possivelmente, como verificado em outras pesquisas (COSTA; KOSLINSKI, 2009) é ao longo da trajetória escolar que os estudantes vão sendo triados no interior dessas escolas, resultando em intenso processo de movimentação escolar.

Ao receberem alunos indicados pelos favorecidos e influentes, essas escolas, previamente, sabem quem são essas pessoas, suas características e de onde elas provêm. O que não acontece em processos normais de matrícula que estabelecem, por exemplo, que a vaga será ocupada por aquele que simplesmente chegar primeiro na hora da distribuição das vagas.

Ressaltamos que durante as entrevistas pudemos confirmar uma mudança muito grande no que diz respeito à direção da Escola Prestígio 2. Com a última troca na direção da escola ela se tornou muito mais acessível, visto que a matrícula passou a ser feita por ordem de chegada.

No dia que era o dia de fazer a matrícula tinha que chegar lá muito cedo. Pra não perder a vaga, eu dormi lá na porta da escola. Não só eu como várias pessoas. Aí, graças à Deus, consegui colocar os dois. Ela (diretora) me falou: olha, vai ter vaga, mas você tem que entrar na fila. Você tem que chegar aqui muito cedo pra você conseguir a vaga pra ele. Porque os primeiros que chegarem, a vaga é deles. (Família 7)

A grande maioria das famílias entrevistadas disse dormir na porta da escola para matricular seus filhos. Para essas famílias, essa é uma possibilidade real de conseguirem ter acesso a esta escola. Essa mudança se reflete no número de alunos do Parque Perequê recentemente admitidos, como demonstrou em números a diretora da escola.

Todavia, mesmo com essas medidas, muito apreciadas pela população local, ainda são mantidos os mecanismos de seleção do público. Confrontando os relatos de duas famílias, uma de pessoas “comuns” e outra de influentes, que fizeram a matrícula de seus filhos no mesmo ano, podemos perceber claramente essa segregação.

Com a menina eu tive que dormir de um dia pro outro na fila pra conseguir a vaga dela. Era uma fila enorme, aí chegavam lá no outro dia eles colocavam a quantidade de vagas, aí quem estava dentro daquela quantidade ficava, quem não estava ia embora, mas sempre teve por indicação, por debaixo dos panos. Isso aí não tem como. Sempre teve, entendeu? De pessoa de nem tá na fila lá e depois a gente vê que o filho tava lá. (Família 3)

Olha na época era meio complicado, tinha fila, tinha meio que dormir, mas graças a Deus eu não cheguei a pegar assim essa fase não, eu fui lá tranquilo, fiz a matrícula, consegui, graças a Deus não tive dificuldade não, na primeira eu já consegui, graças à Deus foi fácil. (Família 11)

Lamentavelmente não foi entrevistada a direção da Escola Prestígio 1, por isso as informações ficam apenas nos limites das famílias entrevistadas. Essas classificam como desconhecidos os processos de seleção da escola, porque elas preenchem a ficha de pré-matrícula e retornam posteriormente para saber se conseguiram. Diferentemente da Escola Prestígio 2, esta escola não divulga o número de vagas ou possui regras similares de matrícula.

Assim, apesar das semelhanças na estrutura e qualidade destes estabelecimentos, realçamos que existe uma diferença no acesso de pessoas “comuns” a estes estabelecimentos. Chamou-nos a atenção, também, a observação feita por uma mãe que tem a filha na Escola Prestígio 1. Segundo ela:

Na Escola Prestígio1, coincidentemente no dia que saiu a listagem dos alunos que tinham conseguido vaga eu fui buscar as notas da I., né? E assim, tinha uma folha de papel ofício com o nome das pessoas que conseguiram vagas, para todas séries! Desde o primeiro ano até o terceiro ano do ensino médio. Uma folhinha assim com os nomes, tinha umas trinta pessoas só que conseguiram vaga, dessas que fizeram matrícula assim... O que a gente conclui? Que as outras vagas foram preenchidas por pessoas que tinham conhecidos... (Família 30)

Como realizamos a entrevista com a direção da Escola Prestígio 2 posteriormente não pudemos deixar de atentar para esse detalhe quando fomos à escola. Curiosamente, também encontramos fixada na porta a lista de nomes dos alunos contemplados com a vaga. Diversamente, eram inúmeras listas com vagas em todos os anos de ensino que a escola possui. Não temos por intenção incentivar comparações entre os dois estabelecimentos de ensino privilegiados da região, mas foi impossível não observar esta diferença, também destacada pelos pais durante as entrevistas.

Outro fator que sinaliza os critérios discriminatórios destes estabelecimentos foi narrado por uma das mães ao contar sua própria experiência. Tão forte a revelação, que transcrevo na íntegra suas palavras:

Ela entrou lá porque ela tava no particular e a diretora... O colégio particular faliu na época. Esse colégio fazia até a quarta série, mas como ele faliu, aí não teve vez. Aí o que a diretora fez? Inscreveu ela na Escola Prestígio 1, e eu também já tinha inscrito uma vez antes. Aí ela passou, porque lá não é fácil arrumar vaga lá. É muito difícil, mas aí botou todas as crianças da série dela, né? Que tava passando pro C.A. (classe de alfabetização) Ela botou, a diretora inscreveu todo mundo lá, aí foi mais fácil para conseguir a vaga lá. (Família 19)

Entendemos que a procura para estes estabelecimentos de ensino é muito grande, e que é realmente impossível o acesso de todos. Todavia a fala anterior nos alerta que pode existir uma quantidade de vagas ociosas na escola que podem não estar sendo preenchidas. Em uma escola que atesta ter um número reduzido de vagas disponíveis é de se estranhar que sejam acolhidas turmas inteiras de uma escola particular falida.

Em suma, as estratégias escolares postam em ação por parte das escolas privilegiadas trilham o caminho de manter o *status* adquirido pelas mesmas, selecionando seu público através dos processos de matrícula. Enquanto isso, as demais escolas na região parecem agir puramente segundo as determinações gerais das instâncias responsáveis, abrindo suas portas a todo e qualquer indivíduo que necessite de seu serviço.

CONCLUSÕES

Partindo da escolha escolar como objeto de estudo sociológico, a pesquisa desenvolvida reafirma a hipótese levantada a cerca da existência de um quase-mercado educacional na cidade de Angra dos Reis.

Destacamos que, quando comparado aos resultados obtidos pelo grupo de pesquisa que estuda o fenômeno no estado do Rio de Janeiro, o quase-mercado nesta cidade apresenta certas particularidades. Em Angra dos Reis, ao menos na área estudada, todo o funcionamento desse quase-mercado parece estar regulado e impulsionado pelas redes sociais locais.

Acreditamos que esta diferença se deva à localização da pesquisa. Em uma cidade de dimensões menores, quando comparada a capital do estado, onde as pessoas estabelecem vínculos mais próximos e conhecem com riqueza de detalhes o funcionamento das redes sociais e escolares, estratégias específicas são postas em ação, influenciando todo o funcionamento desse quase-mercado.

Por outro lado, o papel representado pela Eletronuclear como “financiadora” das escolas Prestígio 1 e 2 confere outra dimensão ao quase-mercado local. Regulamentando o acesso a estes estabelecimentos por um determinado público, em outras palavras atuando na seleção dos alunos, essa associação entre escola e empresa parece acirrar a disputa das famílias locais por uma vaga nestas escolas, bem como assegura o prestígio destacado das duas escolas.

Como defendeu Castells (1999), as redes sociais possuem o poder de modificar a operação e os resultados de determinados processos, tornando-se fontes de dominação e transformação de nossas sociedades, exatamente como pudemos verificar. A influência da rede composta pela Eletronuclear, e seus funcionários com os estabelecimentos de prestígio da região provoca a exclusão das famílias que se encontram nas redes periféricas.

As redes sociais se tornam, desta maneira, um processo que exige certa atenção. Diferentes grupos possuem distintos objetivos, que também variam em níveis de poder. Assim as metas de um determinado grupo podem ir contra as estratégias postas em ação por outros.

A negociação das ambições se torna então uma luta desigual. De um lado, as redes surgem como possibilidade de superação da segregação e do isolamento de alguns indivíduos, entretanto, estando localizados periféricamente à rede central estes sujeitos não possuem poder sobre a estrutura. De outro, desfrutando do poder que lhe é reservado, a rede central mantém seu *status*, também pelo controle do acesso aos estabelecimentos de prestígio da região.

Considerando que as redes são o conceito adotado para compreender um emaranhado de relações que se desenvolvem em diversos níveis, as famílias da rede periférica buscam criar caminhos que os levem à concretização de suas metas. Como foi exposto nos resultados, o acesso a estes estabelecimentos é controlado pelo poder da rede central. Desta forma a maneira mais eficaz de alcançar as escolas de prestígio local é através desse grupo.

O capital social se transforma assim em peça fundamental deste quase-mercado. Neste caso particular, obtido graças à força dos laços fracos, como afirmou Granovetter (1973), estabelecidos principalmente em ambientes institucionais, como local de trabalho e cultos religiosos.

Analisando o funcionamento deste quase-mercado mais detalhadamente, concordamos parcialmente com Ball (1995). Na verdade o mercado enquanto disputa só existe para um determinado grupo. No caso desta rede de ensino o grupo formado pelas escolas de prestígios e as famílias influentes e favorecidas, através do patrimonialismo exercido, não demonstram ser difícil manter a posição que ocupam.

Historicamente os rigorosos processos de matrícula contribuem para lhe garantir o status local. Ainda, institucionalizando o mercado escolar como legítimo perante a população.

Ball (1995) também ressalta que a qualidade do produto que compramos depende daqueles que nos acompanham na compra. Selecionando os alunos que serão matriculados nesses estabelecimentos é, sem dúvidas, fácil que se obtenham bons resultados. Entretanto, os resultados que obtivemos indicam que o sucesso destes estabelecimentos pode estar também nas particularidades que os diferenciam das outras escolas, em grande parte, proporcionadas pelo apoio da Eletronuclear³⁵.

Essas particularidades permitem associar, em quase totalidade, as escolhas familiares desta pesquisa as estratégias de evitamento, preventivas e, principalmente, de distinção citadas por Langouet & Leger (1991 apud NOGUEIRA 1998b).

Exemplos foram apresentados de que o desempenho acadêmico do estabelecimento não se encontra como referência à escolha para determinados grupos familiares. Por isso, o *status* que as Escolas Prestígio 1 e 2 possuem, construídos historicamente, parece ser o grande atrativo destes estabelecimentos. Conclui-se que existem escolas aparentemente iguais que são desigualmente atrativas (BARROSO; VISEU, 2003).

³⁵ Nos últimos anos, através de convênios, a empresa vem constantemente aplicando recursos na melhoria educacional e estrutural dos colégios estaduais localizados nas vilas residenciais de Praia Brava e Mambucaba. A Eletronuclear já investiu quase R\$ 9 milhões nos últimos anos em equipamentos, obras de manutenção, material e treinamento de professores. (Fonte: <<http://www.eletronuclear.gov.br>>)

Para os moradores locais a matrícula nesses estabelecimentos representa mais do que a oportunidade de verem seus filhos estudando com qualidade, para muitos é crucial que seus filhos estejam em uma escola que possui um bom *status*, socioeconomicamente falando, que se localizam em vilas residenciais, tendo ônibus particulares que os conduzam, entre outros diferenciais já citados.

Assim as escolas que são englobadas em posição subalterna por esse fenômeno são marcadas por uma forte hierarquia, sofrendo muitas vezes com estigmas por parte da população local, que tende a classificar as escolas conforme aspectos visíveis, como estrutura e composição social de seus alunos.

Resultados internacionais, como o de Holme (2002), sinalizam que associar a qualidade da escola ao público que ela recebe é uma tendência geral. Também como demonstrou Van Zanten (2005), pela falta de informação o perfil econômico e sócio-cultural é a maneira mais racional que as famílias encontram para classificar uma escola.

Não temos por intenção argumentar em favor da instituição de políticas públicas que regularizem a escolha escolar, contudo, é importante atentar para os problemas que a falta de regulação pode causar em situações de quase-mercado escolar oculto. As pessoas, impulsionadas ou não, efetuam suas escolhas, porém constrangimentos sociais econômicos limitam as alternativas que se apresentam como disponíveis.

O quase-mercado escolar quando não regulamentado é um mecanismo que tendem a reproduzir desigualdades sociais, que por sua vez serão transformadas em vantagens e desvantagens escolares (Costa, 2008). Em Angra dos Reis, as hierarquias estabelecidas no interior das redes se transformam e refletem em hierarquia de oportunidades escolares.

Contribuem para esse fenômeno, de uma lado, as estratégias familiares e, de outro, as estratégias escolares estabelecidas pelas Escolas Prestígio 1 e Prestígio 2. Por sua vez, no lado dos estabelecimentos, é necessário atentar que por trás dos rigorosos processos de matrícula existe um grave problema, o uso patrimonial de um bem que deveria ser público.

Brinkerhoff e Goldsmith (2002) alertam que o patrimonialismo pode apresentar diversas formas de acordo com o contexto em que essa prática em está inserida, sendo extremamente difícil sua identificação e remoção.

Weber (1947, apud Brinkerhoff e Goldsmith 2002) descreve o patrimonialismo como situações onde o aparato administrativo está voltado a beneficiar seus próprios líderes. Encaixando-se exatamente na situação de controle das escolas de prestígio estudadas por sua “madrinha” a empresa Eletronuclear.

Algumas características levantadas por esses autores contribuem para exemplificar como se opera o patrimonialismo nessa região:

- Administrators are recruited and promoted as reward for personal connections with political leaders;
 - There is an unspoken hierarchy, with little specialization or specification of output and uncertain reporting channels;
 - The public and private realms are blurred;
 - Administrators' actions are arbitrary based on subjective reasoning, and follow ad hoc procedures;
- Rules are applied with partiality and some citizens get preferential treatment. (Brinkerhoff e Goldsmith, 2002, p. 7)

O que se torna importante atentar é que enquanto a parte envolvida na administração burocrática, no caso dos funcionários da Eletronuclear possuem vantagens no acesso a estes estabelecimentos, uma ampla parte dos segmentos da população local é excluída das oportunidades que essas escolas oferecem. Uma breve explanação sobre o trabalho citado demonstra exemplos de exclusão social que podem ocorrer:

[...] It breeds inequity because it excludes individuals who have no assets with which to negotiate. More prosperous people who lack patrons due to ethnicity or partisan affiliation may also be left without access to work or land and other factors of production. (Brinkerhoff e Goldsmith, 2002, p. 20-21)

Em minha trajetória escolar também utilizei as redes sociais para o acesso a Escola Pretígio 1 e sei o quanto a educação obtida fez diferença na vida escolar que trilhei posteriormente, todavia, não tinha idéia do quanto este é um processo discriminatório.

Atribuir a oportunidade de acesso a estes estabelecimentos à sorte de conseguir um contato eficaz, que proporcione a matrícula, exclui um grande número de estudantes que talvez poderiam ter um futuro escolar diferente, prosseguindo os estudos e se aperfeiçoando profissionalmente.

Pessoalmente valorizo o apoio dado por empresas particulares no campo educacional, claro quando bem planejados. Porém espero que todos tenham acesso igualitário a este benefício, o que não foge em nada do proposto por qualquer projeto sócio-educacional, e como também eles se propõem a realizar:

A Eletrobras Eletronuclear patrocina a realização de projetos de natureza técnico-científicas, culturais, sócio-ambientais, educacionais e esportivas como parte de sua estratégia de relacionamento com seus públicos de interesse e como forma de integração com a comunidade por meio de atitudes socialmente responsáveis. Os critérios de seleção obedecem às instruções da Secretaria de Comunicação da

Presidência da República e estão alinhados à Política de Patrocínios do Sistema Eletrobrás.

Os projetos submetidos para análise da Eletrobras Eletronuclear deverão considerar:

- 1) Igualdade, democratização do acesso ao público de bens, produtos e serviços resultantes dos projetos patrocinados; [...]³⁶

Se a democratização do acesso a estes estabelecimentos é a própria proposta que este apoio estabelece, desejo apenas que se façam cumprir as determinações. Ter a oportunidade de estudar em boas escolas é um problema que afeta a maioria de nosso país. Certamente, em Angra dos Reis essa dificuldade não afeta a todos da mesma maneira.

Nesta cidade, as oportunidades variam de acordo com a procedência dos indivíduos ou fazendo uma aproximação do que Bourdieu (1980) chamou de capital social herdado, de se possuir o “sobrenome” que lhe garanta o acesso às escolas de prestígio locais, Eletronuclear!

³⁶ Fonte: <<http://www.eletronuclear.gov.br>>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONAMINO, Alicia; ALVES, Fátima; CAZELLI, Sibeles e FRANCO, Creso. **Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman.** Revista Brasileira de Educação, v. 15, n. 45, p. 487 -594, set./dez. 2010

AQUINO, Jakson Alves. **As teorias da ação social de Coleman e de Bourdieu.** Humanidades e Ciências Sociais, v. 2, n. 2, p. 17- 29. 2000.

BAERT, Patrick. **Algumas limitações das explicações da escolha racional na ciência política e na sociologia.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 12, n. 35, fev. 1997.

BRINKERHOFF , Derick W e GOLDSMITH, Arthur A.. **Clientelism, Patrimonialism and Democratic Governance: An Overview and Framework for Assessment and Programming.** U.S. Agency for International Development Office of Democracy and Governance under Strategic Policy and Institutional Reform. USA: 2002.

BALL, Stephen J. (1995). **Mercados educacionais, escolha e classe social: o mercado como uma estratégia de classe.** In: GENTILI, Pablo (org.). (1997). Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação. Petrópolis: Vozes, 1997.

BARROSO, João e VISEU, Sofia. **A emergência de um mercado educativo no planejamento da rede escolar: de uma regulação pela oferta a uma regulação pela procura.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 24, n. 84, p. 897-921, set. 2003.

BERENDS, M. and ZOTTOLA, G. C.. **Social Perspectives on School Choice.** In: Berends et alli, Handbook of Research on School Choice. New York/London: Routledge, 2009. Cap. III, p. 35-53.

BOURDIEU, Pierre. “**Le capital social – notes provisoires**”, publicado originalmente in Actes de la recherche en sciences sociales, Paris, n. 31, janeiro de 1980, p. 2-3. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (org.). Escritos da Educação. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. 1930-2002. **A Distinção: crítica social do julgamento** / Pierre Bourdieu. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), 2009. . Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>

BROOKE, Nigel e SOARES, José Francisco. **Pesquisa em Eficácia Escolar: origens e trajetórias** / Nigel Brooke e José Francisco Soares, organizadores. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CASTELLS, Manuel, 1942. **A sociedade em rede** / Manuel Castells – (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1) – São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COLEMAN, James S. 1926 - **Foundations of social theory** / James S. Coleman. Harvard University Press Ed., 1994.

COSTA, Marcio. **Prestígio e Hierarquia escolar: estudo de caso sobre diferenças entre escolas em uma rede municipal**. Revista Brasileira de Educação, v.13, n. 9, p. 455-469, set./dez. 2008.

_____ ; KOSLINSKI, Mariane C. **Escolha, estratégia e competição por escolas públicas: pensando a ecologia do quase-mercado escolar**. ANPOCS, 2009.

COSTA, Rogério da. **Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva**. Interface – comunicação, saúde, educação, v. 9, n. 17, p. 235-248, mar./ago. 2005.

DALE, Roger. **A Promoção do mercado educacional e a polarização da educação**. Educação Sociedade & Culturas, n. 2, 109-139. 1994.

DIOGO, A. M. **Estratégias de famílias e escolas: composição social e efeitos de escola**. Trabalho apresentado no I Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da Educação – família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil/Portugal. Belo Horizonte, FAE/UFMG, 2008.

ELIAS, Norbert 1897-1990. **A sociedade dos indivíduos** / Norbert Elias; organizado por Michael Schöter; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FEREJOHN, John e PASQUINO, Pasquale. **A teoria da escolha racional na ciência política: conceitos de racionalidade em teoria política**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 16, n. 45, p.5-24, Fev. 2001.

GRANOVETTER, Mark. **The strength of weak ties**. American Journal of Sociology, Chicago, v.70, n. 6, p. 1360-1380, May 1973.

_____. **Ignorance, knowledge, and outcomes in a small World.** Science, v. 301, p. 773-774. August, 2003.

_____. **The myth of social network analysis as a special method in the social sciences.** Sunbelt Social Networks Conference. San Diego, february 1990.

HOLME, J. J. **Buying homes, buying schools: school choice and the social construction of school quality.** Harvard Educational Review, v. 72, n.2, p.177-205. 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **IBGE – Cidades@.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat>>

LANNA, Marcos. **Nota sobre Marcel Mauss e o Ensaio sobre a dádiva.** Rev. Sociologia Política, Curitiba, n. 14, p. 173-194, jun. 2000.

LE GRAND, J. **Quasi-Markets and Social Policy.** The Economic Journal, v. 101, n. 408, p. 1256-1267, 1991.

MARQUES, Eduardo C. L.. **Redes sociais e poder no estado brasileiro: aprendizagens a partir das políticas urbanas.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 21, n. 60, p. 15-41. 2006.

_____. **Os mecanismos relacionais.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 22, n.64, p. 157-161. 2007.

_____. **As redes sociais importam para a pobreza urbana? DADOS – Revista de Ciências Sociais,** Rio de Janeiro, v. 52, n. 2, p. 471-505. 2009.

_____. **As redes sociais importam para o acesso a bens e serviços fora de mercados?** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 24, n. 71, p. 25-40. Out. 2009.

MARTELETO, Regina Maria. **Análise das redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação.** Ciência da Informação, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-80, jan./abr. 2001.

_____. ; SILVA, Antonio Braz de Oliveira. **Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local.** Ciência da Informação, Brasília, v. 33, n. 3, p. 41-49, set./dez. 2004.

McPHERSON, Miller; SMITH-LOVIN, Lynn e COOK, James M.. **Birds of a feather: homophily in social networks**. Annual Review of Sociology, v. 27, p. 415-444, 2001.

NOGUEIRA, M. A. **Relação família-escola: novo objeto na sociologia da educação**. Paidéia. FFCLRP, Rib. Preto, fev./ago. 1998.

_____. **A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: A ação discreta da riqueza cultural**. Revista Brasileira de Educação, v.7, p.42-56, 1998b.

_____. **A Relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social / interrogações sociológicas**. Análise Social, vol. XL (176), p.563-578, 2005.

_____. ; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu & a educação** / Maria Alice Nogueira, Claudio M. Martins Nogueira. – 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PORTES, Alejandro. **Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea**. Sociologia, problemas e práticas, n. 33, p. 133-158. 2000.

SABOURIN, Eric. **Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 23, n. 66, p. 131-138, fev. 2008.

SEIBEL, Erni J. e OLIVEIRA, Heloisa M. J. **Clientelismo e seletividade: desafios às políticas sociais**. Revista de Ciências humanas, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 135-145, Abr. 2006.

SOUZA, S. Z. L. & OLIVEIRA, R.. P. (2003) **Políticas de Avaliação da Educação e Quase Mercado No Brasil**. Educação & Sociedade, vol. 24, n. 84, p. 873-895.

VAN ZANTEN, Agnes. **Efeitos da Concorrência sobre a Atividade dos Estabelecimentos Escolares**. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 126, p. 565-593, set./dez. 2005.

YAIR, G. **School Organization and Market Ecology: a Realist Sociological Look at the Infrastructure of School Choice**. British Journal of Sociology of Education, v. 7, n. 4, p. 453-471, 1996.

ANEXOS

ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PAIS:

I – Composição e informações gerais

- 1- Qual a sua escolaridade?
- 2- Qual a sua atividade profissional?
- 3- Qual o seu estado civil?
- 4- Qual o bairro que reside?
- 5- Quantos filhos têm? Quantos meninos e quantas meninas?
- 6- Qual a idade do seu filho(s)?
- 7- Onde cada um estuda e em que série?
- 8- Em que turno?
- 9- Onde fica a escola do seu(s) filho(s)?

II – Avaliação das escolas dos filhos

- 10- Por que escolheu essa escola?
 - *Foi escolha?*
 - *Foi designação da CRE ou escola?*
 - *Foi indicação de alguém? Como?*
 - *Trocas de escolas? Por quais razões?*
 - * *Qual dos seus filhos estuda na melhor escola? Por quê?*
 - * *Quais critérios a senhora usou para alocar seus filhos em escolas diferentes?*
- 11- Essa é a escola que você gostaria que o seu filho estudasse?
- 12- Quais seriam as suas expectativas sobre a escola do seu filho?
- 13- Você considera a escola do seu filho uma boa escola? O que a diferencia das demais?
- 14- O que seria, na sua opinião, uma boa escola?

III – Percepções sobre acesso às escolas

- 15- Como seu filho teve acesso a essa escola? Foi difícil conseguir a vaga? Teve indicação de alguém?
- 16- Que escolas da região são mais procuradas (populares)?

17- O que sabe sobre como conseguir vagas nessa(s) escola(s)?

IV – Percepções sobre diferenças entre estudantes

18- Os amigos do seu filho e/ou crianças da sua região estudam em outras escolas? Quais?

V – Permanência

19 - Seu filho já estudou em quantas escolas? Por quê?

ANEXO B - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS DIRETORAS

I – Apresentação (levantamento histórico de sua formação)

- 1- Sua formação?
- 2- Quantos anos de profissão?
- 3- Quando passou no concurso foi para a escola que gostaria?
- 4- Já lecionou na rede particular?
- 5- Quantas escolas já trabalhou?
- 6- Qual (is) escola(s) trabalha atualmente?
- 7- Quantos anos trabalha na escola atual? Quantos anos como professor e quantos anos como diretor?
- 8- Já trabalhou como diretor antes? Quanto tempo? Que tipo de escola? Qual motivo ocorreu a mudança? Eram melhores ou piores?

II – Perfil da comunidade e acesso

- 9- Como essa escola é vista pela comunidade?
- 10- Você concorda com essa opinião da comunidade?
- 11- A escola em que trabalha, é considerada de alto prestígio? Por quê? O que você acha que a diferencia das demais?
- 12- Existe muita procura de pais querendo matricular seus filhos nessa escola? Sempre foi assim?
- 13- Os alunos dessa escola moram pela redondeza?
- 14- E você como vê o alunado dessa escola?
- 15- Os alunos dessa escola vem de quais escola normalmente?
- 16- Tem muita evasão de aluno? Por quê?
- 17- Tem muita troca? Por quê?
- 18- Como é o processo de definição de quem se matricula na escola?
- 19- E quando tem mais candidato que vaga, como faz? (interferência)

III – Gestão

20- Quais são suas medidas para fazer a escola funcionar? Como se organiza a gestão?

21- Como você lida com um aluno problema?

22- Como ocorre a organização das turmas? E dos turnos?

IV – Seleção de permanência

23- Existe algum convênio com outras escolas de maneira que haja reserva de vagas ou uma pré-seleção de estudantes? Como funciona?

24- Quando não tem convênio os alunos conseguem entrar na escola? Como?

ANEXO C- DADOS PROVA BRASIL

Tabela 3 – Prova Brasil

ESCOLA	DISCIPLINA	ANO - 2005	ANO - 2007
Escola Prestígio 1	Língua Portuguesa 4º série	-	198,34
	Língua Portuguesa 8º série	236,26	248,62
	Matemática 4º série	-	225,69
	Matemática 8º série	254,93	260,61
Escola Prestígio 2	Língua Portuguesa 4º série	199,03	196,65
	Língua Portuguesa 8º série	261,55	239,87
	Matemática 4º série	202,44	207,96
	Matemática 8º série	271,41	248,45
Escola Popular 1	Língua Portuguesa 4º série	198,26	210,76
	Língua Portuguesa 8º série	-	-
	Matemática 4º série	215,92	242,04
	Matemática 8º série	-	-
Escola Popular 2	Língua Portuguesa 4º série	182,87	173,35
	Língua Portuguesa 8º série	234,15	234,77
	Matemática 4º série	183,02	190,54
	Matemática 8º série	236,46	220,54
Escola Popular 3	Língua Portuguesa 4º série	-	160,23
	Língua Portuguesa 8º série	226,08	222,10
	Matemática 4º série	-	170,21
	Matemática 8º série	243,49	228,68
Escola Popular 4	Língua Portuguesa 4º série	181,44	194,67
	Língua Portuguesa 8º série	221,15	227,56
	Matemática 4º série	195,47	212,06
	Matemática 8º série	235,36	226,91
Escola Popular 5	Língua Portuguesa 4º série	160,38	157,83
	Língua Portuguesa 8º série	236,14	214,49
	Matemática 4º série	163,87	193,18
	Matemática 8º série	234,29	219,69
Escola Popular 6	Língua Portuguesa 4º série	170,76	172,17
	Língua Portuguesa 8º série	-	222,51
	Matemática 4º série	178,28	198,63
	Matemática 8º série	-	219,07
Escola Popular Isolada 1	Língua Portuguesa 4º série	-	174,91
	Língua Portuguesa 8º série	-	-
	Matemática 4º série	-	185,78
	Matemática 8º série	-	-
Escola Popular Isolada 2	Língua Portuguesa 4º série	-	190,63
	Língua Portuguesa 8º série	-	-
	Matemática 4º série	-	222,86
	Matemática 8º série	-	-

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira / Ministério da Educação (MEC).